

VALTER DA ROSA BORGES

**A REALIDADE E AS QUESTÕES
EXISTENCIAIS**

Edições Bagaço. Recife - 2005

Todos nós somos um resultado alquímico das nossas experiências pessoais e interpessoais e de um conhecimento compósito pela influência intelectual dos outros. Por isso, embora busquemos a coerência, somos, algumas vezes, paradoxais. Principalmente quando não nos abrigamos na aparente segurança da especialização, mas nos aventuramos na complexidade tumultuosa da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade dos saberes. Essa odisséia cognitiva, assim como no mito, está pontilhada de perigos e desafios, onde nem sempre se é vitorioso ou isento de contusões e incompreensões.

Faço parte do grêmio daqueles que desprezam os rótulos e não se intimidam nem se abalam com os paradoxos e as perplexidades resultantes das interações entre as mais diversas áreas do conhecimento. O saber é sempre uma viagem de ignorado destino e se estagnaria e apodreceria se permanecesse em algum porto de amarração.

Este livro é uma jornada pessoal embora possa ser compartilhada por aqueles que sintam a mesma afinidade pelo saber como aventura e o mesmo deslumbramento pelo mistério do homem e do universo. A polêmica, quando construtiva, é oxigênio da vida intelectual, porque o isolacionismo de uma crônica solidão, mesmo quando voluntária, a ninguém beneficia, inclusive o próprio solitário. À semelhança da sístole e diástole da atividade cardíaca, a vida intelectual ideal é aquela que se alterna em recolhimento e relações interpessoais, na permuta de idéias e ideais.

Um livro, infelizmente, é estático. É um momento do nosso pensar imobilizado a partir do tempo de sua publicação. Uma nova edição pode ampliar ou retificar o nosso pensamento, o qual, porém, na edição anterior, já deixou sua impressão, às vezes indelével, no pensamento dos leitores. Assim, as modificações numa edição atualizada podem não ser percebidas, pela influência da leitura anterior, ou recebidas com aprovação ou reprovação dos leitores. Na atividade intelectual de um livre-pensador, o pensamento expresso não tem a obrigação de ser mantido. Não é uma dívida de coerência, mas a possibilidade de paradoxos ante as novas perspectivas decorrente da mutabilidade das coisas. O pensamento não é uma estátua, mas uma ventania levantando o pó das estradas. É mais um furacão devastador do que a serenidade majestosa das montanhas, quando desprovidas de atividade vulcânica.

Não me detive em delimitar fronteiras cognitivas, mas ousei penetrar no território ainda pouco explorado das confluências inter e transdisciplinares. Aliás, o livre-pensador vive em permanente odisséia, enfrentando os mais diversos riscos, em infortúnios e galardões, apupos e aplausos, consciente de que sua Penélope pode ser uma meta inatingível. Uma vez posto no mundo, ele está exposto, e tudo o que propõe e lhe é proposto deve ser livremente aceito ou refutado, mas jamais imposto.

Este livro, portanto, é a minha concepção transitória do mundo com a qual não me comprometo e nem busco convencer os outros, porque, afinal, tudo o que penso, digo e escrevo é o resultado do que estou provisoriamente convencido, mesmo consciente dos meus paradoxos.

O Homem é um ser em permanente reconstrução de si mesmo e do ambiente em que vive. E a Humanidade é uma aventura milenar na busca incessante de novos caminhos para garantir a sua sobrevivência até o apocalipse da Terra daqui a bilhões de anos, ou a qualquer tempo, provocado pelo mau uso da ciência e da tecnologia a serviço de interesses econômicos, políticos e militares.

Prefiro acreditar que isso não acontecerá, porque, como a História vem constatando, os imperialismos também morrem e a humanidade, apesar dos danos sofridos, permanece.

Por isso, não creio nos homens, quando na condição de governantes, quase sempre embriagados e ensandecidos pelo poder, mas no gênero humano, que prossegue a sua jornada no universo, graças ao trabalho de pessoas especiais, nos mais diversos campos do conhecimento, que foram, são e sempre serão os seus infatigáveis guardiões no curso dos séculos e milênios.

Valter da Rosa Borges

A REALIDADE

A realidade é a maior de todas as questões metafísicas.

Como seres individuais, só podemos conhecer setorizadamente a realidade. Jamais conheceremos a realidade total. E a realidade, como a percebemos, é um mistério porque está sempre a mudar. Só podemos conhecer o que não muda. Por isso, buscamos inutilmente o imutável apesar de estarmos mudando e de tudo estar mudando.

A coerência é uma invenção humana que mantém a ilusão da permanência. É a tentativa de compreendermos a realidade, porque nos perturbamos com a contradição e o paradoxo.

Se tudo for imutável, tudo será previsível e, portanto, passível de controle. Se tudo for parcialmente imutável, só a parte imutável será previsível e controlável. Mas, se tudo for mutável, tudo será imprevisível e, portanto, incontrolável.

A realidade, para nós, é aquilo que percebemos ou que organizamos. Por isso, jamais poderemos livrar-nos, totalmente, do antropomorfismo e do antropocentrismo. Nada sabemos sobre o que nos é imperceptível.

Se não podemos entender a realidade em sua totalidade também não podemos entendê-la em suas unidades mais simples, ainda não encontradas pela ciência. Microcosmo e macrocosmo parecem não ter fim. Tanto em uma direção como em outra viajamos para o infinito.

Embora saibamos que a realidade nem sempre é como se nos parece, são as aparências que nos guiam, conquanto não sejam confiáveis.

Há ilusões que sabemos que são ilusões, mas nos comportamos em relação a elas como se fossem verdadeiras. E há ilusões que não sabemos que são ilusões e, por isso, temos a convicção de que são verdadeiras.

Nunca saberemos *por que* e *para que* o universo e todos os seres existem. *Por que* o que é não é de outro modo. E *por que* e *para que* somos conscientes e vivemos a perguntar o *por quê* e o *para quê* das coisas. Tudo o que dissermos sobre isso não passará de especulação filosófica ou de crença religiosa.

Nunca saberemos o quanto não sabemos sobre a realidade. Ela é, para nós, como a percebemos e como imaginamos que ela seja.

Todas as coisas parecem feitas de partículas cada vez mais ínfimas de nenhuma coisa. A mais ínfima partícula que a ciência, um dia, possa encontrar talvez não seja a substância última da realidade, mas sim o limite da nossa tecnologia.

A realidade é objetiva quando as subjetividades dos observadores interagem entre si, resultando em consensualidade. Ela não é apenas o que percebemos, mas também o que não percebemos. Não somente o visível, mas ainda o invisível.

Vivemos mais da ficção, do mito, do fantástico do que da chamada realidade objetiva.

Nada é real em si mesmo: tudo é real nas conexões. Ou seja, tudo é enquanto está em conexão. É ela que nos dá a impressão de que a realidade tem núcleo.

Nenhum fenômeno é ilusório, mas apenas transitório. Os fenômenos são pulsações do real, embora o real permaneça incógnito na sua plenitude. Assim, eles são momentos fugazes da realidade perene.

É possível que haja infinitos níveis da realidade, sendo o mundo físico um deles. O que denominamos de realidade é o conjunto de relações de um mesmo nível. Essas relações são resultantes de interações e constituem a “matéria” de um determinado nível fenomênico.

Podemos postular que esses níveis se entrelaçam entre si, formando uma infinita rede de interações que apresentam variações, porque cada um dos níveis da realidade tem a sua característica própria.

A realidade resulta das relações entre todos os seres da mesma espécie. Ela se constitui pelo consenso de observadores e muda quando ocorre mudança nesse consenso. Assim, a rigor, não há realidade, mas realidades, que interagem ou não entre si.

Essa realidade consensual é objetiva quando as subjetividades dos observadores interagem entre si.

Não há uma realidade objetivamente organizada, mas uma realidade objetivada segundo a estrutura perceptual de cada espécie, produzindo a impressão de uma realidade comum aos seus indivíduos.

Os progressos da ciência e da tecnologia vêm, gradativamente, aumentando a nossa capacidade perceptual, visibilizando o que era invisível e comprovando que o real não é tão-somente o que reage à nossa sensorialidade. A estrutura sensorial detecta apenas uma insignificante parcela da realidade.

Se, como afirmam alguns cientistas, o universo é constituído, na sua quase totalidade, de matéria escura, a luz é um acidente da escuridão. A matéria luminosa, que emite radiação eletromagnética, é apenas uma parcela insignificante de toda a matéria. Assim, não podemos sequer imaginar a dimensão da realidade invisível. A luz é o nosso modo de ver uma ínfima parcela da realidade. Ver, para nós, é um ato de luz.

Denominamos de real o que é físico e, por isso, acreditamos que só o físico é real. O sonho é real, mas irreal se comparado com o físico. Por sua vez, o físico é irreal se comparado com o onírico. O virtual é um sonho induzido por um jogo de computador. O sonho é o virtual induzido por um estado orgânico.

A realidade virtual, oferecida por programas de computadores, se torna sucedânea da realidade porque simula situações que, um dia, poderão tornar-se concretas. O computador antecipa vivências e propicia amostragens experienciais de uma *nuvem de probabilidades* que nós denominamos de futuro.

A realidade, para nós, é sempre material, pois matéria é o modo como decodificamos o real. À medida, portanto, que ampliamos as nossas extensões sensoriais, com o auxílio do arsenal tecnológico, enlarguemos o nosso mundo físico, tanto em nível microcósmico quanto em nível macrocósmico. A matéria, portanto, não é ilusória. Ilusória é a crença de que a matéria, isto é, a nossa forma de interagir com a realidade, é toda a realidade. Assim, há, possivelmente, infinitos níveis de realidade e cada qual com a sua “materialidade” própria.

Então, é de se perguntar: se a matéria é a forma, como os nossos sentidos decodificam a realidade, o que são, afinal, a realidade e o observador? Sentimo-nos reais, mas não sabemos o que é a realidade, do mesmo modo como somos seres vivos e não sabemos o que é a vida. Também não sabemos o que somos e porque somos estruturados deste jeito, percebendo a realidade segundo nosso modo de ser.

A cada momento, inventamos a realidade. O que chamamos de real físico é o colapso do real virtual, ou seja, é a atualidade de uma potencialidade, embora não saibamos o processo dessa seletividade, que produz a contínua conversão de potencialidade em atualidade.

No universo cultural, o real é a probabilidade que se realiza indefinidamente pela ação reiterada e simultânea dos membros de uma sociedade. Ou seja, cada cultura fabrica continuamente a sua realidade.

Tudo são probabilidades, e o que chamamos de real é a probabilidade que aconteceu. Logo, a probabilidade é a causa e a matriz do real, porque, como seres acontecidos, só consideramos real o acontecido.

A MATÉRIA

De que é feita a realidade?

Se a matéria é o modo como nos sentimos reais assim como os seres e as coisas com os quais interagimos, seria redundante dizer que ela nos parece ser o fundamento da realidade.

Como a realidade física é constituída de átomos, tudo é essencialmente a mesma coisa e a diversidade não passa de aparência. Pedra, madeira, carne são aparências diversificadas do jogo atômico, seja ele determinístico ou aleatório.

As coisas e os seres vivos são sistemas de átomos em trânsito, mas nos dão a impressão de que permanecem imutáveis durante um curto ou longo período de tempo. O avanço do conhecimento científico constatou que as partículas subatômicas não parecem ser o fundamento da realidade material.

Se a matéria é constituída *de* ou *por* átomos, de que eles são feitos? De partículas subatômicas organizadas e em estado livre? Mas, de que são feitas essas partículas? Se afirmarmos que é de matéria, caímos da tautologia de dizer que a matéria é feita de matéria, ou de fragmentos de matéria cada vez menores, embora a ciência ainda não tenha encontrado o fragmento indivisível da matéria. No entanto, a matéria tal como a percebemos, é feita de fragmentos de material que não percebemos. O átomo não é matéria, porque esta resulta do modo como os átomos se organizam. Ela não é causa, mas efeito das mais variadas formas de organização atômica.

E como esses átomos, em combinações cada vez mais complexas, culminaram no ser humano e este, dotado de consciência, reconhece que tudo é feito de átomos? Ou seja, os átomos chegaram a tal complexidade que se tornaram conscientes de si mesmos.

O átomo é uma tentativa, até agora inútil, de encontrar o fundamento irreduzível da matéria em sua contínua divisibilidade.

Henri Bergson afirmava que a matéria é “lastreada de geometria” e que “não há coisas, mas atividades”.

Werner Heisenberg dizia ser “difícil” considerar a matéria como “verdadeiramente real”.

E arrematou:

“Para a ciência natural moderna não há mais, no início, objeto material, porém forma, simetria, matemática.”

Roger Penrose, à semelhança de Pitágoras, parece afirmar que o fundamento da realidade é a matemática. Mais uma vez, a velha matéria se torna abstração, e o abstrato é concebido como o próprio real.

Segundo Bertrand Russell, “a matéria, em seu centro, está reduzida a uma simples ficção matemática”. Por isso, argumentou:

“A física moderna, por conseguinte, reduz a matéria a um conjunto de eventos que se deslocam para o exterior provenientes de um centro. Se existe algo mais no centro, nós o ignoramos e é irrelevante para a física”.

Russell assinalou que a matéria não são coisas, mas “emanações de uma localidade - a espécie de influência que caracteriza os quartos enfeitados nas histórias de fantasmas”.

Para Fritjof Capra, tudo parece sugerir que as partículas são processos em vez de objetos.

Arthur Eddington veementemente afirmou que “toda realidade é de natureza espiritual, e não material, nem tampouco em parte material e em parte espiritual”.

Disse mais ainda:

“Sabemos hoje que a exploração do mundo exterior com os métodos da ciência física não nos conduz a uma realidade concreta, senão a um mundo de sombras e símbolos, por baixo dos quais esses métodos são incapazes de penetrar. Se se pergunta hoje aos físicos o que têm decidido finalmente sobre o que sejam os átomos e os elétrons, não nos responderão falando-nos de bolas de bilhar nem de turbinas nem de qualquer outra coisa concreta; eles nos remeterão a uma série de símbolos e equações matemáticas que refletem seu comportamento de modo satisfatório.”

Por fim, foi mais contundente:

“Para dizer com toda clareza, minha conclusão é que o mundo está composto de “matéria” mental.”

E especificou:

“A matéria mental de que se compõe o mundo se refere, naturalmente, a algo mais geral do que as próprias mentes individuais conscientes, mas podemos pensar que sua natureza não é de toda alheia ao sentimento que temos da própria consciência.”

James Jean acreditava que o universo mais parecia um grande pensamento do que uma grande máquina.

E acrescentou:

“A tendência da física moderna é de resolver o inteiro universo material em ondas e nada mais que ondas. Estas ondas são de duas espécies: ondas, por assim dizer, prisioneiras, que denominamos matéria, e ondas livres, que denominamos radiação ou luz.”

Albert Einstein criticou a vinculação da matemática com a realidade, argumentando que “tanto quanto as leis da matemática referem-se à realidade, elas não são certas; e na medida em que são certas, não se referem à realidade”.

O que chamamos de matéria é a relação entre uma vibração que observa e outra que é observada. Ou seja: o percebido é uma vibração que interage com a vibração, objeto de sua percepção, o que resulta na impressão de materialidade de ambas. Mas, o que é esse algo que vibra? Se o vazio é potencialidade, como pode algo potencial vibrar?

Cada conjunto interagente de vibração (observador e objeto da observação) cria a materialidade de seu próprio mundo. Logo, podemos argumentar que tantos mundos existirão quantos forem os conjuntos interagentes de vibração.

Na verdade, chamamos de matéria tudo aquilo que é apreensível pelos nossos sentidos ou por suas extensões artificiais. Por isso, à medida que aumentamos a capacidade da nossa instrumentação tecnológica, aumentamos o nosso universo material. Matéria é, assim, nosso modo de interagir com a

realidade. A realidade não é, pois, a matéria, mas um modo de percepção de cada ser, na conformidade de sua estrutura sensorial.

A rigor, não existe uma matéria em si como substância da realidade, mas, sim, como forma de apreensão da realidade. A matéria é um constructo sensorial. Com isso não se quer dizer que não exista um mundo exterior, uma realidade objetiva. Afinal, o observador é real. Mas a realidade não é apenas o observador. A matéria é a maneira como a realidade se apresenta ao observador. Este não organiza a realidade tal como ela se apresenta aos seus sentidos. Ele a organiza como significado para si mesmo.

A matéria, portanto, não existe autonomamente. São os nossos sentidos que criam a nossa realidade, decodificando os estímulos recebidos do mundo exterior. O conjunto de todos esses estímulos nos proporciona a impressão da “realidade” da matéria. Assim, as “propriedades” da matéria - forma, cor, peso, aroma, sabor, impenetrabilidade - são decodificações da nossa estrutura sensorial e não de uma matéria objetivamente real.

A nossa percepção é conforme fomos organizados. E o que nos organizou? Foi a atividade aleatória dos átomos? O homem, sob esse aspecto, é um agregado instável e provisório de átomos que têm a veleidade de conhecer o mistério da realidade.

David Bohm, em entrevista concedida a Renée Weber, sugeriu que “talvez a consciência seja uma forma mais rarefeita de matéria e movimento”.

Se a realidade não é matéria, o que é ela então? Poderíamos concordar com aqueles que afirmam que a mente é o substrato da realidade. Mas, o que é a mente, admitindo que ela não seja um estado do cérebro? Mente e matéria não seriam modos de interagirmos com a realidade? E o que é esse *quem* desconhecido que interage com a realidade também desconhecida? Ou seja: o mistério que envolve a realidade observada é o mesmo que envolve o seu observador. Somos um mistério procurando decifrar outro mistério.

As propriedades da matéria são as propriedades do observador. Materialidade é a relação entre seres e coisas do mesmo nível fenomênico, pois a matéria é a teia de interações entre os observadores.

A partícula, como tal, não existe. A realidade é constituída da interação recíproca de campos: o campo eletrônico, o campo prótonico, o campo eletromagnético e o campo gravitacional. A substância destes campos é vibratória e as partículas aparecem como manifestações “materiais” dos mesmos. Os físicos já começam a observar que o que caracteriza um campo é a sua simetria invariável.

Já se admite, cientificamente, que não há vácuo absoluto: há sempre um campo eletromagnético residual.

A Física quântica, postulando uma nova visão da realidade, inverteu toda a estrutura da Física clássica. Assim, enquanto para a Física clássica, o universo é constituído de elementos fundamentais, onde as partes determinam as propriedades do todo e toda causalidade é local, a Física quântica estabelece que o universo é um todo, constituído de interações, e não de elementos fundamentais, onde o todo determina as propriedades das partes, e a causalidade é não-local, não-determinística, mas estatística.

O observador isolado cria sua própria realidade subjetiva. Os observadores em interação criam uma realidade objetiva com a sua própria “materialidade”. Se a

realidade é criação dos observadores, novas coisas podem ser inventadas ou descobertas desde que haja concordância entre eles, ao menos, na sua maioria. A aceitação de uma percepção constitui a sua realidade. Assim como os observadores criam a realidade, eles também a contestam e a modificam.

A realidade é uma consensualidade entre os observadores e essa é a sua materialidade. O mundo não é uma ilusão, embora cada mundo gerado por grupos de observadores diferentes pareça ilusório em relação a outros.

Átomos criaram estruturas cada vez mais complexas e uma dessas - o homem - tornou-se consciente de si mesma e passou a estudar os próprios átomos que o compõem. Somos um conjunto instável e mutante de átomos, moléculas e células, que resulta na aparência estável do organismo e de um *continuum* da consciência.

Albert Einstein asseverou que matéria é energia congelada. E de onde surge a energia? Do vazio? Aliás, tem-se observado a criação espontânea de energias denominadas de “energias do vazio”, que se manifestam, em geral, pelo aparecimento de pares de partículas, como os elétrons e os pósitrons. Após um curto tempo, este par se aniquila e tudo volta ao estado inicial.

Por isso, Arthur Eddington assinalou:

“Porém hoje em dia sabemos que a ciência não pode dizer nada sobre a intrínseca natureza do átomo. O átomo é para a física, como qualquer outra coisa, uma relação de leituras de indicadores diversos.”

Os materialistas, para explicarem o mundo, substituíram Deus pela matéria, dando a esta os mesmos atributos da Divindade. Assim, tudo é feito de matéria, tudo sai da matéria e a ela retorna, e a matéria é eterna porque nunca foi criada. É uma maneira inconsciente de desantropomorfizar o Todo, retirando dele os atributos humanos como também a natureza divina.

Matéria é informação em determinado nível, ou mais especificamente, no nível em que ela é percebida como forma. Será que o universo é um fractal que se reproduz infinitamente no microcosmo e no macrocosmo?

A FORMA

Não há distinção entre matéria e forma. Matéria é forma. Forma é matéria, seja qual for a natureza desta.

A coisa não existe como algo estático e definido, mas como um dinamismo de probabilidades que, no entanto, mantém a sua aparência formal. Tudo é um turbilhão, apesar de sua placidez exterior. São as nossas limitações perceptuais que nos fazem ver as coisas como formas definidas e contínuas.

Tudo o que é limitado tem necessariamente uma forma embora não geométrica. Forma é condição do que é finito. Todos os indivíduos têm forma, embora as formas sejam infinitamente variadas. Só o infinito é amorfo. E como não sabemos o que é amorfo, o infinito nos é ininteligível.

Henri Bergson afirmava:

"O que é real é a transformação contínua da forma: a forma nada mais é senão um instantâneo tomado numa transição."

A forma - seja de coisas ou de seres vivos - não é uma prisão de átomos: é a percepção de algo constante apesar da contínua permuta dos seus componentes atômicos. Não sabemos o que é esse invisível atrator que sustenta as formas apesar da incessante substituição dos átomos. E também não sabemos por que esse atrator desaparece, ocasionando a destruição das formas biológicas.

Se tudo é feito de átomos, o que mantém a forma apesar das contínuas substituições atômicas? E por que os seres vivos são as formas mais precárias?

Embora a forma seja um aspecto transitório do ser, ela é real enquanto referência a um *continuum*.

Tinha razão Bertrand Russell quando asseverou:

"Todos os aspectos de uma coisa são reais, mas a coisa é uma construção puramente lógica."

E, mais adiante:

"Uma coisa pode, pois, ser definida como uma determinada série de aparências, relacionadas entre si pela continuidade e por certas leis causais."

Lyall Watson comentou:

"No século IV a.C, Aristóteles chegou à conclusão de que a mente era função da forma, produto da complexidade anatômica e fisiológica da matéria, a qual, por seu turno, tinha a determiná-la algo menos substancial, como a idéia de Platão."

Disse ainda:

"Os fatos da física nuclear, tais quais os compreendemos hoje, corroboram sem dúvida essa tese. Hoje se supõe que a matéria é uma forma de energia - energia que assumiu uma forma e se tornou substancial. E os novos conhecimentos da biologia molecular nos levam a dar o passo necessário seguinte, que mostra que o resultado biológico da matéria é ditado diretamente pela forma das coisas vivas."

E arrematou:

"A forma é a força modeladora da vida. Toda forma contém informação e, quanto mais complexa for, tanto mais informações conterà."

À luz da Topologia, as formas não são estados, mas processos. Ian Stewart a definiu como um tipo de geometria onde “comprimentos, ângulos e formas são infinitamente mutáveis”. Assim, “um quadrado pode ser deformado continuamente, até se converter em círculo, um círculo num triângulo, um triângulo num paralelogramo”. Trata-se, portanto, de uma geometria dinâmica e de propriedades elásticas, onde a constância da forma é apenas conceitual.

Parece que tudo o que existe fisicamente são cópias de matrizes virtuais. Os seres e as coisas são cópias dessas matrizes, porém não rígidas e podem, de certo modo, modificar seus padrões originais. As matrizes são programas que se desenvolvem no universo físico, e também podem sofrer alterações, segundo circunstâncias especiais, para adaptação de suas cópias ao ambiente em que estão.

Há padrões de formas que parecem imortais, porque criam sucessivamente réplicas de si mesmos. O padrão homem já dura milênios. E os seus indivíduos pensam que são imortais. Mas, não poderiam os indivíduos gerados do padrão homem se tornar também um padrão e dar continuidade a si mesmos em vidas sucessivas embora não sejam imortais?

O UNIVERSO

Podemos definir o universo como o conjunto macrocósmico da realidade física, constituído de galáxias, estrelas, planetas, satélites e asteróides. Não sabemos se o universo é eterno e infinito, eterno e finito ou se já existiu anteriormente um outro universo e que foi destruído, tendo sido substituído pelo atual.

Se o universo é eterno, o mesmo não ocorre com as galáxias, estrelas, planetas, satélites e asteróides que são criados e destruídos periodicamente.

Se ele foi criado, quando o foi? Platão e Agostinho afirmavam que o mundo não foi criado no tempo, mas com o tempo. O mundo, portanto, não existia antes do tempo e nem tempo houve antes da criação do mundo.

A Escola Sânquia e o Budismo ensinam que o universo é criado, destruído e recriado periodicamente. E o Tantrismo assegura que a criação é contínua e, assim, criação e destruição não dizem respeito ao Universo inteiro, mas a cada um dos universos em particular.

Modernamente, Thomas Gold e Hermann Bondi defenderam a hipótese da criação contínua, postulando a existência de um universo estacionário, sem começo nem fim. Alega-se que essa explicação não é satisfatória, pois a matéria é criada no tempo de um universo total para preencher os espaços gerados pela expansão do universo, a fim de manter a densidade média da matéria no universo.

É o universo finito ou infinito? Se o universo é finito e está em expansão, até onde e para onde ele se expande? Se ele se expande, vai criando espaço na sua expansão ou se expande no espaço que não sabemos se é finito ou infinito? Se o espaço é finito e vazio, a expansão do universo terminará quando ele alcançar os limites do espaço. Mas, o que está além do espaço, senão o vazio? Se o espaço é infinito, o universo possivelmente jamais parará de expandir-se. Neste caso, talvez seja também infinito o número de galáxias, estrelas, planetas, satélites e asteróides.

Podemos especular que o universo é um *continuum* de densidades diferentes. Assim, não há o vazio, e o espaço é a ilusão desse vazio, separando as coisas e os seres.

Hubert Reeves observou:

“Mas, falando do universo, não se pode dizer que ele ocupa o espaço e que se insere no tempo. Assim como a matéria, tais dimensões é que estão incluídas no universo. Seria mais apropriado dizer que o universo cria ele mesmo o espaço que ocupa e o tempo em que se insere.”

A hipótese de que o universo foi criado de algo não conflita com a de que ele foi criado com o tempo. Cada universo em particular tem seu tempo próprio, inserido no tempo de outro universo que é o seu referencial e do qual faz parte como subsistema. Este, por sua vez, foi criado no tempo de outro universo, do qual se originou e é seu referencial e assim indefinidamente. Para pôr fim a este regresso infinito, há de se admitir um universo-matriz de onde se originaram todos os demais universos. Este universo-matriz não foi criado no tempo, mas com o tempo, o tempo primordial e referencial de todos os tempos subseqüentes ou tempos-

universos. Neste universo-matriz, não há que se questionar o seu *quando*, mas o *de quê* ele foi criado.

A hipótese de que o universo autocriou-se é tão metafísica quanto a crença de que Deus criou o mundo. Aliás, é paradoxal que algo se autocrie, porque já existe antes de se autocriar e, se existe antes, por que vai se autocriar? Não existe um autocriador, mas um criador, porque é preciso haver um criador para que haja criação. O criador não pode autocriar-se, pois já existe. Afinal quem cria o criador?

Segundo a hipótese do big-bang, o universo se originou de uma singularidade, ou seja, de uma explosão, no nada, de um ponto infinitesimal que surgiu do nada e gerou tudo que existe. Essa hipótese levou John Wheeler a afirmar que ela representa “a maior das crises da física”. Podemos ir mais além: a hipótese do big-bang tem um forte odor metafísico.

Como um universo anômico se transformou em um universo gerido por leis constituídas ao acaso? Se essas leis já existiam, mesmo em potencial, elas não foram geradas aleatoriamente. Ora, um universo constituído de leis prévias do qual se originam todas as coisas é semelhante à idéia de Deus.

Atualmente, uma nova hipótese, denominada de Princípio Antrópico, postula que o universo pode ter sido criado com a finalidade específica de criar a vida e os observadores humanos. Porém, essa teleologia cosmológica não indica o *quê* ou *quem* criou o universo.

Geoffrey Chew e outros asseveram que o universo é uma teia dinâmica de efeitos inter-relacionados e sua estrutura é determinada pela coerência de todas as suas inter-relações. Se essa hipótese for verdadeira, cada ponto do universo é o local de convergência de todos os pontos e, em cada um deles, o universo se observa a si mesmo.

Cada coisa, cada organismo é um centro de contínua interação e permuta com todo o universo. Nada nos é próprio: tudo é o universo em incessante interação com tudo o que se mantém como forma nesse turbilhão universal.

Na Física, surgiu, recentemente, a hipótese das onze dimensões, segundo a qual ao nosso universo de três dimensões espaciais e uma temporal, se acrescentam mais sete dimensões espaciais. Estas dimensões, apesar de ocultas, se manifestam através das forças, como, por exemplo, a força eletromagnética.

Hugh Everett formulou a teoria dos universos paralelos, com base na Física quântica, mediante a qual, para cada possibilidade, existe um mundo paralelo, onde o evento realmente acontece. Assim, também, cada possibilidade do ser humano existe em seus mundos próprios e estes mundos e seus habitantes se desconhecem reciprocamente. Esta teoria se assemelha a um ensinamento ocultista segundo o qual o homem ocupa simultaneamente vários corpos em dimensões diferentes.

Será que os universos paralelos não são torções e retorções da realidade, à semelhança do anel de Moebius, gerando múltiplas interfaces e superfícies?

Existem mundos diferentes do universo físico ou os mundos não-físicos são simples cópias ilimitadas dele? Se tudo o que aconteceu, virou cópia, há uma sucessão indefinida de cópias geradas pelo que está acontecendo. Ou seja, só o que está acontecendo agora é real e matriz das cópias de si mesmo. O passado é assim, um infinito número de cópias geradas pelo que agora está acontecendo, e o futuro, as probabilidades de se tornarem um acontecer.

A ORDEM

Há uma implícita vocação do ser humano para a ordem. Por isso, ele tem a tendência de descobrir uma ordem na natureza, de criar uma ordem para a natureza e de conviver em uma ordem social.

A ordem é a sinergia de estados e processos coerentes de um sistema.

Ninguém suportaria viver no caos, na permanente incerteza e falta de significado. Por isso, queremos estar sujeito a uma ordem, seja ela qual for. A revolução que destrói a ordem social estabelecida impõe uma nova ordem para substituí-la.

O que chamamos de rotina é o exagero da ordem, a sua imobilização e o processo de seu desgaste. Toda ordem, para sobreviver, tem de ser dinâmica e adaptar-se às situações mais diversas e imprevistas.

Tudo o que o homem faz gira em redor de uma ordem e, por isso, ele sempre procura organizar e dar significado a situações inabituais. Ele é um organizador da realidade e tem uma natural aversão ao caos.

A realidade é ordem, caos ou ambas as coisas simultânea ou sucessivamente? Se pudessemos observar a realidade como um todo, ela seria vista como ordem e caos simultaneamente. Porém, vendo-a setorizadamente, ela se nos apresenta como ordem e caos sucessivamente. A ordem é a dinâmica da constância, e a desordem, a dinâmica da inconstância.

Pitágoras concebia o universo como uma ordem e, por isso, teria sido o primeiro a falar na “harmonia das esferas”. A ele é atribuída a criação da palavra *cosmos*, significando ordem, beleza, correspondência.

O Estoicismo entendia a natureza como ordem e necessidade. Este princípio de regularidade no devir ensejou a noção de lei natural que desde a Antigüidade até o século XIX exerceu profunda influência na moral e no direito.

David Bohm apregoou a existência de dois tipos de ordem: a ordem explícita e a ordem implícita ou envolvida. A ordem explícita é a que habitualmente se encontra na experiência ordinária e na física clássica. E a ordem implícita é aquela que está além do tempo e do espaço, sendo, portanto, de natureza transcendente. Bohm acreditava que existe uma série indefinida de ordens implícitas devidamente hierarquizadas.

Para Pierre de Latil, a tendência para a ordem, a que denominou de antiacaso, “é uma estruturação da causalidade interna para fugir às influências externas e seguir apenas uma lei interna”.

Vivemos em um tipo de ordem que, para muitos, parece ser a única no universo. Daí, o nosso vício de denominar de caos a tudo o que não se enquadra na nossa concepção de ordem. Na verdade, pode-se admitir outros tipos de ordem que a nossa estrutura ontológica - sensorial e racional - não pode conhecer. Logo, o caos é uma expressão genérica para balizar as fronteiras do cognoscível e do incognoscível.

A teoria do caos, revelando a imprevisibilidade e a instabilidade de todas as coisas, rompe as estruturas do lógico e do racional, parecendo atualizações de potencialidades da natureza.

Ordem e caos são complementares, e um se converte em outro indefinidamente. A ordem surge do caos e este, daquela. A ordem é o equilíbrio momentâneo. Se tudo está em permanente mudança, a ordem é um momento da mudança e a mudança é o caos se transformando a cada momento em ordem. O caos é o estado de criatividade permanente do universo. É a ordem em potencial. E a ordem é um instante do caos.

A ordem não é uma necessidade da natureza, mas do homem na tentativa de lidar com o caos e domesticar a realidade.

Ordem e desordem são conceitos funcionais. Caos, para o homem, é tudo aquilo que não se ajusta aos seus padrões de ordem, a esquemas perceptuais inatos ou adquiridos.

O caos não existe em si, mas referenciado a um dado sistema. Pensamos que a natureza é imutável, porque acreditamos na repetibilidade absoluta das coisas e, por conseguinte, só é verdadeiro aquilo que se repete. Se o homem permanecer durante algum tempo naquilo que lhe parece um caos, em breve descobrirá uma ordem nele. A ordem é hábito.

Quanto mais complexa é uma ordem, mais mutável e instável ela é, e maiores são as possibilidades de desordem. Quanto mais intensa for a desordem, maior a possibilidade de surgimento de uma ordem mais complexa. A crise de um sistema que não mais consegue manter seu equilíbrio dinâmico pode resultar na sua destruição ou na sua transformação em um sistema de ordem diferente.

Tudo o que está rigidamente organizado tende à imobilidade e à morte. Tudo o que é excessivamente caótico nada produz de eficaz e é um turbilhão sem sentido.

A ordem não é imutável, definitiva, mas algo que muda sempre, mantendo-se como ordem transformada. Tudo tende à ordem, e a ordem se mantém desorganizando-se para ensejar uma nova ordem e, assim, indefinidamente.

O aleatório impede a imobilização da ordem e constitui a atividade criativa da natureza. A cada ordem que infringe, o aleatório favorece a emergência de novas ordens.

Ordem e caos são pulsações da natureza e a expressão de sua infinita liberdade. A instabilidade se harmoniza com a estabilidade provisória de todos os sistemas, sejam eles físicos, biológicos ou sociais.

Caos é tudo aquilo que não conseguimos ordenar ou nele descobrir uma ordem dentro dos nossos padrões convencionais. Ele é a infinita variedade e reciclagem da natureza, e ordem, a nossa forma peculiar de perceber uma dessas infinitas formas da realidade.

Caos se transforma em ordem. Ordem se transforma em caos. Não há caos ou ordem permanentes. Não será isso uma lei?

Se há uma ordem, tudo pode ser previsível e, assim, o acaso é o acontecido que não fomos capazes de prever ou que aconteceu contrariando as nossas previsões habituais. Não podemos saber se algo é impossível ou absolutamente certo, mas que algo nos parece impossível porque nunca aconteceu antes, ou certo, porque sempre aconteceu e continua acontecendo. Logo, o que afirmamos ou

negamos não passa de probabilidade de acontecer e de não acontecer. Quando, portanto, prometemos algo, prometemos uma probabilidade e não uma certeza de que o prometido acontecerá.

Parece-nos que tudo tende para algo. Se para melhor ou para pior depende da apreciação subjetiva de cada um, segundo o que aconteça lhe seja favorável ou desfavorável.

Não criamos possibilidades. Elas existem previamente, mas nenhuma delas é prefixada. Nós é que, consciente ou inconscientemente, voluntária ou involuntariamente, viabilizamos a realização de algumas delas em relação a nós e, algumas vezes, em relação também aos outros. Tudo o que o homem descobre ou inventa já existia em potencial.

Pensar é conscientizar possibilidades. Pensar constantemente e veementemente em uma possibilidade é favorecer a sua realização. O presente é constituído de possibilidades que acontecem.

As probabilidades do real são infinitamente mais numerosas do que as suas faticidades. Não conhecemos todas as possibilidades do real nem podemos imaginar, das probabilidades que conhecemos, aquelas que se tornarão fatos. O fato é a realização do possível.

O homem é o *médium* do mundo das possibilidades. Ele é, ao menos em nosso planeta, quem converte possibilidades em realidades físicas.

Quando um fato ocorre pela primeira vez, rompendo a sucessividade dos eventos habituais ou previsíveis, nós o denominamos de acaso.

O SISTEMA

Tudo é um sistema único ou tudo é constituído de um número ilimitado de sistemas, interagindo entre si e formando um só sistema? Estes sistemas são abertos ou fechados, ou uns são abertos e outros, fechados?

Aparentemente, há sistemas fechados e abertos, mas é possível que todos sejam abertos para que interajam entre si.

Cada sistema tem a sua ordem própria, mas pode-se especular a existência de um metassistema que, incluindo os mais diversos sistemas, estabeleça uma ordem comum a todos eles.

Os sistemas vivos são sistemas abertos e estes consistem em uma atividade de troca da matéria com o meio ambiente. Um sistema aberto pode, assim, tender para um estado de organização superior, passando de um estado inferior para aquele.

Ilya Prigogine teorizou a existência do que denominou de *estruturas dissipadoras*, que são sistemas abertos, onde sua forma ou estrutura é mantida por uma contínua dissipação (consumo) de energia, constituindo, assim, uma integridade flutuante. Quanto mais complexo é o sistema, maior é a sua instabilidade, pelo aumento crescente das interações de seu interior, necessitando de maior quantidade de energia para manter todas as conexões envolvidas. Uma vez atingido o ponto crítico, essas flutuações perturbam o sistema, resultando na reorganização de suas partes, e ensejando o surgimento de um novo sistema de ordem mais elevada.

Prigogine postulou a existência de um princípio de auto-organização nos organismos vivos, mediante o qual, embora interajam com o meio ambiente continuamente, são relativamente autônomos. Ou seja: essa interação com o meio ambiente não é a causa de sua organização como sistema. Eles, na verdade, se auto-organizam.

E observou:

“O que é espantoso é que cada molécula sabe o que as outras moléculas farão ao mesmo tempo que ela, e a distâncias macroscópicas. Nossas experiências mostram como as moléculas se comunicam. Todo o mundo aceita essa propriedade nos sistemas vivos, mas ela é no mínimo inesperada nos sistemas inertes.”

Um sistema eficaz é aquele que, apesar de coerentemente organizado, não é inflexível e permite certo grau de improviso e capacidade de adaptação até mesmo em face a situações normalmente imprevisíveis.

Quanto mais uma organização se complexifica, mais necessita de suas estruturas inferiores. A simplicidade é o sustentáculo da complexidade. Quanto maior altura, mais ampla base. O crescimento vertical exige o correspondente crescimento horizontal.

Os sistemas podem interagir em uma organização hierárquica, ou em forma de rede ou, finalmente, em ambas as modalidades. Há os que afirmam que todos os

sistemas se relacionam em estruturas hierárquicas, em escala infinita, e não se sabe qual o sistema que coordena e subordina todos os sistemas. E outros que asseveram que eles se interligam à semelhança de uma rede, inexistindo hierarquia nas suas relações recíprocas.

Não há sistema superior a outro. Cada sistema tem as suas características próprias. E podem existir características comuns entre todos os sistemas ou entre alguns deles. No entanto, temos a tendência de definir a superioridade de um sistema sobre outro pelo seu grau de complexidade. Complexidade, assim, passa a ser critério de superioridade.

O sistema não é a soma das partes, mas sua organização e identidade. Assim, para o sistema, não importa a mudança das partes, pois seu comportamento específico é o que o identifica.

Não existe qualquer forma de organização sem algo que a mantenha. O que é esse algo que mantém o sistema atômico e o sistema biológico? Em relação ao sistema biológico, este algo é, para os cientistas, a vida e, para os religiosos, o espírito. Da mesma forma, a sociedade precisa de algo que a mantenha e este algo é o que modernamente se chama de Estado.

Cada sistema funciona segundo uma estrutura que lhe é própria: é a sua realidade. E a realidade é também para ele o modo de relacionar-se com os demais sistemas.

Parece que o ser humano é o único sistema biológico que pode conhecer a si mesmo. Ou esse autoconhecimento ocorre por processos aleatórios ou ele foi programado para desenvolver essa aptidão cognitiva. Se a última hipótese é a verdadeira, *o quê* ou *quem* o programou para o autoconhecimento? Poderá o ser humano, mediante o autoconhecimento, mudar o seu padrão cognitivo?

Os cientistas descobriram a existência de sistemas inanimados que, à semelhança dos seres vivos, conseguem realizar a auto-organização espontânea. Certas reações químicas oferecem exemplos de crescimento espontâneo da ordem.

Todo sistema é uma prisão. Mas, uma prisão necessária, porque nenhum ser está isolado e cada qual está ligado a determinado sistema, na conformidade de sua natureza.

O homem vive dentro de sistemas, sejam eles físicos, sociais, psicológicos, espirituais. Torna-se rotina no sistema. Depois, passa a acreditar que os sistemas são realidades. O erro não está no sistema, mas no homem que se deixou usar pelo sistema que ele criou, ou que lhe foi imposto. O sistema social é uma convenção, uma necessidade prática e passível de mudanças.

Progresso não é crescimento quantitativo contínuo, mas o aumento da capacidade de adaptação de um determinado sistema. O crescimento quantitativo ilimitado pode comprometer, em certo estágio, a estabilidade do sistema. O sistema está ameaçado, quando começa a perder a sua capacidade de adaptação. O progresso é uma estrada desconhecida.

Na natureza, há processos reversíveis e irreversíveis, determinísticos e aleatórios, recorrentes e singulares, contínuos e descontínuos, controláveis e incontrolláveis, e também auto-organização e autodissolução. Por isso, afirmava Alan Watts que a natureza é “um campo de relações e não uma coleção de coisas”.

A VIDA

A vida é um aspecto da realidade ou ambas são a mesma coisa?

A biologia se afez firmemente à crença de que o vivo só pode se originar do vivo. Assim, a realidade é constituída de vida e não-vida, admitindo-se que o nosso conceito do que é vida esteja correto. No entanto, a ciência reconhece que a vida é uma propriedade emergente do que chamamos de matéria e que a vida resultou de relações aleatórias entre as coisas sem vida. Ou seja: no princípio não era a Vida. Todavia, não se sabe explicar por que as partículas subatômicas, que são coisas sem vida, constituam o estofa último dos seres vivos. Ou temos de mudar o nosso conceito de vida ou especular sobre o que opera essa transição do não-vivo para o vivo.

Se a vida veio do não-vivo é explicável por que um ser vivo, ao morrer, se transforma em seus componentes não-vivos, como moléculas e átomos. É óbvia, porém provocativa, a afirmação de que só morre o que é vivo, porque se admite, implicitamente, que o que não é vivo é imortal.

É a vida um fenômeno transitório do que é não-vivo? Então, se um dia a vida acabar, a realidade será definitivamente não-viva.

Custa-nos admitir a realidade sem vida e constituída, eternamente, de coisas não-vivas.

Reservamos, arbitrariamente, a palavra vida aos sistemas biológicos. E sustentamos que as partículas subatômicas não são vivas, embora a partir delas se construam os formidáveis complexos biológicos que denominamos de organismos.

Pitágoras foi quem primeiro concebeu o universo como um ser vivo. Para o Estoicismo, o universo era um animal vivente, racional e constituído de alma e de corpo. O Jainismo o considerava um organismo vivo, animado em todas as suas partes por mônadas vitais e eternas. E Giordano Bruno postulava que todas as coisas têm alma, porque tudo é vivo no Todo.

James Lovelock, ao propor a sua hipótese de Gaia, restaurou a concepção anímica, que considera a Terra um organismo vivo e, portanto, auto-regulado. Ele admitiu que a Terra (ou Gaia) é um ser vivo e que a evolução lhe diz respeito e não aos organismos ou ao ambiente tomados em separado. Será que a Terra, em sendo um ser vivo, é também consciente? Ou nós, seres humanos, somos a Terra que se tornou autoconsciente? Talvez sejamos um produto da evolução da Terra que, inconsciente nos primórdios de sua formação, desenvolveu-se através das experiências de seus elementos constitutivos, gerando uma forma de vida baseada no carbono e, desta forma de vida, evoluiu para as manifestações individualizadas de consciência.

O que chamamos de individualidade, seja de coisas ou de seres, é um centro turbilhante de átomos em contínuo ir e vir. O que é, nos seres vivos, esse atrator de átomos que, um dia, perde o seu poder de atração?

Pesquisas demonstraram que os chamados corpos inanimados possuem certas características dos seres biológicos: os metais “cansam” e os cristais demonstram possuir “memória”, pois, quando mutilados, em pouco tempo se recompõem.

Há formas sem vida. Mas não conhecemos vida sem forma. Por isso, Lynn Margulis e Dorion Sagan afirmaram que “desconhecem-se formas de vida destituídas de membranas de um ou de outro tipo”. A individualidade biológica nasceu de uma “bolha de lípido”, contendo, em seu interior, os aminoácidos, os nucleótidos, os açúcares simples, os fosfatos e seus derivados, valendo-se da energia fornecida pelo Sol e absorvendo, como alimento, o TFA e outros componentes de carbono e azoto, oriundos do exterior.

Um ser vivo sem membrana não existe, como também não existe um ser vivo impermeavelmente fechado, sem contato com o mundo externo. Ou seja: o ser vivo só pode continuar vivo enquanto interagir com o ambiente onde está inserido. O que quer que nos pareça absolutamente fechado não passa de uma ilusão perceptual.

Se a vida e a realidade são a mesma coisa, então a vida é imortal, a morte nada mais é do que a continuidade da vida em suas infinitas formas.

A vida é um processo de repetição, restauração e transformação. O homem parece ser a estratégia da vida para aumentar a sua complexidade e o seu poder criativo.

Humberto Maturana e Francisco Varela entenderam que a vida gera a si própria continuamente. É o que eles denominaram de *autopoese*.

Ora, se a vida nasce de si mesma, ela sempre existiu, porque a vida não tem outra causa que a gerou senão ela própria.

A vida é a eterna passagem do estado de potência para o de atualidade e do estado de atualidade para o de potência. Nascimento é a passagem da vida do estado de potência para o de atualidade. Morte é a passagem da vida do estado de atualidade para o de potência.

Tinha razão Lavoisier: “nada se perde, nada se cria, tudo se transforma”. A vida é eterna e, portanto, ela não se perde, nem é criada e se transforma em infinitas manifestações de si mesma. Ela é o eterno se fazendo temporal, e o temporal se desfazendo no eterno.

Se realidade e vida são a mesma coisa, a vida é eterna, embora as suas formas sejam efêmeras. Assim, a morte é, essencialmente, uma ilusão, e o sofrimento um aspecto inerente ao processo de transformação da vida em suas infinitas formas transitórias.

A vida se complexifica pela contínua escolha das opções mais favoráveis. O que não sabemos é o que seleciona essas escolhas e se a contínua complexificação ocorre à custa de acasos felizes ou de uma programação que se desenvolve, aprendendo com os erros e se consolidando com os acertos.

A complexificação ocorre sem motivo, sem plano, sem finalidade ou ela é direcionada para determinados fins? Em caso afirmativo, o que é que direciona o processo de complexificação?

A especialização enfraquece a adaptabilidade. No entanto, quanto maior a capacidade adaptativa, maior é a eficiência do ser de comportar-se adequadamente às mais diversas situações.

Os seres vivos são programados para manter a vida, seja de que modo for, embora, em certas circunstâncias, alguns provoquem a própria morte, seja instintivamente, seja voluntariamente.

A vida que habitou uma forma poderá, após a morte desta, prosseguir em outra forma sem, porém, guardar lembrança da forma que, um dia, foi. Isso é transformação e não sobrevivência. É a eternidade da vida, sempre renovada, no perpétuo transformismo de suas infinitas formas.

Uma das preocupações básicas do homem é o sentido da vida. Sentido não é apenas conteúdo, mas forma e programa de ação. O sentido é uma construção da realidade. É *como se* a realidade fosse o sentido que lhe é dado. Assim, se procurarmos uma razão, um significado para o nosso existir, podemos optar pela realização de nossas potencialidades. Então, tudo o mais que fizermos, será em razão desse nosso propósito.

A beleza da vida é a estabilidade do habitual e a emergência criativa do inédito.

Sabemos que somos vida consciente de si mesma. Mas não sabemos o que é a vida e por que ela é dessa maneira e não de outra, ou por que não somos apenas vida, mas consciência. E *como, por que e para que* a matéria se fez vida e a vida se fez consciência. E por que nos questionamos a respeito do que somos e do que é a realidade.

A vida emergiu da matéria e a consciência, dos seres vivos. A vida, há cerca de 3,5 bilhões de anos, se tornou autônoma em relação à matéria, pois, desde a sua emergência, o vivo só se origina do vivo, pouco importando que tudo seja composto de partículas atômicas. Do mesmo modo, pode-se cogitar que consciência emergente dos organismos biológicos também adquiriu sua autonomia, embora interaja com eles. Embora ignoremos como ocorreu o salto quantitativo da matéria à vida e desta à consciência, parece-nos viável a hipótese de que a matéria, a vida e a consciência representam três níveis da realidade que, conquanto autônomos, interagem entre si. Será a consciência o último nível da realidade?

A NATUREZA

A natureza pode ser entendida como o conjunto de tudo o que existe e, nessa definição, ela é o mesmo que realidade, ou pode ser definida como as leis que regem o universo observável, o que, nesse caso, suscita a indagação se elas são as mesmas em todos os planetas, estrelas e galáxias. Galileu interpretava a natureza como a ordem do universo, uma ordem que é única e que nunca foi e nem será diferente.

Porque vemos certas coisas acontecerem da mesma maneira, acreditamos que elas sempre acontecerão assim para sempre. E porque elas se tornam previsíveis e até experimentalmente repetíveis, damos-lhes o nome de leis. Por isso, eventos esporádicos, singulares, contraditórios não alcançam o *status* de lei.

As leis da natureza são preexistentes ou resultam das complexas interações da natureza? Se são preexistentes, pressupõem um fator ordenativo que, para os religiosos, é a Divindade.

Há três leis gerais da natureza: a) a da replicação; b) a da cooperação; c) e a da competição.

A replicação revela que tudo é uma permanente atividade de cópia na natureza. A cópia é a garantia da continuidade da vida das espécies. Cada ser biológico sobrevive nas cópias de si mesmo, embora as cópias apresentem pequenas alterações do modelo original. Por isso, nada é igual, mas semelhante a si mesmo e as semelhanças, cada vez mais, se tornam menos fiéis às suas cópias mais longínquas.

É pela competição que os seres se exercitam e se aprimoram, e os melhores ou mais aptos são os vitoriosos. E é pela cooperação que os seres da mesma espécie ou grupo social se associam, visando à própria sobrevivência e/ou objetivos comuns.

Em cada grupo, os seus membros cooperam e competem entre si, no sentido de alcançar seus objetivos e definir suas lideranças. É a busca do poder: o poder no grupo e o poder do grupo sobre os outros grupos.

A cooperação pode decorrer de uma afinidade de propósitos ou de uma atitude pragmática. Neste último caso, colabora-se para se obter uma vantagem pessoal, mesmo a pretexto de se lutar por um mesmo objetivo. Colaboramos porque sabemos que, de um modo ou de outro, ganharemos com isso e que, portanto, seria insensato não colaborar.

A competição é uma estratégia utilizada pela natureza em seu benefício, pois a vitória dos mais aptos reverte-se, afinal, para a espécie e a própria natureza. Os seres menos aptos serão sempre o refúgio da natureza: por isso, há pouco o que fazer com eles e por eles.

A competição é inerente a todo ser vivo. Em relação aos seres humanos, a guerra é a sua forma extrema.

Não há indícios de que, no ser humano, a propensão para a guerra seja de natureza biológica. No entanto, em certas situações, líderes psicopatas, sob os mais variados pretextos, promovem conflitos militares entre os povos, abalando a confiança na possibilidade de uma paz universal. Muitas das maiores matanças registradas pela História foram justificadas por motivos religiosos, pela defesa da Pátria e por interesses do Estado.

A luta feroz pela sobrevivência entre a caça e o predador, as catástrofes nem sempre previsíveis decorrentes de furacões, terremotos e maremotos, matando seres de diversas espécies, inclusive as pessoas, são uma demonstração inequívoca de que pouco conhecemos sobre a natureza.

Para Charles Darwin, o hábito era quase um sinônimo da natureza. E Rupert Sheldrake afirmou que a natureza não tem leis e que as suas regularidades não passam de hábitos. Por isso, as coisas são como são porque foram como foram. Porém, assinalou que o universo é um sistema de hábitos em evolução, ou seja, uma “criatividade evolutiva”.

Não sabemos até onde a natureza tem hábitos e até onde esses hábitos são invenções do homem na sua busca de encontrar regularidades para suprir a sua necessidade de segurança e de poder. O homem é o único ser que quer conhecer, dominar e modificar a natureza.

Há os que pensam que a natureza comete erros. E mostram, como exemplo, os casos de teratologias. Outros entendem que ela vive em permanente experimentação, testando novas formas de vida, e as suas infinitas possibilidades se convertem nas formas mais bizarras. Na verdade, nós ainda não estamos preparados para lidar com a diversidade e a complexidade das manifestações da vida. Por isso, tratamos as formas exóticas como manifestações teratológicas, porque estamos condicionados a determinados padrões formais. E ficamos, filosoficamente, a questionar para que servem esses seres tão estranhos.

Como ainda, ingenuamente, nos julgamos o ápice da evolução, dividimos os outros seres em duas principais categorias: os úteis, ou aqueles dos quais podemos tirar proveito, e os nocivos, ou aqueles que, de algum modo, possam prejudicar-nos ou, no mínimo, não ter qualquer utilidade para nós. Aliás, utilizamos esse mesmo procedimento em relação a raças e povos que consideramos inferiores.

ORGANISMO & AMBIENTE

O organismo está integrado ao ambiente onde vive, agindo e reagindo segundo as situações habituais. Alguns seres, como o homem e a bactéria, são capazes de comportar-se adequadamente também nas situações imprevistas.

Parece existir uma solidariedade inconsciente e universal entre todos os seres vivos. Mesmo o parasitismo não prejudica essa simbiose que mantém o equilíbrio da natureza, embora cada ser, trabalhando para seu próprio benefício, contribua para o conjunto. Os egoísmos coincidentes constituem a razão desse equilíbrio cooperativo.

O reducionismo desceu, até agora, ao nível dos genes, postulando que eles são o fundamento de todas as organizações biológicas. Mas, os genes são constituídos de moléculas e átomos, e ignoramos como as moléculas e os átomos se transformam em genes com programas específicos

Se os genes chegaram à complexidade do organismo, como produziram a consciência que é capaz de agir sobre o organismo e até mesmo modificar-lhe o código genético? É a consciência o resultado das atividades neuronais?

Parece que propagar-se, duplicar-se, copiar-se são as atividades primordiais dos seres vivos. Os genes “querem” sobreviver em suas cópias. Os pais querem “sobreviver” nos seus filhos. Será que cópia e sobrevivência são sinônimos? Mas, as cópias não são reproduções exatas do original. E mais: durante algum tempo, originais e cópias permanecem juntos. O ser biológico vive pela atividade constante e copiadora de suas células.

Tudo é uma permanente atividade de cópia: ela é a garantia da continuidade da memória. Cada ser sobrevive nas cópias de si mesmo, embora cada cópia apresente pequenas alterações do modelo original. Por isso, nunca somos iguais, mas semelhantes a nós próprios, embora essas semelhanças cada vez se tornem menos fieis às suas cópias mais longínquas. O velho é uma cópia mnemônica quase irreconhecível do menino que ele um dia foi.

O mecanismo da replicação foi aprendido pelos genes ou é inato neles? O que é esse *software* biológico que, a cada segundo, faz cópias microscópicas de nossos corpos, mantendo-os vivos? É esse *software* o que chamamos de espírito?

Foram os genes que nos deram as idéias de bondade, justiça, imortalidade da alma e Deus? Será que foram os átomos, as células, as conexões sinápticas que inventaram Deus e as experiências transcendentais? É Deus mais uma obra do engenhoso e onipotente Acaso? Se Deus e as experiências transcendentais forem apenas produções bioquímicas, em breve os veremos sintetizados em pílulas milagrosas e vendidos nas farmácias como terapêutica eletiva às nossas angústias e descompassos da vida rotineira.

Todos os seres vivos são programados geneticamente para lutar pela própria sobrevivência. O egoísmo é o princípio de autoconservação de qualquer sistema biológico e cultural. Nenhum ser vivo sobreviveria se não fosse dotado de um programa de autodefesa que automaticamente é deflagrado ante qualquer tipo de ameaça real ou potencial. No homem, ele é mais complexo, porque é uma forma de autodefesa para a preservação não apenas da vida, mas também das posições sociais e dos bens materiais. Embora o egoísmo seja um atributo biológico dos seres vivos, há pessoas que contrariam essa programação e colocam o interesse dos outros acima dos seus, expondo, em certas circunstâncias, as suas vidas para salvar as de outros, mesmo de estranhos, agindo assim quer impulsivamente, quer voluntariamente ou no exercício de sua profissão. Matar os concorrentes, alegrar-se com a sua desgraça, considerar como inimigos os que não são de nossa família ou clã, são manifestações do nosso egoísmo biológico, da nossa natureza genética. Se o egoísmo, como pregam as religiões, é causa do pecado, então ele é o pecado original de todos os seres vivos.

Existir é conservar-se como organização apesar de todas as mudanças internas e externas. E conservar-se é ter a capacidade de manter a organização e de reorganizar-se segundo as mudanças. Um organismo se mantém vivo nas suas recorrências de equilíbrio na continuidade das mudanças.

Como a apoptose é um mecanismo que provoca a destruição da célula defeituosa ou velha, é possível que exista uma apoptose do organismo, quando este se torna inviável em virtude de doenças genéticas ou adquiridas ou ainda quando envelhece. Na célula cancerosa, esse mecanismo é desativado. Podemos adiar indefinidamente a morte, desativando também esse mecanismo?

Do mesmo modo que há o vírus biológico, há o vírus psíquico. Há idéias viróticas que podem contaminar parte da humanidade, tais como o nazismo, o racismo, etc. Afirmações reiteradas se transformam em pensamentos e contaminam nossa mente. Uma vez infectados, podemos infectar os outros, disseminando uma epidemia de difícil controle.

É possível que, no futuro, a ciência desenvolva vacinas psíquicas contra o medo, a ansiedade, o ódio, o pessimismo e outros vírus dessa natureza. A saúde mental poderá ser preservada por essa forma de vacinação.

A seleção natural é, ainda, um dos mais fortes pilares da ciência. Mas o que é a seleção natural? É um programa inato ou um processo estocástico, circunstancial? Se for o último caso, a seleção ocorre aleatoriamente e, com base no que foi selecionado, seleciona tudo mais.

A grande questão é como procedimentos aleatórios se convertem em mecanismos, e esses se perpetuam. O que é que garante essa perpetuidade? Ou será que essa perpetuidade aparente e os seus mecanismos, um dia, retornarão à aleatoriedade?

Se a seleção natural é uma programação inata que dirige os processos evolutivos, o que ou quem a programou? Talvez, em razão disso, cada espécie, para garantir e aumentar a sua capacidade de sobrevivência, saiba escolher os seus indivíduos mais aptos.

A lei fundamental da sobrevivência é a adaptação. Ela é a resposta adequada dos organismos às alterações do ambiente em que vivem. Assim, os organismos mais fortes são aqueles que possuem maior capacidade de adaptação às variações

ambientais. O homem é o único ser biológico que, por meios artificiais, se adapta aos mais diversos ambientes, cria o seu próprio ambiente e/ou adapta o ambiente às suas necessidades.

O nosso programa de sobrevivência nos deixa sempre em alerta contra perigos potenciais que nos ameaçam a vida e contra acontecimentos que afetam nosso equilíbrio psíquico e emocional. Este estado inconsciente de alerta contra o que nos pode afetar talvez seja o fundamento biológico da experiência precognitiva. Talvez, por isso, não somos alertados para acontecimentos que nos beneficiam, porque eles não alteram o nosso equilíbrio orgânico e psicológico.

O que dotou as bactérias da impressionante versatilidade de se adaptar aos mais diversos ambientes? Como um ser tão simples possui um programa de tanta versatilidade operacional e superior a um ser complexo como o homem que não resiste a ambientes inóspitos a não ser usando seus recursos tecnológicos?

O chamado “efeito placebo” é a demonstração de uma sabedoria orgânica infusa, mediante a qual o corpo pode curar-se sozinho, bastando ser estimulado por uma ação sugestiva. Ele sabe tudo do que necessita e, como um verdadeiro alquimista, é capaz de realizar transmutações, utilizando os mais diversos elementos da natureza para a fabricação das substâncias necessárias ao reequilíbrio ou à manutenção das atividades orgânicas.

Como é que aproximadamente setenta bilhões de células sabem organizar-se harmonicamente e desta extraordinária atividade integrada resultar o fenômeno abstrato da consciência? Como explicar que cada célula sabe o que deve fazer para associar-se com outras células e desempenhar adequadamente o seu papel na complexidade sinérgica da organização biológica? Aprendeu cada uma, por si mesma, o seu papel específico e sua participação na economia orgânica? Ou este conhecimento já lhe era inato? E, se era inato, *o que* ou *quem* imprimiu em cada célula esse conhecimento? Dizer que tudo aconteceu por processos aleatórios tem o mesmo valor metafísico (porém de menor força lógica) do que a explicação de que a sabedoria das partes nada mais é do que a manifestação setorizada da sabedoria do Todo.

Há organismos que nunca envelhecem: as amebas unicelulares, os protozoários e as algas. As abelhas são capazes de rejuvenescer, mediante mudança de seus hormônios. Se somos, como imaginamos, o ápice da evolução biológica, possuímos possivelmente um programa que nos impeça de envelhecer ou nos permita rejuvenescer. E por que, durante todos esses milênios, ainda não o utilizamos?

Fazendo uma analogia com o computador, podemos dizer que cada célula é um *backup* (cópia) da memória. Temos, no software, um programa (conhecimento inato, sabedoria orgânica) para acionar o *hardwar*, e outro programa para a impressão de novos dados (conhecimento adquirido), os quais podem ser temporários ou definitivos. O que não se pode alterar é o programa que aciona o computador, e que é denominado de *rom* (*read only memory*). O código genético é uma espécie de programa rom orgânico, que, apesar de ser destinado ao funcionamento do organismo, já começa a sofrer alterações em sua configuração pela interferência dos cientistas.

Usando ainda a analogia, também poderemos indagar se não existe no corpo humano um programa que possibilite, em caso de doença, reinstalar a configuração

original orgânica, tal como acontece quando reinstalamos um programa no computador. Isto poderia ser a solução eficaz para todas as formas de enfermidade, desde as adquiridas até as decorrentes do processo degenerativo do organismo ou de acidentes. Alguns animais possuem essa capacidade de auto-regeneração de algumas partes de seu corpo. No ser humano, o fígado tem a mesma aptidão.

Poderíamos postular que cada espécime tem o seu arquétipo, do qual cada indivíduo constitui uma cópia. Isto implica em que a hereditariedade humana não procederia dos indivíduos, mas do arquétipo biológico da espécie através dos indivíduos chamados progenitores. Os erros genéticos seriam acidentes na passagem da informação.

Se todos os seres vivos vivem para duplicar-se a si mesmos, somos basicamente copiadoras biológicas instruídas para nascer, reproduzir e morrer. Mas o que fez com que as copiadoras humanas tivessem consciência de si mesmas?

O FATO

A realidade, para nós, não é constituída apenas de seres e coisas, mas também de fatos. O fato é o que nasce das relações entre os seres assim como entre os seres e as coisas. Ele não é apenas algo que acontece, mas também o que não acontece, quando era esperado que acontecesse. E o fato ausente é também uma mensagem, quando sugere a causa humana para a ausência do esperado.

Fatos são probabilidades previsíveis ou imprevisíveis que acontecem. Por isso, denominamos de impossível a probabilidade que ainda não aconteceu.

O que comprova objetivamente um fato? O testemunho dos sentidos ou o testemunho fornecido pela máquina através de gravações, pesagens, medições? A testemunha da realidade não é mais unicamente o homem, mas a máquina que ele criou. E esta é mais confiável, porque está isenta de emoções, preconceitos e expectativas que distorcem a percepção correta do fato. A não ser quando o homem fraudava a máquina, alterando o seu desempenho.

Dizemos que um fato é verdadeiro quando ele é coerente. Mas coerente em relação a um modelo que se admite *a priori* como verdadeiro. Acontece, porém, que os próprios dados que manipulamos, na atividade heurística de criar novos modelos, já estão culturalmente comprometidos e com significações viciadas. Aliás, a própria escolha dos dados está previamente submetida a um processo arbitrário de seleção.

Toda repetição se torna um fato porque acreditamos que só é real o que se repete. O que acontece uma só vez ou raras vezes é tido por suspeito. Assim, tudo se sustenta na sua repetição. O organismo é uma série de repetições de si mesmo apesar de pequenas alterações contingenciais. Quando o organismo perde a capacidade de repetir-se, ele morre, seja subitamente, seja depois de certo tempo.

Há fatos que nos afetam quando acontecem e fatos que fazemos acontecer.

Um fato novo gera um problema. O problema suscita perguntas. E as perguntas, um número maior de respostas quase sempre insatisfatórias. Na natureza, porém, não existem problemas, mas fatos. Nós é que transformamos fatos em problemas. Se os fatos fossem percebidos apenas como fatos, não existiriam problemas.

A realidade é perene movimento. O que chamamos de fato é a interpretação de um instante do movimento. O que chamamos de coisa é a forma transitória do movimento.

Fatos e coisas não nos afetam, se são desprovidos de significados. São os significados que valorizam as coisas e os fatos. Porém, os fatos não bastam ao ser humano. Precisamos também de mitos que possam ser vividos e de heróis que possam ser imitados.

A ideologia é mais forte do que os fatos. Os fatos só existem quando interpretados e eles são interpretados segundo uma ideologia.

O fato é um sonho que acontece, e o sonho, um fato em gestação. O sonho vira fato e deixa de ser sonho. O fato, que era sonho, uma vez acontecido, volta, de novo, à condição de sonho.

Se todos os fatos viram sonhos, nem todos os sonhos viram fatos. A memória é a fonte dos sonhos. A lembrança é a contemplação de um fato que virou sonho. E a imaginação, o resultado criativo das mais complexas interações no processo mnemônico.

As pessoas que, *a priori*, negam ou afirmam determinados fatos são as menos indicadas para investigá-los com neutralidade.

Dizemos que contra fatos não há argumentos. Mas, o que são fatos, senão percepções selecionadas?

Os fatos não falam por si mesmos: nós é que damos voz e explicação aos fatos. Cada fato pode ter inúmeros intérpretes e, por conseguinte, inúmeras interpretações.

Os homens se digladiam mais por idéias do que por fatos. E transformam fatos em idéias para substituir a realidade por fantasias.

Fatos são eventos inerentes ao tempo e ao espaço. Eles são as pegadas do tempo. E testemunham o tempo porque onde não há fatos, não há tempo.

Precisamos mais de fatos do que de coisas. São os fatos que enriquecem a nossa vida, não as coisas. A memória é um ambiente virtual onde estão os fatos acontecidos. São eles que fazem a nossa biografia.

Nem sempre percebemos como o fato é, pois, na maioria das vezes, percebemos segundo o que pensamos perceber. Nem sempre cremos no que vemos, mas vemos conforme cremos. Nem sempre é preciso ver para crer, porque se pode crer sem ver. E ainda que vejamos, não aceitamos o que vemos, pensando tratar-se de ilusão ou de alucinação, porque o que vemos contraria o que cremos. A percepção é, em muitos casos, emoção. E a emoção busca razões para justificar-se. A percepção puramente racional e objetiva dificilmente acontece a não ser nas atividades que requerem atenção concentrada. No mais, apenas percebemos o que nos interessa. A razão e a emoção são os olhos com que vemos alternadamente o mundo. E este, para nós, é sempre uma representação construída pela razão ou pela emoção. Logo, essa representação não é o mundo, mas uma interpretação do mundo. Perceber é interpretar, e a realidade, dita objetiva, não passa de uma interpretação coletiva de cada sociedade. Aquele que interpreta a realidade de outro modo é julgado pela sociedade, no mínimo, como equivocado por sua subjetividade e, na pior das hipóteses, como psicicamente perturbado. Por outro lado, o real para nós é o que acontece rotineiramente. Um fato que ocorre uma só vez tem a consistência de um sonho. E até chegamos a afirmar que aquilo que passou pareceu um sonho. Logo, a força do que julgamos real é a sua repetição. O que não se repete perde a condição de fato. E o que se repete não são fatos iguais, mas semelhantes. Por isso, a semelhança é interpretada como igualdade, dando a impressão de uma realidade continuada. A realidade é o que uma sociedade cria, e a verdade é a coerência de um fato com essa realidade.

Nem mesmo a unanimidade é plena garantia de que o fato é verídico.

A FINALIDADE

Para que servem os universos, as coisas físicas e os seres vivos? E, principalmente, para que nós, seres humanos, servimos?

Porque somos seres intencionais procuramos encontrar intencionalidade nas coisas, na natureza e nos fatos do existir. Até o acaso passa a ser uma intenção não decifrada.

Platão apregoava que tudo tem uma finalidade e uma ordem inteligíveis. Aristóteles complementava o pensamento de seu mestre, afirmando que a natureza nada faz sem finalidade e que tudo tende ao ótimo. Ele ensinava que os seres eram dotados de *enteléquia*, ou finalidade interior. Aristóteles definiu a enteléquia como a aptidão do organismo de desenvolver seus propósitos internos e a maneira de realizá-los. Hoje dizemos o mesmo de outro modo: todo ser é dotado de uma programação interior e procura compatibilizá-la com a programação exterior do contexto sociocultural onde vive.

Séculos depois, Teilhard de Chardin ampliava o alcance do telefinalismo grego:

“Eu creio perceber que existem, para a Vida, um sentido e uma linha de progresso.”

Pietro Ubaldi, como coroamento desta linha de raciocínio, asseverava que a finalidade da vida é a formação da consciência, “enriquecendo-a de todas as possíveis qualidades, através de todas as possíveis experiências”.

Tudo parece indicar que a tendência do microcosmo não é a manutenção do nomadismo do elétron, mas do seu aproveitamento no sistema operativo do átomo. A rigor, talvez não existam elétrons livres na natureza, porém em trânsito de um sistema atômico para outro, na conformidade das leis de atração, que regem o microcosmo. O associacionismo parece ser a impulsão teleológica do universo. A unidade, a sua permanente meta. Uma unidade cada vez mais rica operacionalmente. Por isso, o elétron que, como unidade, tem um campo diminuto, é atraído a participar da unidade maior do átomo. Por sua vez, os átomos procuram associar-se a outros átomos, segundo as suas estruturas eletromagnéticas e afinidades químicas e, assim, sucessivamente, do átomo à molécula, da molécula à célula, numa escala cada vez mais complexa de associações, na síntese de individualidades cada vez mais estáveis, até atingir o fenômeno humano e - o que nos parece provável - prosseguir além dele.

Indaga-se se a capacidade de adaptação dos seres vivos é produto do acaso ou de um obscuro processo seletivo. E o que é, afinal, esse processo seletivo? Por que a natureza seleciona e para que seleciona? Negar que os olhos não foram feitos para ver, mas que se autoconstruíram em virtude da necessidade de adaptação do ser ao ambiente, é apenas escamotear o problema. Então, se pergunta *por que e para que* a necessidade de adaptação fez com que os olhos fossem criados.

Indaga-se, ainda, se a capacidade de adaptação foi programada ou se desenvolveu por acaso. É tautológico dizer que a natureza se ajusta às condições emergentes, como se essas condições emergentes não fizessem parte da natureza. É o mesmo que se dizer que a natureza se ajusta à própria natureza, na manifestação de seus fenômenos.

A vida é um complexo de finalidades, embora não saibamos a finalidade da vida. Pode ser que a vida, apesar de ser um complexo de finalidades, ela própria não tenha finalidade, ou seja uma finalidade em si mesma.

O homem está imerso num universo de finalidades como membro de uma sociedade. E a própria sociedade tem uma finalidade que interage com as finalidades de seus indivíduos.

Todo ser humano elege finalidades para si próprio, dando-lhe o nome de programa de vida ou missão. Sentido de vida e finalidade são a mesma coisa. Nada fazemos sem sentido, sem finalidade. Ninguém vive sem finalidades ou objetivos por mais esdrúxulos que pareçam. E utilizamos situações, coisas e pessoas para alcançarmos os nossos objetivos. Quando descobrimos algo, procuramos, de imediato, uma finalidade, uma utilidade para ele. Algo é útil, quando serve a alguma finalidade. Logo, o que dá utilidade a algo é a sua finalidade. E quando inventamos algo, inventamos para alguma finalidade.

O telefinalismo da Natureza retornou ao palco da Ciência com um novo nome: *atrator*. O atrator é, na teoria matemática dos sistemas dinâmicos, o conjunto invariante irreduzível, que atrai as trajetórias de todos os pontos vizinhos.

Tudo parece indicar a existência de uma extraordinária programação cósmica, cuja finalidade e significado ultrapassam a nossa capacidade de compreensão. Na verdade, pouco importa que jamais possamos entender o significado da vida, mas, sim, que o sentimento intuitivo deste significado dê significação às nossas vidas.

Todo sistema, como tal, é um fim em si mesmo. Em relação com outros sistemas é um fim para um sistema superior aos sistemas associados.

William James chamou a atenção para o aspecto multívoco da finalidade. Cada coisa pode ter uma definição diferente, segundo os objetivos que se lhe dão. Define-se uma coisa pela sua finalidade e, como pode haver várias finalidades para essa coisa, o seu conceito varia segundo cada finalidade.

A serventia não existe nas coisas, mas no uso que fazemos delas. O homem vive em busca de serventias, pois é carente de utilidades e significados. Nada foi feito para. Nós é que damos serventia às coisas. Chamamos de inútil e até mesmo de nocivo àquilo que não tem serventia para nós.

O mundo não foi criado para nós. As plantas, os animais e qualquer coisa da natureza não foram criados para o homem. Não fomos, também, criados para alguma coisa. Apesar disso, temos essa mania de inventar finalidades para tudo. Como inventamos coisas para nos servir, pensamos que tudo na vida tem finalidade. Nenhum ser é finalidade para outros. Nós é que submetemos outros seres para satisfazer as nossas necessidades. Então, nos convencemos de que eles foram criados para nos servir e que isso é uma lei da natureza.

Se há um propósito para a nossa existência, ele consiste, possivelmente, na realização de nossas potencialidades cujos limites ainda não conhecemos.

Tudo o que existe é um programa, desde os seres inanimados até os seres vivos. O homem, ao menos aqui na Terra, é o único ser que consegue reprogramar-se e essa habilidade talvez faça parte de sua programação ontológica.

Possuímos uma dupla programação: a) a biológica com os seus mecanismos de autoconservação, perpetuação da espécie, entre outros; b) a cultural, que varia de povo a povo, segundo as necessidades de cada tipo de sociedade. No entanto, nem tudo o que o homem é se ajusta ao modelo cultural onde ele vive e, por conseguinte, certas disposições humanas não se compatibilizam com as normas e valores sociais.

Não somos apenas o resultado de uma programação genética e cultural, mas também das complexidades do circunstancial.

O ESPAÇO

O espaço é o vazio aparente onde as coisas se movem. É tudo o que nos separa e tudo o que nos insere. É o que nos situa em relação ao mais. É o invisível que nos une.

Se o espaço é vazio, ele é ilimitado, seja no macrocosmo, seja no microcosmo, e, neste caso, entre partículas por mais ínfimas que sejam.

Leibniz argumentava:

“Devemos pensar, ao contrário, que o espaço está pleno de uma matéria originariamente fluida e que cada uma de suas partes é capaz de ser dividida até o infinito, com a única diferença de que esta divisibilidade e efetiva divisão é diversa nos lugares distintos segundo como os movimentos da matéria concordem entre si mais ou menos.”

Podemos, em consonância com a opinião de Leibniz, postular que o Todo é pleno e constituído de infinitos níveis de densidade.

Tempo e espaço são nossos modos de perceber a realidade. Assim, não podemos afirmar a existência autônoma do tempo e do espaço.

Embora se postule a unidade de tudo o que existe, só percebemos a separação dos seres e das coisas entre si (espaço) e de suas mudanças e movimentos (tempo). Vemo-nos, também, como algo separado (individualidade), estabelecendo relações com outros seres e coisas também separados. Na verdade, se tudo fosse uma unidade compacta e homogênea, não existiriam individualidades, tempo e espaço.

Então, se pergunta: são o espaço e o tempo que nos dão a impressão de individualidade ou é o sentimento de individualidade que produz a impressão de tempo e de espaço?

Há dois níveis gerais do espaço a partir do referencial humano: o espaço macrocômico e o espaço microcômico. Neste, somos constituídos de aglomerados atômicos e dos espaços intra-atômicos. Ou seja: em nossa percepção macroscópica, somos uma unidade fechada, inserida no espaço. E em nossa percepção microscópica, somos um aglomerado atômico, permeado pelo espaço exterior e pelo espaço interior. Acaso haverá espaço no interior de cada partícula subatômica ou ela é uma unidade compacta, sem espaço interior?

A percepção (ilusória?) do espaço como vazio nos dá a sensação de liberdade, de autonomia e, principalmente, de individualidade. Não nos sentimos ligados a nada, temos nosso próprio território claramente delineado, estamos soltos no espaço vazio e nele nos movimentamos em todas as direções. Parece-nos que temos uma intimidade indevassável, um núcleo indivisível e talvez uma essência indestrutível. O vazio do espaço é a plenitude do ser, a sua visibilidade

entre outras coisas, a derrocada da homogeneização e a conseqüente vitória da individualidade.

O espaço é mais do que um lugar: é o receptáculo de todos os lugares. É a densidade menor do Todo, onde se movimentam densidades maiores – seres e coisas - e que denominamos de matéria. Em outras palavras, espaço é matéria menos densa, e matéria, espaço mais densificado. Por isso, segundo a teoria geral da relatividade de Einstein, o espaço é elástico e deformado por corpos pesados como o Sol.

Uma hipótese cosmogônica afirma que as galáxias não se afastam umas das outras: é o espaço que se expande.

Se o espaço se expande, ele é algo do qual as galáxias, estrelas e planetas nada mais são do que condensações dele. O que disto resulta é a conclusão da existência de uma expansão do universo, seja pelo afastamento das galáxias, seja pelo crescimento do espaço.

Se da singularidade (a máxima contração do espaço e a máxima compressão da gravidade) resultou o big-bang, temos que convir que o espaço é anterior ao tempo. E, com a explosão, o espaço se fragmentou em um número incalculável de pedaços de si mesmo, dando origem aos mundos e ao tempo. Mas, se o espaço se fragmentou, ele antes existia no vazio e, agora se expande no vazio que se tornou uma espécie de espaço onde tudo se movimenta.

O espaço influi na nossa percepção. Cada espaço tem um tipo de organização (a casa, a rua, o bairro e a cidade onde moramos) que, de certo modo, influi sobre a personalidade. Tornam-se hábitos e a eles ficamos afeiçoados, porque fazem parte da nossa rotina e nos dá uma confortável sensação de familiaridade.

Necessitamos de espaços de convivência e de solidão. Cada lugar tem sua função no espaço geral que habitamos, seja ele público ou privado. Os espaços nos constroem, assim como construímos espaços e somos levados, inconscientemente, a procurar espaços que se assemelham aos espaços que nos construíram.

O espaço pessoal é um território ao mesmo tempo físico e psicológico onde nos situamos, e a sua extensão varia de pessoa a pessoa e de cultura a cultura.

Poderá haver algo fora do espaço? Conhecemos espaços fechados ou aparentemente fechados – os limites da nossa visão. Porém, o espaço aberto, o espaço cósmico, não parece ter limites e, por isso, tudo está dentro dele. Ou o espaço é infinito ou, se finito, há algo que o contém. Nesse caso, o que é esse algo que contém o espaço?

O TEMPO

Há três modalidades de tempo: a) o cronológico, que é comum a todos os seres, porque decorre dos movimentos de rotação e de translação da Terra; b) o biológico, que resulta do processo de envelhecimento orgânico e varia de indivíduo a indivíduo; e c) o psicológico, que varia segundo as circunstâncias em que se encontra cada pessoa.

Tempo é a medição que fazemos de algo que se move, de algo que muda. Se não houver medida do que se move e do que muda, não há tempo, porque não há nada a medir. Em um espaço onde as coisas fossem imóveis, imutáveis e não houvesse variação luminosa, não haveria o tempo. Daí, a idéia filosófica de que a eternidade é imóvel e imutável.

O tempo é também variação da luz. Em um ambiente fechado com iluminação artificial, não temos noção do tempo. Para sabermos quanto tempo passou, precisamos consultar o relógio. Assim, se não pudéssemos sair desse ambiente e não tivéssemos relógio, perderíamos inteiramente a noção do tempo ou, mais especificamente, de sua duração.

A experiência da passagem do tempo não é apenas psicológica, mas bioquímica. Observou-se que a diminuição ou o aumento da dopamina torna o tempo mais lento ou mais rápido. A maconha, diminuindo a dopamina, deixa o tempo mais lento. A cocaína e a adrenalina o aceleram.

Podemos conjecturar que o tempo não é uma dimensão do universo físico, mas uma criação da consciência organizando o movimento e a transformação das coisas. Assim, é o observador que cria o tempo, porque ele é o ponto referencial dos eventos que percebe. E, embora exista um tempo comum a todos os percebedores nas suas interações recíprocas, cada observador tem uma consciência pessoal do tempo, que se encurta ou se elastece segundo as circunstâncias em que se encontra. A consciência, interagindo com o universo tridimensional, gera a experiência que denominamos de tempo.

O tempo não é uma dimensão, mas a medida das transformações e dos movimentos dos seres e das coisas no universo tridimensional.

Se nunca envelhecêssemos, não haveria tempo biológico para nós, porque ele é o processo do nosso envelhecimento. Paradoxalmente, o nosso organismo estaria no tempo cronológico sem ser afetado por ele. O tempo que nos afeta não é o tempo lá fora, mas o tempo que transforma o nosso organismo. Ou, mais precisamente: o processo de envelhecimento orgânico, que nos dá a dolorosa impressão da passagem do tempo. Se houvesse juventude eterna, não haveria o tempo biológico.

Dividimos o tempo em passado, presente e futuro, porque o imaginamos como algo que se move, vindo de um lugar (passado), estando em um lugar (presente) e indo para outro lugar (futuro).

O passado e o futuro se sustentam no presente. O presente é duplamente influenciado pelas experiências do passado e pelas expectativas do futuro. O passado influi nas nossas escolhas do presente e essas escolhas influem nas possibilidades do futuro a elas relacionadas. Daí, a afirmação de Erwin Schrodinger:

“O presente é a única coisa que não tem fim.”

Há um futuro perceptual e um futuro conjectural. O futuro perceptual decorre da visão de um fato iminente que nos pode atingir, porque vamos em direção a ele ou porque ele vem em nossa direção. Esse futuro é uma extensão do presente e, por isso, nos permite, em alguns casos, evitá-lo. O futuro conjectural é aquele que não é percebido no horizonte do presente, porque é uma possibilidade que imaginamos possa acontecer.

O tempo é uno: futuro e passado fazem parte do presente, o qual, por sua vez, não é um ponto, mas uma onda em perpétuo movimento. O homem é a síntese de possibilidades realizadas, de possibilidades em realização e de possibilidades tendentes a acontecer.

O que queremos fazer modifica o presente. O futuro acontece no presente. Somos tanto o que queremos fazer como aquilo que fazemos. O futuro não é uma reta: é uma explosão de direções. O passado nos ensina o que foi, não o que é. O futuro é tudo o que podemos ser ou não ser. O presente é permanente escolha. O futuro não vem: ele está sempre no presente. O passado não foi: é uma tendência influenciando no presente.

Há uma infinidade de futuros possíveis e a sua escolha ocorre a cada instante. Mas um futuro escolhido pode ser anulado pela escolha posterior de outro. Na continuidade das escolhas, os futuros se excluem mutuamente na fase do seu pré-acontecer.

Quando pensamos ou dizemos algo que queremos fazer, estamos criando uma possibilidade de acontecer, não importa que seja de imediato ou algum tempo depois. Toda intenção gera uma probabilidade de acontecer.

O futuro pode ser quase determinístico, quanto mais próximo do presente, e probabilístico quanto mais distante dele. É uma rede tecida, a cada momento, por múltiplos fatores convergentes.

Quanto mais aumenta a consciência das probabilidades, mais difíceis se tornam as escolhas e, por conseguinte, a previsão de qual delas pode acontecer. Quanto mais complexo é um sistema, mais complexo e imprevisível é o seu futuro.

Não devemos viver apenas explicando o passado, porém refletindo sobre as possibilidades do futuro para optar por aquela que, à luz do presente, nos pareça a mais benéfica. O futuro que não se escolhe é o futuro aleatório. O futuro escolhido tende a ser realizado, porque escolher, de certo modo, influi na efetivação de um dos futuros possíveis. Escolher é forçar a realização do que foi escolhido. A fé é a mais poderosa de todas as escolhas.

Se a realidade é o aqui e agora, o passado e o presente não são tempo e espaço, mas virtualidades.

Não podemos afirmar que certas coisas são assim porque sempre foram assim e, portanto, serão sempre assim. O presente é, aparentemente, uma continuação do passado e o futuro poderá ser, aparentemente, uma continuação do presente. É a nossa necessidade de segurança e de domínio que nos leva a pensar na continuidade retilínea dos acontecimentos.

Não há passado solitário. O nosso passado também é constituído do passado dos outros. É uma trama da vida, da qual somos o ator principal, e os outros, coadjuvantes. Como construiríamos o nosso passado sem os outros? Ele não é exclusivamente nosso, porque está ligado ao passado de outras pessoas, formando um passado comum que cada um reinventa à sua maneira. Queremos ter um passado como núcleo de identidade, permanecendo incólume com o passar do tempo. A nossa memória se assemelha ao bordado de Penélope, desfeito a cada noite e refeito a cada dia.

Não temos imagens perfeitas do passado, apenas esboços ou traços do vivido e que são reconstituídos a cada acesso espontâneo ou induzido ao inconsciente. E essa reconstrução do vivido se amolda às necessidades do presente. Lembranças são reconstruções, e a nossa biografia é um processo dinâmico, pois estamos sempre trabalhando no experimentado para dar sentido à experiência do presente. O que queremos, na verdade, é dar coerência à nossa vida a fim de que possamos ser uma explicação para nós mesmos.

O passado está a serviço do presente para dar sentido e significado ao presente.

Não escolhemos apenas o que seremos no futuro, mas também o que fomos no passado. O nosso passado é, na verdade, o que pensamos que fomos, segundo as nossas necessidades do presente.

A biografia é sempre uma recriação. O passado não é algo que passou, mas algo que também está mudando com o presente. O melhor ou o pior que possamos ter sido já não existem. São recordações que nos afetam se nos permitimos acessá-las.

Chamamos de futuro o que pensamos possível de acontecer ou o que desejamos alcançar, seja uma situação, um evento, uma coisa. Quando queremos fazer algo como viajar, visitar um amigo, comprar algo, estamos construindo a possibilidade de um evento, ou seja, o futuro.

Podemos prever não o futuro, mas uma das probabilidades do futuro, a qual poderá ou não acontecer. O futuro não é algo determinado, mas provável. Ele não é uma trajetória, mas possibilidades que podem transformar-se em trajetória.

Não há futuro predeterminado. A cada instante, as nossas decisões podem mudar e alterar o curso dos acontecimentos. O futuro não é uma fatalidade, mas uma tendência, uma probabilidade que pode ser modificada.

O futuro não está adiante, mas no presente. O homem não constrói seu futuro a partir de algo novo, mas dos materiais de seu passado. Ou seja, o futuro é uma permanente reorganização do vivido, porque tudo na vida é um *continuum* em perpétua transformação. Não há, pois, começar *do novo*, mas *de novo*, porque o novo não é algo que surge do nada. O novo é a modificação de algo preexistente.

O futuro começa no presente, não como uma direção, mas como um leque de ilimitadas direções, embora a mais forte tendência seja o futuro repetir o presente como este geralmente é uma repetição do passado.

O futuro nem sempre é como o escolhemos, pois a nossa escolha é feita com base nas circunstâncias do presente. Se tudo está em mutação, o futuro não é uma conseqüência ou réplica do presente. E as possibilidades que se nos apresentam poderão mudar a nossa escolha do presente.

Por outro lado, se tudo está em mutação, nós também igualmente estamos. Assim, o homem que hoje faz uma escolha, não será o mesmo homem que, no futuro, a confirmará. A escolha se faz no presente: a sua continuidade, no futuro, não passa de uma aposta, de uma aventura.

Podemos estar atentos às possibilidades do futuro. Mas, é no presente que exercemos a nossa habilidade de lidar com os seres, as coisas e os fatos.

A complexidade do presente importa na conseqüente complexidade do futuro. Quanto mais o presente se complexifica torna, cada vez mais difícil, a percepção do futuro. É o desejo de segurança que gera a apreensão pelo futuro, a tentativa de prevê-lo e a credulidade na certeza da previsão. Não há segurança no que apenas é provável. Qualquer ação só existe no presente.

Cada cultura tem o seu modo próprio de desenvolver atividades no tempo. Tempo é uma experiência cultural, padronizando, de um modo geral, o comportamento das pessoas, mesmo daquelas separadas por atividades diurnas e noturnas: são pessoas que vivem na mesma cidade (principalmente nas megalópoles), mas em universos cronológicos diferentes. Às vezes, moram na mesma residência, são da mesma família, mas seus contatos se tornam esporádicos e superficiais.

Em certas situações individuais ou coletivas, o tempo é mais importante do que o espaço, ou seja, o que interessa é o *quando* e não o *onde*, porque certos eventos têm mais significado temporal do que espacial.

Para uns, tempo é dinheiro e a quantidade de esforço para obtê-lo. Para outros, tempo é experiência e o dinheiro apenas um fator necessário de sobrevivência. Assim, tempo não é algo a fazer, mas ocasião de viver e também de conviver.

Como não ocupamos o mesmo lugar no espaço, também não estamos simultaneamente no mesmo tempo por menor que seja a nossa proximidade física. Estaremos sempre separados por micro ou nano-segundos de tempo. A coespacialidade e a cotemporalidade são, a rigor, uma ilusão. Mas, apesar disso, temos a firme convicção de que somos contemporâneos em relação ao tempo cronológico.

O tempo pode ainda ser experimentado como vazio ou compactado de eventos. O tempo vazio nos parece parado ou inexistente. E o tempo percebido por eventos nos parece mover-se em velocidades diferentes, segundo a quantidade de eventos.

O HOMEM

Não somos apenas um aspecto da realidade, mas criadores de realidades. Não apenas realidade criada, mas também realidade criante.

Somos os únicos seres da natureza que nasceram com a aptidão de superar-se.

Certas experiências inusitadas do ser humano são uma inequívoca demonstração de que somos maior do que aquilo que revelamos em nossa rotina biológica e social. E, quando fortuitamente, acessamos outros comandos da nossa programação e manifestamos conhecimentos e aptidões que não conhecíamos, somos levados a pensar que se trata de uma ação transcendental interferindo em nosso organismo.

Queremos conhecer e conhecemo-nos, transformar a realidade e transformarmo-nos. Estamos sempre tentando expandir-nos para além da Terra e até mesmo para além da morte.

Somos um ser que não apenas reage aos fatos, mas que também age sobre fatos e cria fatos. Hoje, grande parte do que existe em nosso planeta é criação humana. Criamos uma nova realidade dentro da natureza.

Em algumas ocasiões, opomo-nos à natureza, aumentando a nossa própria longevidade, melhorando a vida dos seres fracos e até salvando-a. Misto de criatividade e adaptabilidade, criamos novas opções para viver mais produtivamente e saber adaptar-nos às situações emergentes a fim de sobrevivermos.

Voluntariamente, assumimos riscos de qualquer natureza. Ou, impulsivamente, expomos a nossa vida a perigo de morte na tentativa de salvar a vida de outrem, mesmo que seja a de um desconhecido. Assim, somos capazes de, em certas circunstâncias, contrariar o nosso mecanismo de autoconservação.

Somos um aspecto da realidade com a aptidão de pensar sobre ela e de compreendê-la cada vez mais. Em todos os tempos, sempre procuramos os fundamentos da realidade na busca de algo irreduzível do qual se originam todas as coisas. Somos a realidade refletindo sobre si mesma.

É uma arrematada tolice pretender que o comportamento humano possa ser sempre previsível, se isso nem sequer ocorre com as partículas subatômicas. Não se

pode investigar o fenômeno humano como se investigam fenômenos físicos, utilizando o mesmo método para ambos os casos.

Cada homem tem aspectos múltiplos e pode ser definido por cada um deles. Por isso, o mesmo indivíduo é diferente quando visto por diversos percebedores, que o percebem sob aspectos diferentes.

Somos o que experimentamos e essa experiência está a mudar a cada momento. Será que a experiência criou um núcleo, embora instável, de si mesma, e é esse núcleo o que denominamos de *eu*?

A busca do eu é um mergulho no infinito. Cada eu empírico que descobrimos é uma casca que, se forçada, se rompe, fazendo-nos cair, em queda livre, no vazio, até encontrarmos um novo chão, onde temos a impressão psicológica de que chegamos à nossa realidade última. Mas, se trata de outra casca ilusória que, um dia, poderá romper e nos proporcionar uma nova queda e um novo chão, e assim indefinidamente.

Cada um quer o melhor para si. Cada um defende aquilo que julga ser seu. Cada um luta para obter o que pensa lhe pertencer ou merecer. São os egoísmos coincidentes que, provisoriamente, unem as pessoas.

Parece que os seres humanos quanto mais se sentem autônomos mais se tornam individualistas. Mas, nas calamidades, as pessoas, geralmente, arrefecem seu individualismo e se mostram, em maior ou menor intensidade, solidárias para com as outras.

Quanto mais cresce a interdependência entre pessoas e povos, mais diminui o conflito entre eles. A complexidade das relações dificulta os posicionamentos radicais.

Os conflitos extragrupos criam a união intragrupos. Se não há conflito externo, surge o conflito interno. O conflito faz surgir a cooperação. A ausência de conflito faz surgir o conflito.

A paz tem maior garantia de estabilidade quando os adversários se temem mutuamente, porque sabem que suas forças se equilibram, e a vitória de um deles é dúvida.

Quando todos estão satisfeitos em maior ou menor grau, a probabilidade de conflito é mínima.

A necessidade do ser humano de encontrar sentido para as coisas leva-o procurá-lo mesmo no que é desconexo e confuso.

A História é a biografia da humanidade. Só podemos conhecer-nos, se conhecermos a História da qual somos feitos. Ela é tecida com fatos e interpretações de fatos, e entremeada de mitos, segundo as necessidades do homem em cada época e em cada sociedade. A História é, ao mesmo tempo, a crença dos historiadores e a crença nos historiadores.

Somos um organismo que se fez biografia, a qual, em alguns casos, sobreviveu durante anos, séculos e até milênios à morte corporal. O homem, portanto, não é apenas um acontecimento biológico, mas uma construção biográfica. O que ele chama de *espírito* é a biografia que criou, seu agregado coerente de mitos pessoais e de fatos.

A nossa história pessoal não está isolada. Ela interage e se enriquece com a história de outras pessoas, sejam reais ou de ficção. A nossa vida é a história que construímos sobre nós mesmos e das pessoas reais e imaginárias que permitimos

fazer parte dela. Histórias dos outros nos encantam e queremos que elas também façam parte da nossa história. Seres reais ou ficcionais nos seduzem e queremos imitá-los, fazendo-os substitutos ocasionais ou permanentes do nosso modo de ser.

O conhecimento histórico tem demonstrado a contínua alternância dos opostos em épocas e culturas diversas e em cada cultura em particular, na roda girante de normas, valores e comportamentos, embora sob novas formas. Assim, tudo começa, progride, atinge o apogeu, declina, morre e recomeça. Até o momento, guerra e paz, paz e guerra se alternam embora em formas diferentes, porque o pacifismo e a violência têm mil faces. O pacifismo exagerado pelo abuso da tolerância, incentiva a violência, e a violência exagerada motiva os mais intensos e exaltados movimentos pacifistas. O que excede em uma parte escasseia na outra.

O adulto, em regra geral, perdeu a quase totalidade do seu potencial. Ele se enrijeceu em um determinado potencial que atualizou. Tornou-se, então, um homem normal: rotineiro, medíocre, moderado, de pouca ou nenhuma imaginação, rigidamente organizado, cuja inteligência está ligada a questões práticas e a padrões convencionais.

A criança é o estágio do ser humano de máxima espontaneidade e de mínimo condicionamento. O adulto é o estágio do ser humano de mínima espontaneidade e de máximo condicionamento.

O gênio é a síntese e o vetor da experiência humana e que se manifesta, nos mais diversos setores, em determinados momentos da História. Já os seres menos aptos serão sempre o refugio da evolução: por isso, há pouco o que fazer com eles e por eles.

Não somos apenas um ser da natureza: a cidade é a natureza que o homem criou para si. As megalópoles modernas promovem essa experiência humana da quantificação e da diversidade, estabelecendo as mais variadas formas de relações interpessoais, que afetam profundamente a nossa personalidade pela versatilidade dos comportamentos individuais.

Somos um universo infinito de probabilidades, procurando, desesperadamente, ser algumas delas, mas conformando-nos em ser apenas umas delas.

O homem é a realidade que procura explicar-se a si mesma.

A ORDEM SOCIAL

É impossível vivermos sem convenções, pois nos é natural o sentido de orientação, de organização da nossa realidade. Sentimos necessidade de criar regras e de a elas nos submeter. De elaborarmos um mundo lógico para nos sentir seguro nas certezas que inventamos. Cada sociedade é um sistema de relações dinâmicas que se alteram no tempo conforme as mudanças decorrentes das interações entre os indivíduos que a constituem.

Não somos apenas seres que vivem, mas que convivem em uma realidade comum. Não apenas uma realidade que nos situa no espaço, porém uma realidade simbólica que nos entretém em interações significativas e consensuais.

Há pessoas que são o passado da raça humana; outras, o presente; e, finalmente, algumas, o futuro. Apenas são contemporâneas fisicamente.

Cada cultura é o espírito coletivo de uma sociedade. Somos uma colméia psíquica e, por isso, não pensamos, mas somos pensamentos que se reproduzem em coerência com o seu núcleo central.

Os homens não têm idéias, mas são “possuídos” por elas e se tornam seus veículos. Idéias são entes imateriais que atravessam séculos e as pessoas são seus “médiuns”. Algumas idéias, por perdurarem séculos e milênios, parecem imortais. Assim podemos perguntar-nos que idéias somos e, não, que homens somos. As idéias, como os genes, sofrem mutações para adaptar-se às novas circunstâncias, mas não mudam a sua natureza original.

O homem é uma programação cultural, o que confirma a afirmação freudiana de que uma pessoa socializada conduz, em seu superego, o sistema de valores de sua sociedade. Através dos mais diversos processos educacionais, ela introjeta no indivíduo, observada sua condição social, um programa existencial a longo prazo, programa esse a que, inconscientemente, obedece, cuidando tratar-se de um legítimo impulso do seu eu. A sociedade impõe as premissas, viciando o raciocínio e afetando a percepção da realidade. E o homem, assim condicionado, só percebe o que, no seu universo cultural, foi selecionado e interpretado.

Em cada cultura, os indivíduos desenvolvem aptidões específicas. Não há cultura que proporcione o desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano.

Não há sociedade anômica. Ela subsiste pela coerência de ações, propósitos, valores e significados de seus membros e principalmente pela confiança recíproca nas relações interpessoais. A força da lei não reside apenas no seu poder coercitivo, mas no respeito que os indivíduos têm a ela. A sociedade é, acima de tudo, uma filosofia de coexistência, um padrão existencial, cujas normas morais e jurídicas constituem a sua mera formalização.

O fundamento de qualquer sociedade é a solidariedade obrigatória ou espontânea de seus indivíduos. A solidariedade obrigatória é imposta pelas leis, e quanto maior a desobediência a elas, maior o risco de colapso social. Quanto maior a solidariedade espontânea, menor é a necessidade de invocação das leis, o que reforça a estabilidade social.

Uma sociedade é estável à medida em que for maior o número de pessoas que se afine com as suas normas e valores, tornando, assim, insignificantes as ações dos seus dissidentes. À medida que decresce o número dos que a apóiam, ela se torna mais vulnerável e entra em processo de degradação. A confiança é a base fundamental, não apenas das relações humanas, mas da sociedade, mantendo ativo o seu sistema imunológico e garantindo-lhe a própria subsistência.

Aqueles que se opõem a uma ordem estabelecida, seja temporal ou espiritual, são considerados anarquistas, agitadores, revolucionários, pecadores, heréticos, satânicos, ou seja, o símbolo do Mal. Ao contrário, os beneficiários da ordem se consideram os representantes do Bem. Se a ordem estabelecida é derrotada e outra ordem a substitui, tudo, então, se inverte e o Bem e o Mal trocam de posição.

De uma maneira geral, todas as pessoas são éticas. A ética é a lealdade ao grupo a que se pertence, mesmo que seja de criminosos. Por isso, cada grupo tem a sua ética própria, pouco importando qual a sua natureza, e abomina toda e qualquer forma de traição. Este sentimento ético decorre da necessidade de cada indivíduo de pertencer a um grupo com o qual se identifique, para garantir a própria identidade e segurança pessoais.

Confiamos mais nos outros do que suspeitamos. É impossível ao ser humano agir sempre racionalmente e duvidar de tudo. Quando as instituições sociais perdem credibilidade, as pessoas ficam confusas, desconfiadas, medrosas e, em alguns casos, agressivas, o que pode levar a sociedade a emergir num caos irreversível.

As infrações, sejam morais ou jurídicas, quando freqüentes, desestabilizam o sistema social e enfraquecem os poderes constituídos, que nada podem fazer se o modelo social não é mais confiável, o que compromete a sua própria legitimidade. As instituições se corrompem, perdem credibilidade e se mostram ineficientes para cumprir os seus objetivos.

Os desajustes sociais, os períodos de instabilidade e o questionamento de normas e valores são, para os moralistas religiosos, um claro prenúncio do fim do mundo. Todas as épocas têm seus momentos de transição, porém os comportamentos são classificados dualisticamente como o bem e o mal. Para os conservadores, o bem é o sistema a que estão adaptados. Para os contestadores, o

mal é o atual sistema e, por isso, lutam para que ele seja mudado. Para os primeiros, o mundo está perdido se o sistema for mudado. Para os últimos, o mundo não terá salvação se o atual sistema não for mudado.

Somente líderes honestos podem inculcar no povo o sentido e o valor da honestidade. O exemplo dos que detêm o poder é contagiante e raras são as pessoas que não são contaminadas por ele. Assim, quando um país é liderado por insensatos, incompetentes e desonestos o seu destino está seriamente ameaçado.

Assim como na química, a mudança qualitativa de um corpo ocorre pela mudança de sua composição quantitativa, uma sociedade sofre mudanças qualitativas pelo aumento de sua população. A densificação de uma área demográfica pode ocasionar mudanças orgânicas e psicológicas de seus habitantes, influenciando na qualidade de vida e nas relações interpessoais. Quanto mais somos, mais nos alheamos dos outros, o que resulta em crescente dificuldade de solidificar vínculos afetivos.

Em uma vida que se torna cada vez mais complexa, é difícil definir o que é estritamente necessário às pessoas. Enquanto as necessidades biológicas são as mesmas para os indivíduos, as necessidades psicológicas variam de indivíduo a indivíduo segundo a sociedade em que cada um vive.

A vida social é um ritual e a sua observância nos mantém permanentemente orientados em nossa vida de relação. A ritualização é fundamental para a segurança social, porque facilita as nossas relações formais. Só podemos ser criativos e espontâneos nos grupos informais. Normas e valores existem, existem e sempre existirão em todas as sociedades. O seu conteúdo é que varia no tempo e no espaço.

Educar é condicionar a um padrão, habilitando os indivíduos a conduzir-se adequadamente na vida societária. Assim, todo ajustamento, no processo de socialização, só é conseguido à custa de amputações, podamentos e mutilação emocional e psíquica do homem. O maior inimigo do indivíduo é a força sociocultural que o obriga a padronizar-se. O conformismo das massas dominadas foi obtido pela justificação moral e/ou religiosa de sua condição. O poder político e o poder religioso determinam os atos que devem ser praticados pelas pessoas, segundo cada situação, e elas se sentem orgulhosas em praticá-los, sejam quais forem as suas conseqüências. Até matar se torna um dever, e a prática de atos abusivos, um direito. A coragem, o patriotismo, entre outros, se metamorfoseiam em virtudes impostas pela cultura. O suicídio, em certos casos, é um dever para evitar ou reparar uma desonra. A submissão e a obediência tornam-se virtudes. Preconceitos e xenofobismos são estimulados para justificar hostilidades e violências. Assim, virtude é a prática daquilo que deve ser feito, e o que deve ser feito é determinado pela sociedade.

Ensina-se que o ato de matar é lícito, e até obrigatório, quando se trata de eliminar os considerados inimigos do país. Um matador se torna herói, e o que morre pelo seu país também é herói ou mártir, segundo as circunstâncias. O nacionalismo patológico é a sigla dessa indústria que hipnotiza as pessoas, levando-as a matar e a serem mortas. Pátria e Deus são pretextos e bandeiras para justificar as grandes matanças. Os líderes guerreiros são momentos patológicos da humanidade.

O permitido, o proibido e o obrigatório variam no tempo e espaço, entre as culturas e em uma mesma cultura. O certo e o errado são criações culturais. Cada

cultura acredita que o seu ponto de vista é o correto e possui justificativas para defendê-lo. O que chamamos de “senso comum” é o padrão lógico e comportamental de uma determinada cultura.

Ter uma identidade própria é atributo das poucas pessoas que se libertaram da hipnose cultural e, assim, passaram a perceber a realidade sob novas perspectivas. A maioria procura identificar-se com os outros e imitá-los. Imitar, copiar, reproduzir são mecanismos biológicos e culturais. É a condição de continuidade de uma forma, de uma espécie, de um processo. Daí, o mecanismo de reação ao que é novo, pois constitui uma ameaça ao que está adaptado. A lei da inércia, aplicada ao social, é uma explicitação desse neofobismo.

Nunca pode haver igualdade, mas solidariedade entre os homens, porque cada indivíduo tem suas necessidades pessoais, além das necessidades coletivas. A solidariedade pode resultar de egoísmos coincidentes. As pessoas, nessa situação, se unem para defender-se de um adversário comum, para fazer face a uma calamidade coletiva ou para melhorar as condições de vida. Quanto mais cresce a complexidade de um sistema, mais aumenta a interdependência de seus elementos constituintes. A solidariedade se torna compulsória, necessária e, afinal, inconsciente. Habitamo-nos a cooperar e isso passa a ser um comportamento natural.

A sociedade pode ampliar a satisfação das necessidades coletivas, mas nem sempre atende as de caráter personalíssimo. Um sistema social harmônico e relativamente estável influi sobre o equilíbrio físico e psíquico dos indivíduos e reforça a sua confiança nas relações sociais. A patologia social enseja o aumento das patologias individuais e inicia um circuito fechado de ações e reações capaz de levar à entropia sistêmica e redundar na destruição da sociedade.

Ninguém quer sentir-se só e sem objetivo. Queremos sempre pertencer a algo maior do que nós e que dê sentido à nossa vida. O grupo se torna, então, o nosso lugar no mundo, a nossa identidade social que sustenta e valoriza a nossa identidade pessoal. Ele confirma a nossa presença no mundo e atesta a nossa existência.

Somos atraídos por pessoas que se assemelham a nós porque, psicologicamente, elas são o espelho, o reforço da nossa identidade. Os que nos são dessemelhantes nos perturbam, porque deformam a nossa imagem e agridem a nossa identidade.

Todo ser humano é leal ao que ama, seja pessoa ou grupo social.

Somos as interações que mantemos com nós mesmos e com os outros. Construimos, assim, um repertório de estados psíquicos e corporais com as pessoas com que interagimos. E quanto maior o número delas nessas interações, mais complexo o nosso repertório, embora, por uma questão de mínimo esforço, procuremos padronizar a maior parte das nossas inter-relações. Ou seja, formalizamos ao máximo as interações com estranhos, enquanto somos expansivos e criativos nas inter-relações com as pessoas que estimamos. Se aumenta o número delas, cresce também o nosso repertório. Se diminui, ele empobrece, e este é o grande problema das pessoas que envelhecem, pela perda gradual de importantes vínculos afetivos. Construimo-nos com os outros e poucos somos sem os outros. A nossa realidade é, assim, tecida nas interações e sujeita a flutuações segundo a natureza delas.

Pensamos conhecer os seres e as coisas por suas repetências em situações semelhantes. Por isso, nos perturbamos quando ocorrem descontinuidades nessas recorrências ou o surgimento de algo novo no curso dos seus comportamentos habituais. O novo, sob qualquer aspecto, é sempre perturbador.

O desejo de compartilhar é uma necessidade humana. Mas, geralmente, as pessoas confundem o desejo de compartilhar com o de ter a companhia das pessoas que lhes dêem a sensação de segurança. O compartilhar não gera dependência e sim satisfação. A companhia pode até gerar satisfação, mas reforça a necessidade de segurança e a escravidão do apego. A proteção confiável está na confiança e solidariedade de um grupo. Todo poder está na união.

A sociedade nos induz a ser um padrão fixo de comportamento, uma personalidade estratificada, coerente, previsível. Se mudarmos, poderemos ser considerados loucos ou excêntricos e, principalmente, pouco confiáveis. Assim, petrificamo-nos em um tipo de personalidade, impedindo a manifestação do nosso potencial alternativo. Isso nos leva, na maioria dos casos, ao medo de mudar e ao apego à nossa padronização existencial. Somos obrigados e também nos obrigamos a ser sempre os mesmos, a fim de conservarmos a nossa identidade psicológica e social.

O homem de caráter é aquele que foi exitosamente condicionado pela cultura. Por isso, é tido pela sociedade como virtuoso e merecedor do respeito social. Ele tem a firme convicção de que tudo deve ser como ele é, e o seu comportamento lhe parece um padrão universal. Ele só pensa, sente e age em razão desse padrão.

Cada cultura tem suas pessoas-padrões e que devem ser imitadas por todos os demais indivíduos. Até figuras fictícias ou lendárias podem servir de padrão. E cada sociedade tem seus métodos de condicionar os indivíduos, de socializá-los, de educá-los.

Há papéis que desempenhamos em razão da nossa sociedade. E outros que escolhemos em razão de nossas características psicológicas. Quer num caso, quer noutro, nós não somos os papéis, mas, sim, aquilo que não nos permitimos ver por trás deles.

O caos nos perturba e, assim, necessitamos de algum tipo de ordem para nos orientar.

Se, no universo físico, o homem procura descobrir leis ou construir modelos operativos para conviver adequadamente com a natureza, no universo social ele inventa leis que permitam a vida em comunidade, fornecendo um elenco de comportamentos previsíveis, permissíveis e exigíveis, garantindo a certeza das relações individuais.

Não há sociedade sem leis e sem um poder que a dirige. E este poder alcança a sua forma mais consistente, estruturada e burocrática na organização estatal.

A lei é poder. Poder disciplinado, mas poder. E poder de quem é seu representante, seu titular. A lei é o poder que é exercido com regras. E essas regras e sua observância dão visibilidade ao poder.

Para o equilíbrio da sociedade, é necessário que as leis sejam cumpridas e também mudadas quando se mostrarem insatisfatórias. Devem ser rígidas no seu cumprimento e flexível em caso de necessidade de sua mudança. Leis obsoletas se tornam prejudiciais ao convívio social. Elas podem ser mudadas pelo

convencimento democrático ou pela força revolucionária. Se as leis não se tornarem hábitos sociais, dificilmente serão observadas. E quando não são observadas, a sociedade começa a desagregar-se.

Dizia Confúcio que uma sociedade, cujos membros não prosperem, é injusta e deve ser mudada. E os indivíduos, que não contribuem para a sociedade, são nocivos e, por isso, devem mudar sua atitude. Para ele, uma sociedade é estável quando as pessoas cumprem suas obrigações, sejam os governantes, sejam os governados.

Não existem direitos e obrigações na Natureza, mas sim o fato da sobrevivência do mais apto, da dominância do mais forte, da luta desproporcional entre a presa e o predador, da luta pelo território, e da anulação da individualidade na organização social das abelhas, das térmitas e dos cupins.

Em alguns aspectos, o Direito procura harmonizar-se com os fatos da Natureza, dando-lhes legitimidade jurídica e, em outros casos, a ela se opõe.

Assim como a natureza reage às violações de suas leis, o Direito é dotado de coercibilidade para reagir às violações das normas jurídicas. Elas devem ser observadas, porque são os alicerces de cada sociedade, embora mudem em razão das transformações sociais.

A justiça é um conceito subjetivo. É o sentimento de frustração que sentimos quando julgamos que fomos lesados em nosso direito.

Parece universal a crença na justiça e na punição para os injustos nem que seja no Além. Porque, se não houver justiça, o mundo não tem sentido, e se houver justiça, mas não punição para os injustos, ela é ineficaz.

A justiça, na sua essência, é necessidade de proteção e, por isso, os fracos a reclamam. Os fortes podem ser injustos, porque não necessitam de justiça. Porém, quando enfraquecem, passam a falar em justiça e a exigi-la. E os fracos, quando se tornam fortes, esquecem da justiça e não se sentem culpados das injustiças que passam a praticar.

A invenção da igualdade é a mais eficaz estratégia contra o poder dos fortes. A sagacidade, a astúcia e a desfaçatez são as armas que a presa utiliza contra a força do predador.

Os fortes transformam seu poder em privilégios, quer decorrentes das leis que elaboram, quer da presumida vontade divina. Ou seja, as leis são as formas de manipulação da vida societária.

Onde não há sociedade, não há lei, não há injustiça, nem sentimentos decorrentes de direitos e obrigações. As limitações, que a vida social impõem aos homens, despertam neles, em maior ou menor grau, o sentimento de liberdade. Se uns lutam para aumentá-la, outros se conformam com as limitações que lhe são impostas, gozando o mínimo de liberdade de que dispõem. E todos eles procuram racionalizar as suas atitudes para justificá-las em relação a si mesmos e/ou aos outros.

A vida social não é apenas ordem, hierarquia, previsibilidade, mas também a ludicidade, o acaso, a anti-ordem consentida e temporária. O lúdico é um dos aspectos mais importantes do social e tem a sua própria seriedade. O que chamamos de sério é o comportamento exigido pelas leis morais e jurídicas e cuja obediência é obrigatória.

O lúdico também tem as suas leis. As regras do jogo são mais obedecidas do que as leis jurídicas, porque proporcionam prazer aos seus participantes. E como há jogos que permitem o blefe e desafiam o acaso, os jogadores desfrutam uma sensação de euforia e liberdade.

O lúdico é um dos fundamentos da estabilidade social.

O CORPO

As coisas físicas parecem imutáveis, embora saibamos que, no universo atômico, as transformações são contínuas. O mistério é o que atrai os átomos para um campo de força que se expressa sob uma forma que é mantida durante um longo ou curto tempo, apesar da contínua mudança dos átomos que a compõem.

O que é isso que mantém a forma, se ela é constituída de átomos em trânsito e, nos seres vivos, também de células que se renovam? Como se criou essa forma, que, em dado momento, perde sua força de coesão e se desintegra? A essa força de coesão podemos denominar de atrator transfísico (AT) em substituição ao vocábulo espírito. Por isso, quando o AT deixa de agir, o organismo se desfaz. E o que acontece com o AT que perdeu a força de coesão para sustentar a forma orgânica? Poderá recuperá-la, e constituir um novo corpo? Se o AT é essa força de coesão que mantém as formas orgânicas, além da do homem, então todas as entidades biológicas são mantidas por ele. O AT, porém, varia da inconsciência à suprema consciência de si mesmo.

Tudo o que existe, resiste. A resistência é o que mantém a forma. O corpo é um conjunto de resistências. Ele se estrutura dentro de um campo de pressões específicas: cessadas ou alteradas essas pressões, o corpo pode ser profundamente afetado e até destruído. A existência é, assim, um complexo de resistências.

Todo ser pressupõe um corpo, o qual é o seu modo de existir e de significar-se no mundo.

O corpo é um instante do processo, do vir-a-ser. É nossa posição provisória que nos perspectiva no mundo e em relação ao mundo. É o lugar habitual da nossa consciência na sua interação com a realidade física.

O corpo nos dá a sensação de individualidade e é um conceito estático para designar um contínuo processo de mudanças. Ele não esgota todas as potencialidades do ser humano. Por isso, o homem desenvolveu parte dessas potencialidades em extensões artificiais e sucedâneos operacionais, tais como microscópios, telescópios, computadores, etc. Assim, o corpo humano vem demonstrando uma extraordinária capacidade de reciclagem e adaptação, o que levou Edgar Morin a afirmar que o nosso organismo não vai evoluir para uma especialização, mas, ao contrário, ele “desespecializa-se cada vez mais, à medida que a ciência e a técnica se aperfeiçoam”.

O corpo físico não nos basta para explorar todas as nossas potencialidades. Ele já não mais responde plenamente às necessidades da mente humana e, em breve, será um empecilho para ela. Então, a mente necessitará de uma outra espécie de corpo para realizar os seus objetivos. Um corpo que adoce, envelhece e morre não pode mais ser a sede da mente. É, na verdade, a sua prisão.

Começamos a reconstruir nosso corpo. Clonagem e próteses, no futuro, nos darão uma vida de duração indefinida. O envelhecimento será substituído pela renovação periódica do organismo. Uma biblioteca contida num chip será implantada no cérebro, dispensando o aprendizado. A dor será substituída por um sinal que indicará precisamente o local onde está ocorrendo um problema fisiológico, metabólico, endocrinológico ou funcional.

O que chamamos de corpo é a nossa sensação de individualidade. É um conceito estático para designar um contínuo processo de mudanças. Na verdade, temos uma noção subjetiva do nosso corpo. Talvez seja por isso que algumas das pessoas que passaram pela experiência fora-do-corpo (EFC) e pela experiência de quase-morte (EQM), guardam a impressão de possuir um outro corpo não-físico ou virtual.

O corpo é um pacote dinâmico de informações e experiências, seja como resultante de uma possível auto-hereditariedade (ou reencarnação), seja como confluência de ancestralidades (a hereditariedade propriamente dita), ou as duas coisas.

O sentido do corpo é dado pela visão, pelo sistema vestibular e pela propriocepção. A propriocepção é a maneira como o corpo se percebe. Oliver Sacks asseverou que a perda da propriocepção redundava na perda da própria identidade, a qual, basicamente, se apóia na percepção do próprio corpo.

Para Thomas Hanna, os nossos corpos “são reencarnações genéticas das adaptações inumeráveis dos seus antepassados diante do ambiente terrestre”. Por isso, diz ele, nós fomos “desde a nossa concepção alimentados com uma velha sabedoria somática referente a este mundo, uma sabedoria que é a herança genética de um sucesso passado, de antigas lutas pela sobrevivência”.

O mundo é uma extensão do nosso corpo. Não é o mundo que se impõe como interpretação ao nosso corpo, mas é esse que interpreta o mundo na conformidade de sua estrutura peculiar.

O corpo é o reflexo do que somos. Não é a adrenalina que nos faz irados. É a nossa ira que, alterando a nossa fisiologia, libera a adrenalina na circulação

sangüínea. Por conseguinte, pensamentos e sentimentos não são produtos da química orgânica, mas deflagradores de processos corporais mediados por substâncias endócrinas. O corpo está programado para as emoções de dor e de prazer. No cérebro há uma região que, estimulada, nos proporciona prazer. O prazer é a recompensa do existir, e o vício, a sua degradação, porque o torna compulsório, irresistível e, cada vez mais, dependente de progressivos aumentos da estimulação. A saciedade pode ser a satisfação do prazer e sua provisória suspensão, mas também a sua extinção, quando se torna abusiva. As recentes pesquisas científicas evidenciam que as nossas emoções têm um conteúdo químico e localizações cerebrais.

O corpo físico é a expressão transitória de algo permanente. É aparentemente estável, sob o ponto de vista morfológico, mas não ao nível de seus elementos atômicos, moleculares, celulares. Daí, a observação de Vivekananda:

“O corpo é o nome de uma série de mudanças.”

Se fôssemos apenas corpo físico seríamos um novo indivíduo a cada mudança total do corpo. Paradoxalmente, somos o que se transforma e o que permanece estável.

Deepak Chopra observou:

“Até mesmo dizer “meu corpo” implica uma divisão que não existe obrigatoriamente. O ar nos meus pulmões faz parte do meu corpo? Caso positivo, o que dizer do ar que estou prestes a inspirar ou do que acabei de expirar? A expressão “lá fora” é composta de trilhões de átomos que já foram ou que logo serão o que sou, e todo o pacote de matéria e energia que chamamos de Terra é necessário para me conservar vivo. Eu poderia facilmente dizer que não passo de uma célula neste corpo maior, e já que preciso de todo o planeta para me sustentar, tudo na Terra é parte do meu corpo. Se isto é verdade, então nada deve ser considerado morto - carne putrefata, os vermes, e os fungos que se alimentam dela e até os ossos dos meus ancestrais são apanhados na mesma onda de vida que me carrega na sua crista.”

Nós somos, na verdade, um processo de troca e estamos vivos, enquanto permutamos. Assim, fundamentalmente, somos o que trocamos e não o que temos, pois o ter não passa de um momento do processo. A morte, sob este enfoque, é a cessação deste centro de permuta.

O corpo é o que fazemos todos os dias com ele. Pensamentos geram células e se transformam em células. O corpo é o que pensamos. O corpo é o que sentimos.

O nosso corpo é, também, social. Não somos seus únicos proprietários. O modo de usá-lo, vesti-lo, alimentá-lo e até mutilá-lo é determinado por normas, padrões e valores sociais. Ele é um dos símbolos sociais. José Carlos Rodrigues, por isso, asseverou que o corpo é “um complexo de símbolos”.

E disse mais:

“As codificações do corpo condensam em si as codificações do organismo social.”

O corpo é também uma linguagem. Ele é uma semântica viva, embora silenciosa, pois utiliza o vocabulário dos gestos e das posturas corporais. Não apenas o rosto, mas o corpo todo é o espelho do que somos. É a nossa biografia viva e que nem sempre sabemos ou procuramos esconder.

É o corpo uma bateria biológica que armazena a energia da vida? Pode essa bateria ser recarregada indefinidamente? Pode preservar, renovar e até mesmo substituir os seus elementos? Será que a nossa bateria biológica - o sistema mitocondriaco de trifosfato de adenosina - poderá, um dia, ser preservada indefinidamente?

É preciso confiar no corpo, já que ainda não o compreendemos em sua totalidade, e evitar intervir na sua ação momento a momento, a cada mudança do meio onde atua. O corpo “sabe” adaptar-se, quase sempre, a cada circunstância ambiental, conservando o seu equilíbrio interno.

Pensar é um luxo para o organismo. Foi o pensamento que criou uma outra instância para o organismo, estabelecendo a dualidade mente-corpo. É o homem um corpo que pensa? É o homem um ser que pensa com o corpo? Pensar é um ato fisiológico? Ou o pensar tem conseqüências fisiológicas, sem ser um ato fisiológico? É o corpo a resultante de um programa psíquico que organiza átomos, moléculas e células, renovando-os constantemente para manter a organização somática?

À medida que a vida material se torna mais atraente, apesar de suas contradições, conflitos, frustrações, cresce mais ainda o desejo do homem pela conservação da juventude, aumento da longevidade e satisfação de suas necessidades físicas. Doenças, pobreza, morte passam a ser assuntos incômodos, pois a vida material é cada vez mais atraente do que uma hipotética vida espiritual.

O homem foi além de si mesmo, em relação ao corpo, e criou extensões tecnológicas como amplificadores de suas funções sensoriais e cerebrais. Cada vez mais, ele age utilizando suas extensões e gerando novas atividades decorrentes delas. O corpo do homem não é apenas biológico, mas também tecnológico, comandado por uma entidade misteriosa - a mente humana. Ela controla, gradualmente, a bioquímica orgânica e, um dia, a dominará completamente. Sabemos sempre mais, porque percebemos mais e melhor, seja no microcosmo, seja no macrocosmo. A nossa visão expandida investiga os mais remotos rincões do universo. Somos uma espécie que pretende comandar a evolução, sonhando ser, mesmo em longínquo prazo, a mente da Terra e, por fim, do universo. Essa megalomania, que nos parece delirante, é, no entanto, a nossa necessidade de contínua expansão, característica fundamental do ser humano.

Temos, assim, um corpo biológico e um corpo expandido, que compreende todos os periféricos criados pelo homem para ampliar, cada vez mais, as suas atividades físicas e intelectuais. O computador, por exemplo, é o cérebro expandido ou um periférico do cérebro.

O homem não se sente apenas um ser biológico e não quer morrer como um ser biológico. Ele se sente como “algo” mais do que o corpo e que usa o corpo para realizar seus propósitos na existência física.

CORPO & MÁQUINA

O corpo humano não é mais suficiente para acompanhar as necessidades que a mente, a cada dia, vem criando. Por isso o homem produz máquinas que funcionam como extensões de si mesmo, assumindo suas funções e atividades.

Não apenas descobrimos, mas inventamos coisas que nos ajudam a compreender o que somos. As ferramentas e as máquinas não são apenas as nossas extensões: são a visibilização simbólica do que somos e a amplificação da nossa capacidade de agir sobre o mundo.

Procuramos explicar-nos por analogia com o que existe fora de nós. Antes, nos explicávamos pelo comportamento dos animais. Hoje, pelas máquinas que construímos e que reproduzem nossas atividades orgânicas e mentais.

René Descartes foi quem estabeleceu comparação entre o ser vivo e a máquina, fazendo daquele uma cópia desta, criando, assim, a concepção mecanicista do universo.

Entre os equívocos da concepção maquinomorfista se destaca a tentativa de explicar a natureza e o próprio homem, comparando-os à máquina. Ela é o bezerro de ouro, produzido pela tecnologia do nosso tempo.

A máquina só resolve problemas para os quais foi construída. Indaga-se, então: é o homem uma máquina que, por acaso, extrapolou sua finalidade e passou,

então, a autoprogramar-se, ou ele, na verdade, ainda não esgotou todas as potencialidades de seu programa como sistema?

Thomas Hanna advertiu que um computador “é apenas uma parte de um homem; é uma função humana que o homem está abandonando de maneira a poder fazer outras coisas. A diferença está, assim, em que o homem se transforma, enquanto o computador assume uma função humana abandonada”.

O homem tem necessidade de auxiliares. Ainda utiliza os animais e os seres humanos, na condição de escravos. Constrói cada vez mais máquinas para serem seus auxiliares obedientes e eficientes.

O computador não decide, porque suas “decisões” são programadas. Ele não improvisa “decisões” para fatos novos e, portanto, não-programados.

O computador não é apenas um aparelho, mas uma dimensão que o homem criou exclusivamente para si. É uma realidade onde ele tudo transforma e também se transforma. É o meio onde ele pode realizar todas as suas potencialidades e os seus modos de ser. Mas também é uma espécie de alucinógeno capaz de minimizar perigosamente o interesse pela vida física e pelas relações sociais.

Acostumamo-nos a crescer para fora e não sabemos crescer para dentro. Criamos extensões de nós mesmos - nossos periféricos e próteses - para agirmos, cada vez melhor, sobre o mundo físico, mas não melhoramos nem ampliamos as nossas funções orgânicas. Retirem do homem os seus periféricos e ele ficará tão inerte quanto o era no mais remoto passado. O homem futuro poderá ser a fusão de seu organismo com as máquinas que ele criou.

As nossas ligações cada vez maiores com as máquinas nos afastam perigosamente do convívio com as pessoas. Estamos, gradativamente, aumentando a nossa solidão tecnológica. E de tanto quereremos humanizar as máquinas, estamos nos assemelhando a elas. Se as máquinas se tornarem cada vez mais humanas, o que faremos para sermos diferentes delas?

Ao descobrir a retroalimentação, o homem evoluiu da construção de ferramentas à criação de sistemas dotados de “consciência”, dos quais os mais avançados são os computadores. Ele criou seres mecânicos, que agem e reagem a um ambiente adequadamente, segundo a sua programação, o que o levou à conclusão de que a consciência é uma programação dotada de retroalimentação.

Há cientistas que asseguram que o cérebro é um computador digital, e a consciência, um programa de computador. John Searle é um dos que se insurgem contra essa posição, argumentando que os programas de computador são totalmente sintáticos, enquanto as mentes são de natureza semântica. E afirmou categoricamente que a sintaxe, por si só, não é suficiente para garantir um conteúdo semântico. No entanto, admitiu que, “se os cérebros podem ter consciência como uma propriedade emergente, por que não outros tipos de equipamentos?”

Pierre de Latil achou inconcebível a idéia de que a máquina possa ter a consciência de ser máquina, por se tratar de um problema que escapa totalmente à lógica dos efeitos e continua pertencendo à esfera da metafísica. O homem, disse ele, tem o poder de morrer por uma idéia para simplesmente provar sua vontade, sua liberdade. E indagou: “o homem é quem faz o “quem” da máquina; mas quem faz o “quem” do homem?”

É de uma extrema insensatez a afirmativa de que, mediante simulações no computador, poderemos entender a mente humana. Ora, foi a mente quem inventou o computador, seus programas, suas simulações. Tudo o que o homem produz são extensões de si mesmo. O computador, por mais complexo que seja, não passa de uma extensão da própria complexidade da mente humana. É uma extensão e não o seu sucedâneo, porque a mente não pode criar algo mais complexo do que ela.

Pesquisas recentes no campo da Parapsicologia têm evidenciado que a mente pode agir sobre a matéria e afetar o desempenho de máquinas, entre elas o computador. Essa interação quase sempre ocorre em nível inconsciente, mas, em alguns casos, certas pessoas dotadas de aptidão parapsicológica conseguem voluntariamente exercer uma ação psíquica sobre objetos materiais. Assim, é possível que, no futuro, a mente humana possa controlar diretamente as máquinas, entre elas o computador, ampliando a sua capacidade operacional no trato com a realidade.

Imaginemos que, um dia, os homens dotem as máquinas de autoconsciência, e, em seguida, abandonem o planeta. Depois de certo tempo, as máquinas mais complexas passarão a questionar sobre sua origem: se foram criadas por um ser ou seres superiores ou se são produtos de um feliz acaso. E poderão chegar à conclusão de que resultaram da evolução aleatória de suas peças, mediante uma misteriosa seleção natural, que culminou na sua complexidade operacional. E essas máquinas pensantes se convencerão de que encontraram uma explicação científica para a sua origem.

A LINGUAGEM

A linguagem é comunicação entre seres da mesma espécie. O homem, além disso, também a utiliza como ferramenta cognitiva para a descrição e explicação da realidade.

A partir de certo momento da humanidade, a linguagem deixou de ser mera comunicação para se tornar uma realidade autônoma. Ela não só reflete a experiência humana, mas influi sobre ela e induz novas formas de experiência. A realidade, para o homem, é a linguagem mediante a qual ele procura entendê-la.

A linguagem, embora estruturada segundo cada cultura, parece obedecer a padrões arquetipais subsistentes por trás das diversidades idiomáticas.

Observou-se que a estrutura lingüística é inata. Crianças de tenra idade empregam, de modo surpreendente, as regras de construção do seu idioma. O aprendizado apenas aprimora o seu emprego espontâneo.

O mundo que pensamos conhecer com palavras não é verdadeiramente o mundo, mas uma construção vocabular e diatribes gramaticais com variações interpretativas segundo as peculiaridades de cada idioma. E o que pensamos ser

descrição e explicação da realidade não passa de criação de realidades sintáticas e semânticas, um construto cognitivo que nos serve como sucedâneo ao real.

Quando as palavras são apenas indicativas, não oferecem problemas, exceto quando conceituam o que indicam.

O mundo do homem é uma construção lingüística. É o modo como lidamos com as palavras e seus resultados semânticos que nos torna aquilo que somos.

Pretendemos entender a realidade através do jogo de palavras. E de tanto acreditarmos na eficácia desse jogo, convencemo-nos de que estamos compreendendo a realidade.

Se a linguagem é inútil para compreendemos o real, qual então a sua utilidade, senão o seu poder de aglutinar pessoas para participar do jogo de palavras e dele fazer uma realidade convencional, pouco importando a sua veracidade? Afinal, as palavras escritas ou faladas afetam o ser humano orgânica e psiquicamente, segundo a força de sua semântica. Um fato sem nome não nos influencia, porém os fatos nomeados nos afetam quando acontecem e até mesmo quando simplesmente lembramos o seu nome. As palavras, em si, não nos comovem e, sim, os seus significados. Por isso, não reagimos às palavras cujo significado não conhecemos mesmo que elas sejam do nosso idioma.

No universo social e lingüístico, só o que tem nome existe. Se é um nome genérico, como homem, elefante, casa, a sua vida é indefinida. Se é um nome individual, como Platão, pode, em raríssimos casos, sobreviver séculos após a morte da pessoa que ele indicava. Passa a ser um nome sem corpo.

A linguagem de cada povo tem seus mistérios impenetráveis e intraduzíveis para outros idiomas. Ela oculta intenções semânticas que não são detectadas pelos mais exímios tradutores.

Cada idioma é uma alma coletiva e se impregna na alma das pessoas que nela desenvolveram a sua identidade cultural. Por isso, toda tradução é uma aproximação, uma semelhança e jamais uma clonagem. A sinonímia perfeita entre dois idiomas, por mais próximos que sejam, não passa de uma ilusão. Ninguém domina um idioma, se, no desenvolvimento de sua personalidade, não foi dominado por ele. Só quando somos possuídos por um idioma é que podemos pensar, sentir, falar e escrever como se ele, por nosso intermédio, se manifestasse.

Linguagens diferentes parecem influir na interpretação de fatos, objetos e pessoas. O próprio tempo é afetado pelos diversos idiomas. Cada idioma é um modo de perceber e interpretar o mundo. Assim, o mundo é a nossa linguagem e ela determina o nosso modo de pensar.

Temos tantos mundos quantos são os idiomas. A sintaxe e a semântica são os alicerces do nosso mundo, decorrente da nossa interação com as condições ambientais em que vivemos. Cada idioma que morre, é uma visão do mundo que se extingue para sempre.

C. Levi-Strauss asseverou que a linguagem é “o fato cultural por excelência”.

Clyde Kluckhohn ampliou esse entendimento:

“Uma língua é, em certo sentido, uma filosofia.”.

As palavras que inventamos, a linguagem que construímos, em dado momento fugiram do nosso controle e passaram a nos controlar. De senhores da linguagem, passamos a ser os seus servos.

Linguagens diferentes parecem influir na interpretação de fatos, objetos e

peças. O próprio tempo é afetado pelos diversos idiomas. Cada idioma é um modo de perceber e interpretar o mundo. Assim, o mundo é a nossa linguagem e ela determina o nosso modo de pensar. Com a possibilidade de extinção de quase da metade das 6.000 línguas existentes no mundo, os cientistas estão procurando aprender o que puderem sobre elas com o propósito de preservar formas diferentes de perceber a realidade. Outros estimam que existem, pelo menos, 2.796 línguas e 7 a 8 mil dialetos.

Dizia Edward T. Hall que a língua é “um elemento importante na formação do pensamento” e que “a própria percepção que o homem tem do mundo em torno de si é programada pela língua.”

Umberto Eco reforçou esse entendimento:

“A língua não é aquilo através de que se pensa, mas aquilo com que se pensa ou, precisamente, aquilo que nos pensa ou pelo que somos pensados.”

Wittgenstein adotou a mesma postura:

“Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo.”

E Ortega y Gasset observou:

“A língua não só oferece dificuldades à expressão de certos pensamentos, mas também, por isso mesmo, estorva a recepção de outros, paralisa a nossa inteligência em certas direções.”

A coerência e a incoerência do mundo não estão no mundo, mas no modo como as pessoas e as culturas o interpretam. A linguagem é o espírito de uma cultura.

Nomeamos as coisas e os fenômenos físicos, assim como as atividades sociais e psíquicas para identificá-las e conceituá-las. O conceito é o momento cognitivo de maior complexidade, o que resulta em permanente polêmica entre os usuários dos mais diversos idiomas e os de um mesmo idioma, com semântica diferente segundo as diversas áreas de conhecimento. Por isso, os usuários de uma mesma língua possuem uma linguagem diferente segundo o tipo de atividades que exercem.

Por outro lado, formas semelhantes podem não ter o mesmo conceito, enquanto formas diferentes o tenham. Assim, em nível mais profundo, nem sempre compreendemos os que os outros estão querendo dizer, embora superficialmente, nas rotinas coloquiais, estejamos perfeitamente entendidos. A rigor, cada um de nós, na sua subjetividade, possui uma compreensão pessoal do seu idioma, o que dificulta, em alguns casos, o encaminhamento correto de uma discussão, mesmo que não nos apercebamos disso. Na verdade, temos a impressão, e mesmo a convicção, de que estamos sendo plenamente entendidos e os nossos ouvintes e/ou leitores estejam geralmente certos de que nos compreenderam. No entanto, esse *faz de conta* dialogal tem resultados positivos apesar de não alcançar a plenitude de sua compreensão.

A alma da palavra é a semântica. Se a semântica perde a sua força, ela se esvai. Há palavras que sucumbem, embora permaneçam preservadas, como múmias, nos dicionários. Às vezes, porém, elas ressuscitam quando lhes é dado um novo significado. Palavras mudam de alma.

As palavras nos tiranizam. Amamos, tememos e odiamos certas palavras. Elas são mais fortes do que os fatos que representam e influem sobre nós antes que

eles aconteçam e mesmo que não aconteçam. Refletindo sobre o mundo criado pela linguagem, Humberto Maturana asseverou:

“Fora da linguagem nada existe.”

A organização que nos fez, procura ver organização em tudo. E os conceitos são as ferramentas com as quais organizamos o universo físico e social.

O conceito deriva das relações entre as pessoas e as coisas, assim como das relações entre as pessoas. Pensamos conceitos e conceitos nos fazem pensar, sentir e agir. Letras e palavras são os átomos e as moléculas dos conceitos. Com elas, criamos e destruímos estruturas conceituais, e inventamos sentido para a caoticidade dos fenômenos.

Tudo seria volátil se não fosse preservado nas palavras e conceitos. Fatos e imagens sem nome são aparições natimortas e vão para o limbo do esquecimento. O mundo, ao menos para o homem, começou com o verbo. Iavé, segundo o Gênesis, concedeu ao homem poder de dar nome às coisas. Este, por certo foi o último dia da Criação.

Com o avanço da globalização, poderemos, um dia, ter um megaidioma, constituído da interação dos idiomas mais usados. Não se trata de um novo idioma artificial como o Esperanto, mas de um poliglotismo internacional, preservando os idiomas constituintes. O homem futuro será naturalmente um poliglota e não um monoglota.

O que existe atrás e além das palavras? Elas são palavras e o mundo que percebemos é o efeito delas. O que existe sem palavras não é percebido ou compreendido. O que seriam o sentir e o pensar sem palavras? Vivemos mais em função das palavras do que das coisas e elas só existem porque foram nominadas. Como seriam nossos sonhos se não houvesse as palavras?

Cada idioma tem as suas singularidades, o que constitui um obstáculo, às vezes intransponível, para uma correta tradução. Peritos afirmam que nenhuma língua do mundo, nem mesmo as línguas internacionais de nosso tempo, possui uma gramática tão completa como o sânscrito. É considerada a língua de maior riqueza de formas e bastante semelhante às línguas européias, notadamente ao grego e ao latim.

O grego é dotado de grande facilidade para a criação de palavras compostas, podendo, pela combinação de duas ou mais palavras, criar uma palavra nova com um novo significado.

O idioma dos Ainos não tem qualquer parentesco com outro idioma conhecido. O japonês não faz parte de nenhuma das grandes famílias lingüísticas. E o basco é uma língua que parece remontar a época da caverna, pois não se relaciona a qualquer outra na Terra.

Algumas línguas, como o hebreu e o árabe, não têm forma verbal correspondente ao presente. A língua hopi não possui tempos verbais. Os esquimós, com raras exceções, só utilizam substantivos e verbos. E o chinês parece não possuir o que chamamos de gramática. As palavras são imutáveis, e não há palavras que signifiquem *sim* e *não*.

De todas as línguas artificiais propostas, somente o Esperanto, criado por Lejzer Ludwik Zamenhof, ainda sobrevive. Mas, Hans Joachim Störig propôs o persa “como modelo para um idioma internacional artificial.”

O PODER

O poder é a nossa aptidão de agir sobre o mundo exterior. Por isso, ele exerce um quase irresistível fascínio sobre o ser humano. De certo modo, em determinadas situações, os homens querem o poder para controlar acontecimentos e pessoas.

A vida social exige um poder que a governe e a mantenha. Sem ele, a sociedade é inviável. Assim, podem mudar as formas e as titularidades do poder, mas o poder sempre subsistirá ou não existirá sociedade.

O que disciplina os indivíduos é um poder que os subjuga e assegura a vida social. Se ele enfraquece, a sociedade apresenta sinais de desorganização. E quando o poder se esboroa, ela se desagrega até aparecer um novo poder para restabelecê-la e discipliná-la. A solidariedade social, que garante a ordem pública, só é possível quando existe um poder forte e confiável que a governe.

Os seres humanos são divididos em dois grupos: o dos dominadores e os dos dominados. O grupo dominador, principalmente quando tem um líder carismático, manipula o grupo dominado, através da persuasão ou da força militar, política e/ou religiosa. Embora em número significativamente menor, o grupo dominante

mantém o poder, criando ideologias e mitologias, despertando o medo e a fé no grupo dominado.

O dominador necessita dos dominados para usufruir o seu poder. O dominado finge obediência ao dominador para não ser esmagado por ele ou porque se sente impotente para reagir.

Há pessoas que querem o poder e outras, a proteção de um poder, mesmo a preço de uma total submissão. Esse poder pode estar próximo ou infinitamente distante, presente ou ausente, visível ou invisível, humano ou divino. O poder protege quem o detém.

Quem não é titular do poder também se satisfaz em ser seu representante ou intermediário. Exercer o poder em nome de outrem, é usufruir seus benefícios, sem responsabilidade pessoal, a não ser perante o seu titular.

O poder enlouquece a quem não sabe usá-lo. Segundo a mitologia grega, só os deuses dominam o poder e sabem o segredo de fazê-lo. E tentam os homens a usá-los para se destruírem por si mesmos.

Há pessoas que procuram mostrar poder, quando se sentem enfraquecidas ou ameaçadas. O poder nem sempre é manifestação de força, mas necessidade de segurança.

Existem os que sonham com o poder, não porque sejam fortes, mas, ao contrário, porque são fracos. Ter poder é uma fonte de segurança para eles. Por isso, idolatram tanto o poder, usam tanto o poder, temem tanto perder o poder como também invejam e temem o poder dos outros.

Só o forte que, antes, foi fraco sabe defender-se das astúcias dos fracos, exceto se se deixar fascinar pelo poder.

Quem é verdadeiramente forte, não precisa do poder. Ele é forte para si e não contra os outros e, por isso, dispensa qualquer fonte externa de poder.

Um indivíduo se torna cada vez mais poderoso quanto mais o seu poder traz satisfação às pessoas que ele domina. E sabe conceder poderes menores aos outros, deixando, porém, claro que todos eles dependem do seu poder.

O poder, nas suas diversas formas, corrompe as pessoas e as instituições: poder bélico, poder econômico, poder espiritual. Quantos revolucionários idealistas que, ao assumirem o poder, não se tornaram também ditadores? Quantos líderes e guias espirituais não escravizaram seus discípulos e seguidores a pretexto de libertá-los?

O empresariado exerce o poder pela força do dinheiro, o militarismo pela força das armas e a religião pela força do medo. Empresários financiam a guerra, militares destroem seus inimigos, e religiosos justificam as atividades bélicas, denominando-as de *guerras santas* e abençoando as armas.

Deus é uma das estratégias do homem para alcançar e/ou manter o poder, sob a alegação de que é seu representante, intermediário, emissário ou até mesmo a própria divindade.

A persuasão e a sedução são as formas indolores de poder. A persuasão é a força intelectual, a sedução o poder emocional e passional.

O poder é uma doença incurável. Aquele que o contraiu, nunca mais fica curado, mesmo que não mais o exerça, e esta abstinência torna a vida insuportável.

Não apenas o saber é poder, a informação também o é, pouco importa o seu conteúdo e a sua veracidade. E quem controla a informação é titular do poder de manipulação coletiva.

A política é uma forma de poder. É a arte de conseguir o poder, exercê-lo e nele se manter. Por isso, Nicolau Maquiavel advertia que “um príncipe prudente deve cogitar da maneira de fazer-se sempre necessário aos seus súditos e de precisarem estes do Estado”.

A exibição de santidade, mediante sacrifícios espetaculares, é, em muitos casos, uma manifestação disfarçada de narcisismo. O sofrimento público se torna um atestado explícito de santidade, elevando o sofredor a uma condição sobre-humana. Certos santos eram megalomaníacos e paranóicos delirantes que, com o seu comportamento exótico, fascinaram as multidões. A santidade é uma forma de poder.

Deus, para os crentes, é a maior expressão de poder que o homem pode imaginar.

Há dois tipos de escravidão: a) a escravidão do poder, que acomete as pessoas que o detém; b) a escravidão ao poder, que subjugava as pessoas obrigadas compulsoriamente a obedecer. Das duas, a pior é a escravidão do poder, porque constitui uma escravidão consentida, uma auto-hipnose que mantém seu titular escravizado indefinidamente ao poder. É uma escravidão que se estabelece no interior do próprio indivíduo. A escravidão ao poder, ao contrário, é uma escravidão imposta e, portanto, externa. Não está no sujeito, mas opera em seu exterior: é uma circunstância e não uma opção. O verdadeiro escravo é aquele que voluntariamente se fez escravo, na ilusão de ser o senhor dos outros.

O homem quer o poder para realizar todos os seus desejos, pelo prazer do domínio sobre outras pessoas, pela vaidade de ser adulado, pelo orgulho de se sentir superior ou, simplesmente, pela necessidade de segurança e proteção que o poder lhe dá.

Queremos ser necessários para nos sentirmos, ao mesmo tempo, protegidos e importantes. Quem se faz necessário se tornou importante para ele e para os outros. Isso é poder. E também proteção.

É necessário distinguir entre o que não podemos fazer e o que podemos fazer, assim como o que podemos fazer, mas não devemos e o que devemos fazer, mas não podemos. Neste último caso, a omissão do dever se torna inevitável, dada à impossibilidade do seu cumprimento.

A tecnologia é o maior poder que a humanidade jamais dispôs em toda a sua história. O que poderá controlar o seu desenvolvimento e as suas ilimitadas formas de aplicações para o bem ou o mal do ser humano, para a melhoria ou a destruição da Terra?

A POSSE

A posse, no homem, é o equivalente ao instinto de territorialidade no mundo animal. Porém, ele foi além: transformou a posse em propriedade, ou seja, em situação de posse permanente, mesmo que inexistisse uma relação física com o seu objeto. E a posse passou também a ser um símbolo de poder. Assim, quanto mais uma pessoa tem, mais se sente poderosa. O ter assumiu o ser. Por isso, somos o que temos e, se nada temos, nada somos.

A posse é o sentimento e o exercício do poder que temos sobre pessoas e coisas. Quanto mais possuímos, mais poderosos nos sentimos e, por isso, as pessoas têm a tendência de possuir cada vez mais. No entanto, só possuímos realmente o que podemos usufruir. Cercamo-nos de coisas e vivemos esmagados sob o peso delas. Na verdade, possuímos muitas coisas por mera ostentação e por uma necessidade compulsiva de ter, mesmo sem usufruí-las. É o que Erich Fromm denominou de “posse inútil” que apenas nos dá o “prazer da posse” e não o “prazer do uso”.

A posse sem uso é uma posse jurídica, virtual. A posse real, factual é o uso enquanto uso. Assim, o que temos, mas não usamos, é um desperdício, pois muita gente precisa daquilo que apenas guardamos.

O ter pode inibir o fazer. O ter é estático, o fazer, dinâmico. Mas o verdadeiro fazer é o fazer pelo fazer e não o fazer para ter. O fazer pelo ter se acaba quando se tem o que se fez para ter.

Quanto mais temos, mais tememos. Quanto mais temos, menos somos. O ter é sutil escravidão que nos algema ao medo de perder. Quanto mais temos, maior é o tempo que gastamos para cuidar do que temos e não do que somos. Ter não é apenas posse, mas também o pensamento da posse, ainda que não se seja possuidor.

É espantoso constatar o quanto valorizamos o que não temos e também o que perdemos! Além disso, nem sempre sabemos aproveitar a companhia das pessoas amigas e o desfrute das coisas que temos.

Só há vida onde há trocas. Há uma perpétua interdependência entre todas as coisas. Damos e recebemos, recebemos e damos. Cada um tem a medida do que pode dar e do que pode receber.

Quem possui as coisas sem o espírito de posse, não é contaminado no seu relacionamento com elas. Quem procura possuir as coisas já foi possuído por elas, quer as consiga ou não. Se de nada nos sentimos dono, nada temos a perder. É preciso saber cuidar sem se apegar. Dizia Chuan-Tzu que o homem do Tao:

“Não luta para fazer dinheiro e não faz da pobreza uma virtude.”

O ter é o nosso ópio. A suprema libertação da posse é o desapego a si mesmo. Por isso, ensinava Mestre Eckhart:

“Se um homem deixou um reino ou mesmo todas as coisas e se não tiver deixado a si mesmo, não terá, na verdade, deixado nada. Se deixar a si mesmo, embora fique na honra e na riqueza ou continue a possuir o que quer que seja, o homem deixou efetivamente tudo.”

A ânsia de ter, o apego ao que se tem e o medo das perdas materiais e afetivas impedem o ser humano de experimentar a plenitude da serenidade.

A LIBERDADE

A liberdade é a possibilidade de fazer o que se quer e de não fazer o que não se quer. Não somos livres para querer ou não querer. Subjetivamente, a liberdade é o poder de escolha entre as opções desejadas. Objetivamente, é a possibilidade de escolher entre as oportunidades da vida social, sejam elas permissíveis ou proibitivas.

Oscilamos entre a liberdade e a segurança. O ideal é sermos livres com segurança. Mas a realidade nos compele a escolher entre a liberdade e a segurança. A aspiração constante do ser humano é aumentar, cada vez mais, o seu grau de liberdade. Mas, em situações específicas, prefere diminuí-lo em troca de maior segurança.

A liberdade exterior depende da sociedade em que vivemos com as suas normas rígidas ou flexíveis de conduta. Assim, a nossa liberdade se exerce dentro dos limites traçados pela lei, pelos costumes e pela moral.

Nem sempre podemos fazer o que queremos. No entanto, segundo o momento histórico em que vivemos, podemos conformar nossa conduta às normas sociais, ou lutar para que sejam substituídas por outras mais condizentes à realidade social.

A nossa liberdade interior é ilimitada, pois pensamos, sentimos e queremos sem qualquer censura, a não ser a nossa, como decorrência dos nossos condicionamentos culturais e religiosos. Ela nos permite ver, com lucidez, as limitações de nossa liberdade exterior. Porém, no momento em que explicitamos nossos pensamentos, sentimentos e desejos estaremos sujeitos a sofrer punições se eles estiverem em desacordo com as normas sociais e jurídicas.

A liberdade interior consiste: a) na consciência, cada vez maior, do que se é a cada momento; b) na consciência dos condicionamentos socioculturais; c) na modificação dos condicionamentos inadequados e criação de condicionamentos mais compatíveis com as nossas reais necessidades; e d) na fidelidade permanente a si mesmo.

A liberdade de cada ser é aferida pela quantidade de opções de que dispõe em cada situação específica.

É difícil o homem saber o que ele realmente é, pois está soterrado numa confusão de normas e valores, que o tornam um autômato social. Por isso, para ser livre interiormente, importa que ele descubra quem ele é para buscar ser o que é. Ele é aquilo de que necessita e nada pode fazer para mudar suas necessidades reais e, sim, compatibilizá-las, quanto à sua satisfação, ao contexto sociocultural onde vive.

A sociedade é uma hipnose coletiva e, para conhecermos os nossos condicionamentos, é preciso estarmos atentos a esse processo sugestivo.

Não podemos mudar as nossas necessidades biológicas, mas impedir sua manifestação ou realizá-las vicariamente. Assim procedendo, limitamos a nossa liberdade, que é a livre expressão de nossas necessidades. No entanto, podemos interferir nas necessidades impostas pela cultura e que influenciam as nossas decisões.

O fato de sermos conscientes de nossas necessidades não nos torna livres. Pelo contrário: sentimos mais profundamente o tolhimento dessa liberdade, seja por nossa iniciativa, seja por motivos alheios a nossa vontade.

Não queremos ser livres das necessidades, mas livres, sempre que possível, para o exercício delas. Por isso, só sentimos desejo de liberdade quando as nossas necessidades não são satisfeitas.

Lucidamente, advertiu Krishnamurti:

“O que interessa, portanto, não é escolhermos tal ou qual norma de ação, sim, compreendermos como a mente está condicionada.”

E ainda:

“O primeiro passo para a libertação é a compreensão do cativo.”

Quem se conscientizou de que tudo são convenções sabe como agir sem se opor desnecessariamente a elas. Afinal, a quase totalidade das pessoas necessita de convenções para viver socialmente em harmonia.

Somos o que somos. Ninguém é livre para ser o que não é. Somos livres para fazer ou não fazer em acordo ou em desacordo com as normas e valores da sociedade. Assim, podemos fazer ou não fazer o que nos é permitido, ou fazer ou não fazer o que nos é proibido. Nem tudo o que pensamos que somos, somos, pois muito do que somos é decorrente dos nossos condicionamentos culturais e do que nos foi dado pela natureza. Assim, podemos mudar o que parecemos ser e não o que verdadeiramente somos. O autoconhecimento nos habilita a devolver-nos o que somos, libertando-nos dos padrões que nos foram impostos, embora externamente pareçamos os mesmos por motivo de mera conveniência. Somos livres na proporção em que podemos agir segundo somos e não somos livres para deixar de ser realmente o que somos.

Não há sociedade sem regras de conduta e, portanto, inexistente liberdade externa plena onde há o social. Porém, a liberdade interior pode ser plena, se o indivíduo estiver, a cada dia, consciente de seus condicionamentos, das motivações dos seus atos e de seus sentimentos. E essa liberdade interior é uma conquista cotidiana, porque, como tudo está em permanente mudança, essas mudanças também alcançam a nossa subjetividade.

Se a nada nos obrigarmos interiormente, nenhuma obrigação externa será capaz de escravizar-nos. A liberdade é o estado de emancipação contínua de todas as formas de escravidão. Não é algo estático, mas dinâmico. É o exercício permanente da autenticidade de se ser o que se é. Por isso, observou Ken Wilber:

“Só a escravidão pode ser imposta; não se pode forçar uma pessoa a ser livre.”

Pior do que a perda da liberdade é o condicionamento à escravidão.

Quem é livre, não pensa em liberdade. Só os escravos pensam em liberdade, embora não saibam o que ela é.

A liberdade é conquista permanente, nunca definitiva, e acontece a cada momento em que estamos conscientes das nossas reações às circunstâncias.

A liberdade é a possibilidade de escolha. Quanto maiores essas possibilidades, maior o grau de liberdade do ser. Não há, pois, sentido em se falar de liberdade absoluta, mas em graus de liberdade cada vez maior.

A liberdade não é originariamente um direito, mas um fato. Ao viverem em sociedade, os homens fizeram da liberdade um direito, opondo-lhe, no entanto, a obrigação de obediência às normas sociais. A responsabilidade é a consequência das relações sociais.

Liberdade não é fazer tudo o que se quer, mas tudo o que se pode e o que se deve. A liberdade não está na vontade em si, mas no exercício da vontade segundo as conveniências e as circunstâncias.

Ser o que se é, é um grande risco. É o preço da autenticidade, da liberdade interior. Mas, é necessário que não se converta em liberdade exterior ilimitada, para não resultar em conflitos desnecessários.

A liberdade é o resultado da compreensão dos nossos condicionamentos, o que nos permite agir ou não agir segundo as conveniências do momento e do contexto cultural em que vivemos.

O livre pensador é aquele que é livre de suas próprias idéias.

A liberdade consiste também na livre obediência. Obediência porque se quer obedecer e não porque se é obrigado a obedecer. A obediência compulsória não

passa de sujeição, de escravidão. A obediência voluntária, ao contrário, é um ato de liberdade.

A liberdade é risco. É espírito de aventura. É aceitação das mudanças, a convivência madura com a insegurança.

Há pessoas que preferem mais segurança do que liberdade e outras que preferem mais liberdade do que segurança. Não existe nem liberdade nem segurança absolutas.

Para muitas pessoas, a liberdade é um fardo. Preferem a segurança anestesiante aos sobressaltos do risco, da aventura criativa.

A liberdade às vezes intimida, porque é difícil lidar com ela.

Temos a vocação natural de escolher somente o que pensamos ser um bem para nós. Todo ser está programado para agir sempre em seu benefício. É o que se denominou de instinto de conservação. Somos, assim, impulsionados a fazer o bem a nós mesmos, embora, em nível consciente, nem sempre saibamos o que é o nosso bem.

Queremos ser livres de tudo o que nos causa mal e queremos ser livres para alcançar tudo aquilo que julgamos ser o nosso bem.

Antes acreditávamos que o destino nos era imposto pelo capricho dos deuses. Hoje, pensamos que ele é determinado pela programação genética. Antes, tentávamos mudar o nosso destino com súplicas aos deuses. Hoje, tentamos modificá-lo intervindo no código genético.

Poderá, no futuro, o homem programar os seres humanos, dotando-os de novas aptidões, modificando o seu programa original, tornando-os mais flexíveis às necessidades emergentes e, portanto, com maior flexibilidade e grau de liberdade para reagir às circunstâncias mais diversas? O novo homem criado pelo próprio homem será, por certo, o maior acontecimento no complexo processo da evolução.

O BEM & O MAL

O bem e o mal não existem na natureza, mas resultam das relações entre pessoas em cada cultura. São normas de comportamento social e que se tornam condicionamentos que influem poderosamente no modo de viver dos indivíduos. É falsa, por isso, a questão se o homem é bom ou mau por natureza, o que suscitou e ainda suscita intermináveis discussões principalmente entre os religiosos.

O instinto de autoconservação e de expansão é inato nos seres vivos. Cada ser procura o que entende ser melhor para si e, por isso, o considera um bem. E tudo aquilo que o priva do que ele entende como bem, é o mal. Aristóteles dizia que “ninguém quer senão o que pensa ser o bem”. E Spinoza asseverava:

“Na medida em que uma coisa convém à nossa natureza, ela é necessariamente boa.”

Há, em certos casos, indícios de que fomos biologicamente – e não apenas culturalmente - programados para a prática de atos benéficos ao grupo social em que vivemos. Mas, por motivos os mais diversos, de natureza orgânica ou social, alguns indivíduos estão incapacitados de agir segundo essa programação.

O bem e o mal sempre existiram, existem e existirão como julgamentos humanos. As pessoas que beneficiamos dizem que somos bons. E as que não beneficiamos, e até prejudicamos, garantem que somos maus. Em situações diversas, podemos não beneficiar a quem beneficiávamos ou beneficiar aqueles que antes não beneficiávamos, o que geralmente resulta na mudança de julgamento a nosso respeito. O bem e o mal são também julgamentos que fazemos sobre fatos e pessoas em cada situação específica. Portanto, bem ou bom é *o que* ou *quem* nos beneficia, e mal ou mau é *o que* ou *quem* nos prejudica. O bem, para nós, é tudo o que nos dá prazer, nos faz melhor. O mal é o contrário.

O bem que fazemos aos outros só é um bem para nós se nos fizer bem. Às vezes, fazemos mal aos outros na ilusão de que lhes fazemos bem. E há aqueles que fazem mal a outrem porque este mal lhes faz bem ou dele tiram proveito.

Quem faz o que julga um bem por prazer, tem no prazer o objetivo do bem. Ou seja, faz o bem pelo prazer que o bem lhe dá. Não há o bem pelo bem. O bem tem sempre alguém por objetivo, seja o benfeitor, seja o beneficiado. O bem que se faz por alguém beneficia o beneficiado, mas só beneficiará o benfeitor se este bem lhe der prazer. Quem faz o bem por obrigação, seja de que natureza for, apenas beneficia o beneficiado.

O bem é a prática do que é benéfico a um grupo ou a uma sociedade. O grupo dominante determina o que é bem ou o mal para a sociedade com a finalidade de se manter no poder.

O bem e o mal são escolhas felizes ou infelizes a cada situação do existir. Ou eventos que nos afetam e que os interpretamos como benéficos ou maléficos.

O bem ou o mal é o que funciona de acordo ou em desacordo com um dado sistema, seja ele físico, orgânico ou social.

Por sua vez, um sistema pode funcionar bem ou mal em relação a um sistema maior no qual está inserido. Assim, fazer o bem é agir de acordo com um determinado sistema biológico ou social com o qual se está relacionado. Fazer o mal, é o contrário, e o sofrimento é a sua consequência.

As coisas, os eventos, os seres vivos não foram feitos para nosso malefício ou benefício. Nós é que os contabilizamos como maléficos ou benéficos. Na verdade, somos os juízes do bem e do mal em causa própria.

Bem e mal são interpretações que variam no tempo. O que hoje para nós é um bem, amanhã pode ser interpretado como um mal e vice-versa. Então, sempre haverá bem e mal, diferindo no mesmo indivíduo em suas reavaliações do mesmo fato em épocas diferentes, assim como na avaliação de outros indivíduos.

O homem considerado um cidadão de bem é aquele que obedece e cumpre as normas sociais, pouco importando o que pense e sinta em seu interior. O que vale, portanto, é o seu comportamento que, por exemplar, reforça os condicionamentos que a sociedade impõe aos seus indivíduos. Ele se torna um referencial dentro do sistema em que vive.

O bem e o mal se tornam questões angustiantes quando são explicados como tendo causas e efeitos transcendentais. Sentimentos de culpa, medo de castigos

divinos, expectativas de recompensas direcionam a vida das pessoas de conformidade com as suas concepções religiosas.

Há pessoas que vivem obcecadas em fazer o bem para provar a si mesmas e aos outros as suas virtudes. Desejam garantir uma recompensa transcendental e se envaidecem em ser diferentes das pessoas comuns. Negam seus sentimentos, seus desejos, seus pensamentos considerados pecaminosos. Lutam tenazmente contra eles, porque se sentem tentadas pelas trevas e provadas por Deus. A própria doença decorrente de seus conflitos interiores passa a ser interpretada como uma prova de uma eleição divina. Encaram o sofrimento como uma bênção. No fundo, porém, invejam a saúde e o êxito das pessoas tidas como más e se confortam, numa vingança disfarçada, de que elas, no final serão punidas. Vivendo em constante dualismo entre as suas disposições humanas e as suas pretensões espirituais, via de regra, não gozam boa saúde física e também mental. Por isso, se agitam entre o medo de fracassar e a culpa por eventuais fracassos, o ódio de terem fracassado e o rancor contra a boa sorte dos maus.

Em nome de um pretense bem, de um ideal paranóico ou de uma ambição disfarçada, quanto males reais não foram praticados?

A VERDADE & A MENTIRA

A verdade é a concordância do que é afirmado ou negado com o objeto da afirmação ou da negação. É a coincidência entre o que se percebe e o que é percebido. Porém, o que é percebido pode resultar de ilusão ou simulação e, assim, não passa de mera aparência.

A moral e a religião exigem que os indivíduos digam sempre a verdade. Por isso, a mentira é repudiada e combatida.

Dizer sempre a verdade ultrapassa a capacidade do ser humano. Em alguns casos, é trans-humano, em outros, desumano.

A verdade, em muitos casos, pode ser um luxo só utilizado em situações de segurança. As situações de perigo geralmente eliminam a prática da verdade. E o

verossímil é a máscara usada pelo indivíduo para se safar de situações perigosas, ameaçadoras.

Nem sempre podemos dizer a verdade ou toda a verdade. Há ocasiões em que é necessário mentir, enganar os outros.

A simulação é uma forma de mentira e constitui uma estratégia de sobrevivência. A presa se disfarça ou simula estar morta para salvar sua vida, enganando o predador. Stephen Larsen informou que os chimpanzés e os gorilas são capazes de mentir. O homem, também, em situações especiais, mente para salvar sua vida e/ou de outras pessoas. Ninguém é obrigado, em nome da verdade, a sacrificar a própria vida. Qual a mãe que, em nome da verdade, indicaria o paradeiro de um filho, perseguido por pessoas sequiosas de matá-lo? Em nome da verdade, deveria fornecer a estas pessoas o local exato onde o seu filho se encontra? A mentira, nessas circunstâncias, não é um mal necessário: é uma estratégia biológica, deflagrada pelo instinto de autoconservação ou pela estima por outras pessoas. Nesses casos, a mentira não prejudica ninguém e ainda salva a vida do circunstancial mentiroso ou de terceiros. Assim, ela não deve ser julgada em si, mas nas suas motivações e conseqüências. Falar a verdade, mesmo às custas da vida, é sempre uma opção, jamais uma obrigação, um dever.

Na guerra, se usa a camuflagem para enganar o inimigo. Na paz, se faz diplomacia, uma mentira elegante, para se preservar a paz.

A vida social é um complexo de mentiras ritualizadas. As mentiras sociais pacificam as pessoas e asseguram a continuidade das relações sociais.

Quem, ao menos uma vez da vida, não se utilizou da indulgente mentira da doença para se furtar a um incômodo compromisso social? Se o paraíso é vedado àquele que já mentiu, é inquestionavelmente certo que nenhum ser humano se encontra lá.

Mentimos para sermos agradáveis e gentis. Mentimos para nos agradar. Mentimos para nos defender. Mentimos ao exagerar nossas virtudes, habilidades e conquistas. Mentimos ao minimizar nossos defeitos, inabilidades e insucessos. Mentimos para não ferir os outros e para não nos ferir. Mentimos para dar ânimo aos derrotados, aos doentes, aos infelizes. Mentimos para sermos aceitos ou amados. Mentimos para nos livrar de compromissos sociais. Mentimos por medo de prejudicar os outros e nos prejudicar. Mentimos para proteger-nos e proteger as pessoas que amamos. Mentimos para esconder nossa raiva, revolta, despeito, decepção. Mentimos para nos salvar e salvar os outros. Mentimos para evitar um mal maior. Mentimos para não revelar um fato doloroso. Mentimos por paixão e por compaixão. Mentimos por ódio e por amor. Mentimos para estimular o ânimo abatido dos amigos e também para abater os inimigos. A carícia da mentira também é desejável. Em alguns casos, a verdade é uma bofetada aplicada em hora errada. Porque há verdades que apenas derrubam e em nada ajudam.

A mentira é uma grande panacéia, servindo de terapêutica anódina para as mais diversas situações da vida. Quem diz que não mente ou que nunca mentiu é um grande mentiroso. Paradoxalmente quem diz “eu minto”, está dizendo a verdade, mesmo para o escândalo hipócrita dos demais mentirosos.

Ensinamos a verdade e convivemos com a mentira. A verdade, quase nunca, é companhia desejável. Raríssimos são os que gostam de vê-la e de ouvi-la. E raramente a verdade pode ser mostrada, pois, quase sempre, traz vexame e

constrangimento. Não é, pois, sem razão que se fala de verdade nua e crua: escandalosa para os olhos, ruim para o paladar. A mentira, ao contrário, em muitos casos, sempre está vestida com os trajes mais deslumbrantes e temperada com os mais deliciosos sabores.

Combate-se a mentira e mente-se, dizendo-se amar a verdade. Até parece que a verdade é um mal necessário e a mentira, a verdadeira natureza humana.

A mentira é a mais versátil e eficiente arma de defesa em determinadas situações. E, também, arma de ataque. Até a confissão de um mentiroso sobre sua mentira pode ser uma mentira para simular o arrependimento e lhe trazer benefícios futuros.

A verdade é sempre a mesma. Mas, a mentira tem o dom da metamorfose: é extremamente versátil e criativa. A verdade é uma estátua, imutável, sem surpresa.

É evidente que, nem sempre, a verdade pode ser dita. Pode até ser prejudicial, em certas circunstâncias. Há pessoas que não estão capacitadas a conhecer certas verdades. Ou seja: não se deve dizê-las a determinadas pessoas, porque elas, por incapacidade de compreendê-las, podem deturpar-lhes o seu real significado. Nesse caso, omite-se a verdade.

Há ocasiões em que a mentira pode trazer resultados benéficos a quem mente e àquele a quem ela é dirigida. Se, por exemplo, sorrimos para alguém de quem ainda temos mágoa, visando restabelecer a amizade abalada, esse gesto, embora mentiroso, pode fazê-lo acreditar que não mais estamos magoados. Então, com isso, é possível, de novo, atrair-lhe a simpatia e, em virtude disto, dissolver a mágoa recíproca.

A mentira eventual é comum no ser humano. Mas, se se torna habitual, é maléfica para quem mente, por fazê-lo uma pessoa não-confiável e principalmente se prejudica outras pessoas.

A PERFEIÇÃO

Uma questão que preocupa muitas pessoas, sob os mais diversos aspectos, é a perfeição. O que é, porém, a perfeição?

Perfeito é algo que nunca muda e, portanto, sempre é o que é? É aquilo que é completo, que realizou todas as potencialidades, que alcançou todos seus objetivos, que jamais cometerá falhas, que não poderá ser melhor do que é? Então, tudo é imperfeito, porque está sempre a mudar.

Se a perfeição for a realização plena das potencialidades de cada ser, ao menos em relação ao homem ninguém é perfeito.

Se a evolução é infinita, o homem jamais atingirá a perfeição, porque ele não pára de evoluir.

Finalmente, se a perfeição é o ser agir segundo ele é, o homem vive a perfeição a cada instante em que procede de conformidade com a sua natureza.

Perfeito, sob o ponto de vista estritamente físico ou biológico, é tudo aquilo que não tem defeito em sua forma, estrutura e funcionamento. Assim, não há algo mais perfeito que outro. Algo pode ser perfeito ou imperfeito segundo um dado modelo de perfeição, seja ele de natureza física, moral ou espiritual.

Cada espécie tem seu modelo próprio de perfeição. Assim, não existe uma espécie mais perfeita do que outra. O homem não é a suprema perfeição da Natureza. Por isso, Teilhard de Chardin argumentou:

“Com que direito, por exemplo, se poderá dizer que o Mamífero - seja ele o Homem - está mais avançado e é mais perfeito que a Abelha ou a Rosa...?”

Apesar disso, temos de reconhecer que o desejo de perfeição nos induz a tentar fazer o melhor possível em cada circunstância do nosso existir. E alcançar o nosso melhor possível em certos momentos especiais.

A FÉ

O que é mais importante para o homem: é ter fé ou duvidar? Ambas são igualmente importantes, dependendo do contexto em que se situem. Logo, elas não se excluem reciprocamente desde que não sejam incluídas em um mesmo domínio cognitivo.

Fé não é acreditar em algo que sabemos ser absurdo, mas em algo que julgamos possível acontecer apesar de sua aparente impossibilidade. A fé não é a afirmação do absurdo, mas a conscientização de que o absurdo é não ter fé.

A fé é a energia que atualiza a possibilidade que o homem intensamente quer ver realizada. Quando uma comunidade crê em determinada coisa, ela acontece, mesmo que pareça impossível.

Crer é uma atitude espontânea como o ato de respirar. Ninguém é obrigado a crer e, se crê por obrigação, na verdade não crê.

Vivemos ou morremos pela força do que cremos. A nossa vida é conseqüência do que cremos. Por isso, dizia Kierkegaard:

“A fé é a mais elevada paixão de qualquer homem.”

A fé, e não a razão, é o artífice do nosso destino. A fé cria suas próprias razões. E a razão se faz sua própria fé.

Alan Watts estabeleceu uma distinção entre crença e fé. A crença é “a insistência em que a verdade seja aquilo que se “preferiria” ou desejaria que fosse”. A fé é “uma abertura sem reservas da mente à verdade, qualquer que esta venha a ser”. A fé é “um mergulho no desconhecido”.

A fé é a certeza sem prova e até mesmo contra todas as provas. E qual o fundamento da certeza? É a prova do que se afirma? Mas, o que é provar, e qual o grau de confiabilidade da prova? Ou seja: a prova, antes de provar alguma coisa, deve ser previamente provada. E o que prova que o que prova a prova também merece confiabilidade e assim *ad infinitum*? A certeza, a rigor, não passa de uma crença que, por ser provada, adquiriu *status* de confiabilidade.

Fé é certeza subjetiva. É confiança na existência daquilo que não se vê. Ter fé é apostar no que nos parece impossível. A fé é a certeza que não depende da razão ou da comprovação experimental.

A fé é a maior aventura existencial. Para os fracos, ela constitui abrigo, segurança. Para os fortes, é uma aposta, uma aventura arrojada, um mergulho no Desconhecido. A fé do fraco é acomodação às circunstâncias, sujeição ao que se julga imutável. A do forte é a certeza da superação de todas as circunstâncias, de algo maior do que as limitações do presente, a antecipação de um futuro aparentemente improvável. Não há uma razão para a fé: ela é a sua própria razão. A fé é o recurso extraordinário para resolver problemas que a razão não consegue.

Se fôssemos absolutamente racionais, ficaríamos praticamente imobilizados. Teríamos, a cada momento, de analisar todas as probabilidades referentes ao nosso próximo ato. E a cada momento decidir quais as mais prováveis de acontecer e, entre estas, aquela que seria a melhor para nós.

Crer é uma atitude receptiva. A crença facilita a interação com o objeto em que se crê. A descrença ou a indiferença elimina a interação, porque não há com o que interagir. Nem tudo o que se crê, existe. Mas, se existe, a crença facilita e estabelece a interação. A crença, assim, é prontidão psíquica, estado receptivo que só funciona quando há algo com que interagir.

Felizmente, a maioria das pessoas tem a crença geral e sólida de que nada lhe acontecerá e que tudo funcionará em seu benefício e de acordo com os seus propósitos. Essas pessoas têm fé no bom funcionamento do corpo, no comportamento previsível da natureza, na ausência de catástrofes, no equilíbrio social e relações interpessoais e em tudo o que fazem sozinhas ou com os outros.

Confiar é expor-se aos outros sem restrição porque vê nos outros versões de si mesmo. Por isso, a confiança nos torna desprevenidos na presença daqueles em que confiamos. É o momento em que a pessoa se expõe com a máxima autenticidade. Os que, geralmente, não confiam nos outros nem sequer têm momentos em que possam florescer em toda plenitude, mesmo quando sozinhos.

O significado e a percepção do mundo se modificam, quando, por motivos diversos, mudamos a nossa crença sobre ele.

Devemos desconfiar da nossa confiança e também da nossa desconfiança. Pensar é um permanente estado de alerta em relação ao que cremos e o que não cremos. Ele nos permite viver segundo as coisas nos parecem e enquanto assim parecem, o que nos faz aptos a mudar quando elas mudarem de aparência. Só percebemos aparências. Quem conhece o núcleo das coisas, se é que há núcleo?

O que é a esperança, senão a fé de que tudo melhore e volte ao normal, de que consigamos o que queremos e não aconteça o que não queremos?

Há uma fé automática, ligada ao cotidiano, na prática de cada um dos nossos atos, e que, por isso, nos passa despercebida. E há uma fé emergente nas situações de desespero, de aflição, de perturbação, de enfermidades graves, como se fosse um apelo extraordinário a tudo o que excede à condição humana.

O importante é viver além da crença e da descrença. É saborear o essencial mistério da vida. Porque a lógica não passa de um jogo que o homem inventou e depois acreditou que era a própria verdade.

A fé não evita o sofrimento, mas pode torná-lo suportável. Sob o ponto de vista estritamente psicológico, ela funciona como um excelente psicotrópico para a solução dos problemas existenciais.

Adoecemos quando acreditamos que estamos enfermos. Aceleramos nossa morte quando acreditamos que estamos morrendo.

O homem é um criador de fatos, sejam eles sociais ou físicos. Porém, para a realização de certos fatos, não é necessária apenas a vontade, mas a fé. Nesse caso, não basta querer, mas acreditar no que se quer. A fé é o exagero da vontade.

Fatos extraordinários tidos como milagres renovam a força da fé. Quando eles escasseiam, a fé enfraquece e torna-se crença.

A fé baseada no testemunho alheio, por maior que seja a autoridade da testemunha, não tem a força da fé de quem testemunhou o que julgou ser um milagre. Uma única experiência do transcendental pode durar a vida inteira e contagiar a posteridade por tempo indeterminado. Mas a sua continuidade necessita de uma nova intervenção do insólito.

Queremos controlar as coisas e nos encastelar em um universo previsível e rotineiro. Por isso, deixamos de perceber o espetáculo diário do inédito e do novo.

Nem tudo o que pensamos compreender podemos dominar. O sentimento de segurança em momentos de incertezas e de ameaças é, psicologicamente, uma atitude de fé.

A DÚVIDA

A dúvida é tão necessária e importante quanto a fé. Ela é indispensável na investigação científica.

A dúvida é a ginástica da inteligência. Duvidar não é apenas negar o que existe, mas negar que o que existe seja a única coisa que existe. Negar, assim, é ampliar a visão da realidade.

Louis Pauwels asseverou:

“O amadurecimento é a ampliação das dúvidas, uma vigília do espírito para manter o conhecimento no seu mais alto grau de incerteza.”

O dogma é o cansaço da razão. O homem que não duvida, cansou de crescer.

A dúvida é a saúde do espírito. Duvida-se, porque se quer mais. Porque se sabe que o que se sabe é provisoriamente necessário e necessariamente provisório. Porque o saber não tem fim. E o provisório não é irreal, enquanto provisório.

Tinha razão Michel de Montaigne quando asseverava que “só os loucos têm certeza absoluta em sua opinião”.

A dúvida é a fé de que há algo mais além do que se conhece, e a fé é a dúvida de que todo real é só o que conhecemos.

Duvidamos para pensar. Acreditamos para agir. A convicção que surge da dúvida é tão forte quanto a fé de quem nunca duvidou.

Duvidar não é negar que algo é, mas questionar se ele é como nos parece e nos aparece. Se nada existisse, nenhuma dúvida existiria. A dúvida é criativa, porque nos leva à observação da mesma coisa em perspectivas diferentes. Ela nos preserva contra o imobilismo e a comodidade.

A dúvida nos mantém alertas. A certeza pode ter o efeito embriagante de um psicotrópico ou o efeito paralisante de uma anestesia.

A dúvida metódica admite provisórias certezas. A dúvida sistemática é tão infértil quanto a certeza inabalável.

Podemos acreditar na possibilidade de estarmos certo em determinadas circunstâncias, embora também estejamos advertidos de que não há garantia absoluta para as nossas certezas por mais verossímeis que pareçam.

A dúvida é a autocrítica da certeza.

Dúvida não é a afirmação de que tudo é incerto, pois isso seria negação da dúvida. Dúvida é a admissão da possibilidade de erro em cada situação do nosso agir. Por isso, é importante agir, pois é possível que estejamos certos ou que as coisas aconteçam como queremos em consequência do nosso agir. Se duvidássemos da certeza de nossa ação, ficaríamos privados de qualquer tipo de atividade.

Quando perdemos todas as certezas é que ficamos certos de que nada perdemos. A incerteza gera muitas possibilidades. A certeza, apenas uma.

Se não temos certeza de nada, como podemos afirmar ou negar qualquer coisa? O que temos são opiniões ou crenças às quais damos o nome de conhecimento porque nos parecem verdadeiras e, por isso, orientamos nossa vida em razão delas.

O homem não é apenas o que racionalmente sabe, mas o que indubitavelmente crê. Nunca poderemos ter a certeza, mas apenas a convicção de que estamos certos. Assim como a fé, o conhecimento científico, por ser provisório, é convicção razoável ou provisória certeza.

Se tudo muda, a certeza é para o momento que passa e não constitui garantia para o futuro. No entanto, a permanente dúvida sobre tudo inibe qualquer atividade.

A FELICIDADE

A felicidade é, talvez, o maior objetivo do ser humano. Todos querem ser felizes, e pessoas há que, para se sentirem assim, não vacilam em fazer os outros infelizes.

Podemos definir a felicidade como um estado de bem estar geral, ora tranqüilo, ora eufórico, que pode ser habitual ou ocasional, variando de pessoa a pessoa. É um estado de paz indefinível, bioquimicamente deflagrado pelos mais diversos processos, como a meditação e a ingestão de drogas.

Não há uma fórmula única para a felicidade. Cada pessoa é feliz ao seu modo quando descobre o seu modo de ficar feliz. E não necessita de mestres ou gurus para isso.

Quando estamos felizes não questionamos a felicidade. É o sofrimento que nos torna inquiridores, ansiosos por respostas para a nossa condição existencial.

Quando sofremos ou carecemos de algo, surge em nós um sentimento que denominamos de esperança. Ela é a expectativa por algo que nos falta, por um desejo ainda não satisfeito, e ainda resulta da insatisfação, do desespero, do sofrimento, da angústia. Em alguns casos, funciona como um sedativo. Quem está feliz, não necessita de esperança.

A felicidade não é uma meta, mas um estado conquistado a cada instante. Não é a simples ausência do sofrimento, porém algo apesar do sofrimento. Não é a satisfação de todos os desejos e, sim, a compreensão dos conflitos, a ausência de apegos, a libertação da tirania do eu.

Na quase totalidade dos casos, somos mais vítimas de nós mesmos do que dos outros. Somos nosso pior inimigo, porque não vemos ou não queremos ver este fato. E mesmo quando somos vitimados por outros ou por acontecimentos naturais, também, na quase totalidade dos casos, nos deixamos abater pelo nosso infortúnio.

Quando mudamos nossa postura, tudo muda também. Não é porque nossa postura mudou o mundo, mas porque nós mudamos nossa percepção do mundo.

Pode a miséria dos outros impedir definitivamente a felicidade das pessoas sensíveis? Se tal ocorrer, nenhuma delas estará feliz, enquanto não se acabar a infelicidade alheia. Podemos ajudar os infelizes de qualquer gênero, por atos de solidariedade, preservando, no entanto, a nossa habilidade de ficar feliz, como recomendou Roger-Pol Droit:

“Seria necessário esperar seja extinta a miséria do mundo para desfrutar das delícias da existência? A alegria do estudo é menos doce, o sabor dos morangos menos suave por causa disso?”

O sentimento permanente de infelicidade é a raiz de todos os males. Quem não se sente feliz, está propenso aos mais variados tipos de desastros. O sofrimento nem sempre causa a infelicidade, mas esta é a causa principal daquele.

Uma das causas da violência não é a pobreza, mas a infelicidade. Nem sempre a pobreza torna o homem infeliz. Nem sempre a riqueza o faz feliz. Quem é feliz não pratica a violência. Violência é sintoma de frustração e revolta decorrente da infelicidade. Mas, a grande maioria das pessoas não sabe o que é necessário para ser feliz. Quem é feliz não delinque. Delinquência é reação a uma vida infeliz e sem significado. É um vazio existencial que a posse de bens materiais não é capaz de suprir. O pobre, quando delinque, é porque se sente infeliz pela privação de bens materiais. O rico, quando delinque, é porque a simples posse de bens materiais não o torna feliz, ou porque pensa que o acúmulo cada vez maior de riqueza possa resultar em felicidade.

Infeliz não é apenas aquele que não tem nada, mas também aquele que tem de tudo e não sabe o que fazer de sua vida.

Quando estamos felizes, não há esperança, não há medo, não há expectativa, não há sofrimento.

Se estamos felizes, temos de viver intensamente o presente, enquanto ele não passa. E se sofremos, devemos guardar a esperança de que o presente infeliz também passará. A felicidade é a experiência do presente. A esperança é a expectativa de felicidade no futuro.

Somos seres do presente e é somente no presente que sofremos e somos felizes. Podemos, no entanto, sofrer e ser felizes não apenas em razão do presente, mas em consequência de lembranças do passado e de expectativas em relação ao futuro.

Há pessoas que vivem na busca permanente da felicidade. E, por isso, sofrem e estão sempre insatisfeitas, porque fazem do presente apenas um meio para alcançar um fim.

É uma infelicidade a ânsia de ser feliz.

O MEDO

O medo resulta da consciência de um perigo real (atual ou iminente) ou imaginário, que aciona o mecanismo de autoconservação do indivíduo. Porém, o medo mais comum e freqüente é o medo abstrato, gerado pelo pensamento e pelas palavras.

O medo é útil quando resulta da iminência ou atualidade de um perigo real, e é inútil quando é reação a um perigo imaginário.

O medo tem um suporte orgânico e pode originar-se de experiências prévias do indivíduo ou de seus condicionamentos socioculturais. Fomos educados a ter medo de certos seres reais ou fictícios, de certas coisas e de certas situações.

As palavras e os pensamentos presentificam as coisas. Quando não há palavras e/ou pensamentos, as coisas presentes continuam presentes e as coisas ausentes permanecem ausentes. Se falamos ou pensamos em algo, este algo se transforma em vivência psicológica e nós reagimos a essa experiência segundo o seu significado. Há palavras e pensamentos que nos fazem sofrer e, por isso, sofremos, quando falamos e/ou pensamos. Palavras e pensamentos doem tanto quanto as coisas físicas.

Linguagem e pensamento criaram um “corpo psíquico” que é afetado por experiências psíquicas, e também afetam o corpo físico. Na verdade, somos mais ameaçados e sofremos mais psiquicamente do que fisicamente.

O medo nos predispõe à fuga ou paradoxalmente ao combate. Neste caso, ele foi definido por Emilio Myra y López como o medo para frente ou coragem. Na verdade, a coragem não é ausência do medo: é o ato de fazer o que deve ser feito apesar do medo. Onde não existe consciência do perigo, não há coragem.

Podemos sofrer sem medo. E podemos sofrer pelo medo de sofrer. O medo é uma das causas mais freqüentes do sofrimento.

O medo gera a necessidade de segurança. Temos medo de perder bens materiais e afeições. Medo de adoecer, de sofrer, de envelhecer, de morrer. Assim, queremos nos proteger contra tudo isso e inventamos as mais diversas estratégias materiais e psicológicas que nos dêem a sensação de segurança. Na verdade, não eliminamos o medo, apenas o anestesiámos.

Em regra geral, o medo da morte atormenta as pessoas e elas utilizam os mais diversos expedientes para não enfrentar a questão. Entre os mais diferentes medos da morte se destacam o do tipo de morte, o de ser enterrado vivo, o do que acontecerá depois da morte e o da inconclusão de projetos existenciais.

Não podemos vencer a morte. Mas podemos vencer o medo que dela temos. O medo pode durar a vida toda. A morte só acontece uma vez. E ela mata o medo que tanto nos aflige. Por isso, é melhor matar o medo e não esperar que a morte o faça antes, porque nada lucraríamos com isso.

Só lamentamos a nossa futura morte enquanto estamos vivos. Ou seja: lamentamos aquilo que ainda não perdemos. Mortificamo-nos em vida e essa mortificação, por certo, nos faz sofrer mais do que a própria morte.

O maior inimigo da vida não é a morte, mas o medo. Uma das maiores causas do medo é o apego às pessoas e às coisas. O medo desaparece quando não se tem nada a perder.

Porém, nem todos têm medo de morrer. Alguns até desejam, pelos mais diversos motivos, a morte, concorrendo, inclusive, direta ou indiretamente, para o evento.

Certa vez, alguém perguntou a Tales de Mileto por que ele não se matava, se ensinava que viver e morrer eram igualmente indiferentes. E Tales respondeu: porque me é indiferente.

O medo nos envergonha, porque não queremos ser tidos por fracos e covardes. É o orgulho que exige que sejamos fortes. Na verdade, há mais coragem em confessar o medo do que em praticar um ato de coragem, impulsionado pela obrigação de não ter medo.

Confessar, quando necessário, as suas fraquezas e medos, é libertar-se da obrigação compulsiva e desgastante de ser forte e corajoso, ou da vaidade de assim

parecer. Confessar suas limitações não é um ato de autocomiseração, nem uma estratégia de falsa modéstia, ou ainda um expediente para atrair a comiseração alheia. Mostrar-se forte e intemorato é ocultar o medo, tido como vergonhoso. É mais corajoso e fácil confessar as próprias limitações do que, com exaustivo esforço, aparentar fortaleza. No entanto, em certas circunstâncias, tentamos exceder os nossos costumeiros limites para a solução de problemas existenciais que nos afetam e/ou às pessoas a que amamos.

O medo resulta do apego. Quem tem medo, tem medo de perder algo. Ninguém tem medo de não perder algo. Somente o desapego é o antídoto contra o medo.

O medo é o nosso maior obstáculo. As contingências da vida e a fatalidade da morte não nos afetariam tanto, se não tivéssemos medo. Tudo seria visto com compreensão e maturidade. A razão e a emoção poderiam ser exercidas em sua plenitude. O medo é a nossa maldição, o nosso pecado original para o qual ainda não apareceu qualquer Salvador. Ele é o pai de todos os fantasmas.

O medo da morte pode ser eliminado em certas circunstâncias por motivos religiosos ou políticos ou pela ingestão de drogas. Mártires e fanáticos são desapaosados dos seus medos e agem como se fossem autômatos de carne, sacrificando suas vidas e a dos outros, em nome de suas crenças.

O SOFRIMENTO

O sofrimento físico criou sua própria metafísica e esta é uma das causas do sofrimento psicológico. A metafísica do sofrimento inventou causas transcendentais para os males físicos, ensejando sentimentos de culpa e necessidade de perdão e salvação.

O sentimento metafísico da culpa gerou, durante séculos, a necessidade neurótica de penitências com vistas à salvação. A doença e o sofrimento eram tidos como punição divina e o mundo físico, um "vale de lágrimas", uma espécie de inferno transitório. O grande medo metafísico era a imagem do inferno, descrita em detalhes na "Divina Comédia", de Dante, e no quadro "Juízo Final", de

Hieronymus Bosch. Assim, o importante era suportar estoicamente o sofrimento e, até mesmo, procurá-lo como expiação dos pecados, na vida física passageira, para evitar o sofrimento eterno no inferno espiritual. A vida física era encarada como um mal necessário e o corpo, a prisão do espírito atormentado.

O sofrimento físico é apenas a sinalização de algo errado no funcionamento de um sistema biológico. Ele tem caráter estritamente funcional, constituindo um alarme para indicar desajuste em alguma parte do organismo. A dor-alarme é, assim, uma dor útil. Torna-se, porém, inútil a partir do momento em que persiste, quando já cumpriu sua finalidade.

A dor é um bem ou um mal segundo as circunstâncias. É um bem na sua finalidade de alarme, salvaguardando a integridade orgânica. É um bem, quando da dor se aprende uma lição e se amplia a capacidade de compreensão. É um bem, quando decorre de uma atitude de solidariedade, face ao sofrimento de outra pessoa. E, finalmente, é um bem, quando, sob qualquer aspecto, melhora aquele que a sofre. A dor é um mal, quando se transforma no prazer de produzi-la em alguém (sadismo) ou em si mesmo (masoquismo). Ou quando é utilizada para fins de exibicionismo, autocomiseração, chantagem emocional, atenuação do sentimento de culpa e auto-santificação. Finalmente, a dor é um mal, quando, sob qualquer aspecto, piora aquele que a sofre. O problema do sofrimento, portanto, não está nele próprio, mas no que fazemos com ele.

As causas da dor são as mais variadas: erro próprio (voluntário ou involuntário) ou induzido por outrem, fatores socioculturais, naturais, ação de terceiros, enfermidades físicas e mentais, entre tantas outras.

Não é bastante apenas o conhecimento das causas do sofrimento, mas a adoção de uma postura adequada, visando transformá-lo, sob qualquer aspecto, em um bem para o indivíduo.

O pensamento, mais do que o corpo, é que nos faz sofrer. O corpo sofre apenas a dor presente. O pensamento nos faz sofrer a dor passada, ampliar a dor presente e fazer sofrer antecipadamente uma imaginária dor futura.

Dizia Piotr D. Ouspensky que o sofrimento real é limitado, enquanto que o sofrimento imaginário é ilimitado. Há um sofrimento útil e um sofrimento inútil. Porém, “a maioria de nossos sofrimentos é absolutamente inútil; temos sofrimentos demais”.

Jiddu Krishnamurti advertia que o sofrimento, na maioria das vezes, não passa de autocomiseração. E admoestava ainda:

“Pensamos no sofrimento como um meio de se alcançar uma outra coisa - o céu, a paz, etc - e por essa razão fizemos do sofrimento uma virtude.”

O sofrimento também se origina do sentimento de culpa. E há, também, o sofrimento inconscientemente infligido como forma de autopunição, mas projetado nos outros.

O sofrimento decorrente de um ato heróico pode também ser resultante de um sentimento camuflado de autodestruição.

Não há como evitar o sofrimento. O que nos cabe é lidar com ele, conhecendo as suas múltiplas causas e formas, para reduzir sua freqüência, diminuir sua intensidade e, em alguns casos, extingui-la. O homem, como todos os seres vivos, sofre. Sabemos que sofreremos, mas não sabemos por que e para que sofreremos. Toda metafísica do sofrimento é insatisfatória. Deve o erro ser retificado

com o sofrimento?! A dor educa? A dor conscientiza o ser? Ou a dor dói, porque simplesmente dói? Se assim o é, a dor não tem significado.

O sofrimento físico enseja especulações de natureza transcendental e a postura estoica do homem em relação a ele. Filósofos e teólogos têm procurado explicar sofrimento como consequência do pecado, da imperfeição, do esforço pela melhoria espiritual ou das contingências do existir.

Há os que pensam, porque sofrem. Há os que pensam para sofrer. Há os que não pensam para não sofrer. E, finalmente, há os que pensam para entender o sofrimento e libertar-se dele.

O homem não apenas sofre a dor real do presente, mas também as dores psicológicas do que passou e do que ele imagina possa acontecer.

Por que, para cada sofrimento, buscamos uma culpa e um culpado? Não basta o próprio sofrimento?

O que nos faz sofrer, também, é a comparação que fazemos entre o que fomos e o que somos, entre o que somos e o que queríamos que fôssemos, entre o que somos e os que os outros são.

A dor que queremos (ou que pensamos ser) em nosso benefício dói sempre menos e é suportada com até orgulhoso estoicismo.

O avanço tecnológico vem reduzindo, cada vez mais, o sofrimento físico, emocional e/ou psicológico. Sofremos, fisicamente, muito menos do que no passado graças às mais diversas técnicas terapêuticas. Hoje, há mais sofrimento psicológico do que físico em virtude da complexidade cada vez maior das relações interpessoais, da vida tumultuada das metrópoles, das mudanças em ritmo acelerado, do processo competitivo no mercado de trabalho, das inconstâncias afetivas e outras coisas mais.

O lucro pela infelicidade alheia é um mercado sempre em ascensão. As terapias contra o sofrimento, seja na religião, na psicologia ou na medicina, não param de crescer e de se enriquecer com as mais diversas técnicas racionais ou irracionais. As pessoas, cada vez menos, se conformam em sofrer resignadamente e querem, de qualquer forma, solução para os seus males. O importante, para elas, é a felicidade mesmo na vida terrena.

O homem, algumas vezes, transforma o sofrimento em arte, como catarse dos sentimentos dele decorrentes. E, em certos casos, parece existir um certo sofrimento masoquista na criação artística.

Teólogos afirmam que o sofrimento é prova da nossa imperfeição. Se assim for, todos os seres vivos, além do homem, são imperfeitos porque sofrem. E se o sofrimento é produto do pecado, todos os seres vivos pecaram, porque também sofrem.

Acreditamos (ou desejamos) ser imortais. Mas, essa imortalidade, segundo certas religiões, pode ser de gozo ou sofrimento eternos. E esse risco metafísico resulta em permanente estado de insegurança e sofrimento na pessoa religiosa, apenas contrabalançado pela fé na salvação. O sofrimento exige explicação e também compensação.

O tempo não causa o esquecimento das perdas afetivas, mas anestesia as lembranças e converte o desespero em resignação.

Enquanto estamos vivos, sofremos. E nos fatigamos na busca de explicações confortadoras para a vida e o sofrimento. Nada sabemos sobre isso e talvez jamais o

saibamos, embora o homem continue infatigavelmente em busca de respostas. Respostas, geralmente, não são soluções, mas analgésicos ou anestésicos. E essa paz que sentimos, como efeito das respostas sedativas, resulta da ilusão de que as nossas perguntas foram adequadamente respondidas e não cabe mais qualquer indagação. É o efeito placebo metafísico.

A VELHICE

Envelhecer e morrer são atributos dos sistemas complexos. Os sistemas atômicos, as partículas não envelhecem, nem morrem. O que envelhece e morre são as suas composições biológicas.

O envelhecimento e a morte que ocorrem com os organismos superiores não se verificam em muitos animais multicelulares primitivos.

A velhice é mais um problema cultural do que físico. Se há culturas que praticam eutanásia real ou psicológica nos seus velhos, há outras que lhes prolongam a vida útil pelo amor, atenção e respeito com que os tratam.

A sabedoria na velhice não é o mero acúmulo de experiências, mas a constante revisão do experimentado face às constantes mudanças das relações sociais e das conquistas da ciência e da tecnologia.

A velhice tem seus inconvenientes e malefícios entre os quais a dependência física, psicológica e, às vezes, financeira, dos outros. E há idosos que não se conformam com as suas limitações e não conseguem adaptar-se a elas.

Uma das piores doenças da velhice é a saudade crônica da juventude. A velhice não é o tempo de restaurar a beleza física em decadência, mas a oportunidade de instaurar a beleza espiritual. A conservação da beleza física não deve ser a meta mais importante da velhice e, sim, a maturidade. Isso não quer dizer que algumas pessoas, que ainda revelam os traços marcantes de sua beleza da juventude, não lutem pela sua preservação. A maturidade não exclui, necessariamente, a beleza e nem a beleza deve excluir a busca da maturidade.

A velhice pode ser a ressaca da embriaguez da juventude. O jovem está ébrio de vida. O velho está cansado ou entediado dela. Poucos são os que prolongam essa embriaguez na velhice. E outros, raríssimos, que morrem bêbedos de vida. A velhice, para muitos, é a sobriedade que incomoda, porque não procurada, mas imposta. Ela torna a morte mais fácil, porque da vida quase tudo se perdeu. O velho se torna um ruminante do seu passado, já que do presente quase nada assimila. Não quer mudar, porque já não tem forças ou interesse para isso. Sente-se, então, um estrangeiro entre os vivos. Relegado ao esquecimento, perde a condição humana e se coisifica. Assiste em vida aos funerais do seu corpo social, apenas permanecendo vivo em seu combalido corpo físico. A velhice é uma ameaça à vida, porque é a sua lenta e dolorosa degradação. Então, nesta fase, a morte é misericordiosa. Velhice é a vida teimosa. Então, goze-se na velhice o pouco de vida que ainda resta para que, quando a morte chegar, quase nada exista no velho para matar.

O velho maduro é aquele que sabe que sua experiência só serve para ele e talvez nem sirva mais. Então, nesse momento, ele observa a vida com uma lucidez que nunca teve, porque passa a vê-la como se fosse algo novo, não para ser compreendido, mas para ser desfrutado.

A atividade intelectual não declina necessariamente com a idade. Isso só ocorre com aqueles que nunca ou muito pouco desenvolveram aquele tipo de atividade. A velhice é a idade ideal para a melhoria do rendimento intelectual. É a idade da reflexão filosófica e do amadurecimento da experiência. Se o exercício físico é importante na velhice para garantir a saúde orgânica, o exercício intelectual é ainda mais importante para preservar e até ampliar as aptidões mentais.

Ser jovem de espírito é uma forma de conservar o entusiasmo da juventude na velhice. Se a decrepitude ocorre na velhice, nem sempre a velhice importa em decrepitude. Na decrepitude, o ser humano esgotou todas as suas forças físicas e mentais e, por isso, não dá conta de seu próprio estado, sendo preservado pelos parentes e amigos como reconhecimento e homenagem a tudo quanto ele foi. Sua presença física é mais símbolo do que pessoa e é reverenciada pelo trabalho que realizou.

Talvez, pelo avanço da ciência, a medicina possa reduzir ou mesmo abolir as enfermidades, alongar a juventude e a longevidade, e melhorar a qualidade de vida. A longevidade sem saúde, ou em decrepitude, não é prêmio, mas sofrimento inútil.

Com a complexidade da vida moderna, o valor da experiência dos idosos vem diminuindo, cada vez mais, de importância. As relações humanas se tornam mais diversificadas, o avanço da tecnologia exige novos conhecimentos e habilidades, e surgem novos problemas e desafios jamais imaginados no passado. A reciclagem contínua dos conhecimentos reclama um agudo senso crítico e flexibilidade mental para detectar o que já se tornou ou está se tornando obsoleto. E os idosos que não conseguem acompanhar o ritmo acelerado das mudanças caem também na obsolescência.

O envelhecimento é o preço da longevidade. O sofrimento e as doenças fazem parte do processo do existir. É o nosso desejo de uma juventude e de uma saúde permanentes que nos leva a pensar que a velhice e o sofrimento são conseqüências dos nossos erros e também punição por causa deles.

O preço da longevidade é o testemunhar das perdas afetivas e o incômodo sentimento de um crescente isolamento existencial. Por isso, Simone de Beauvoir reconhecia que “viver demais é sobreviver àqueles que amamos”.

Na velhice, mais do que em qualquer outra época, o tempo é precioso. É preciso gastá-lo generosamente com tudo aquilo que amamos e que a vida agora nos permite fazer. E, mais do que nunca, cabe, nesse período de vida, lembrar a recomendação de Horácio: “quem adia a hora de viver é como o camponês que espera que o rio acabe de correr”.

Na juventude, gastamos o tempo como se ele nunca fosse acabar. Na velhice, valorizamos o tempo, sentindo que velozmente ele está quase a acabar.

Um dos maiores males da utilização do tempo na velhice é certamente a avareza. Há velhos que vivem miseravelmente, acumulando fortuna sem dela tirar qualquer proveito. Perdem a oportunidade de fazer o bem a si mesmo e também aos outros. Contra eles, Cícero fez o seguinte comentário:

“Não compreendo o que a avareza do ancião quer para si mesmo. Há algo de mais absurdo que aumentar as provisões da viagem à medida que menos caminho resta?”

Na velhice, aprendemos a lidar com a vida com maior discernimento, que melhor seria utilizado se fosse na juventude. É um prêmio, mais para ser visto pelos outros do que para ser usufruído plenamente por quem o possui.

A velhice é a idade das próteses. Órgãos e funções são substituídos por peças. As deficiências corporais são supridas por próteses e sua capacidade de ação é ampliada por computadores das mais diversas naturezas. O corpo passa a ser sustentado por máquinas, que, assim, constituem o segundo corpo do homem para o qual ele terceiriza atividades que a sua constituição biológica não pode realizá-las. O ser humano torna-se um composto de organismo e máquina e as deficiências hormonais e metabólicas são preservadas por suplementos farmacológicos.

Por outro lado, os suprimentos alimentares, as dietas balanceadas, os exercícios programados, as cirurgias estéticas e reparadoras asseguram ao homem contemporâneo um desempenho físico e psíquico adequado. Os efeitos das enfermidades são minimizados e a sua suportabilidade se torna cada vez maior. O sofrimento físico já não apresenta a mesma intensidade dramática dos séculos passados.

Atualmente, o sofrimento físico já pode ser diminuído e até eliminado com o emprego de substâncias cada vez mais poderosas. Em breve, a dor física será totalmente controlada, e certas doenças terminais já não produzirão sofrimento. Por outro lado, outras drogas reduzirão ou até eliminarão o medo e a ansiedade em face à morte iminente.

O sofrimento, principalmente na velhice, pode resultar da solidão, das perdas afetivas, da sensação de inutilidade, da autocomiseração, de sentimentos de culpa e de autopunição. O problema do sofrimento, portanto, não está nele próprio, mas naquilo que fazemos com ele.

A solidão e o abandono não são problemas exclusivos da velhice, porém a sua tolerabilidade diminui à proporção que o tempo passa. A solidão não é o fato de se estar fisicamente só (há pessoas que preferem viver sozinhas), mas de se sentir carente de relações afetivas.

Onde há amor, não há solidão. A verdadeira solidão é a falta de amor. Quem ama, nunca se sente solitário. Quem quer ser amado, depende dos outros para não sentir solidão. O amar depende de nós. O ser amado depende dos outros.

Há pessoas que se excluem da vida social e, por isso, vivem reclamando do abandono e da solidão aos quais elas mesmas se relegaram. A falta de relacionamentos e a ausência crônica de contatos resultam, com o correr do tempo, no desaquecimento afetivo e, por fim, na extinção das amizades. É na velhice que a interação entre as pessoas se torna mais vital, mantendo-as ativas e produtivas, e assegurando-lhes a motivação de viver.

A velhice, por si só, não desperta o desamor. São os velhos que, em sua maioria, começam a se desamar e passam esse sentimento para aqueles que os cercam. Como pode ser amado aquele que a si próprio não ama? O velho rabugento, caturra, pessimista é o maior inimigo de si mesmo, porque afasta as pessoas de seu convívio, e ele se priva da satisfação resultante das relações interpessoais.

A tecnologia tem aumentado a expectativa de vida dos idosos e reduzido o número de nascimentos pelo controle da natalidade. O envelhecimento das populações está se tomando um fenômeno universal e tudo leva a crer que a velhice, apesar de todos os seus incômodos físicos e psicológicos, não será necessariamente uma maldição. A longevidade, se não resultar em atrofiamento físico e mental, pode produzir um ser humano diferente e com importante papel social. Mas, para isso, o idoso precisa manter-se atualizado com o progresso científico e tecnológico e atento às tendências políticas do seu país e do mundo. Se isso não acontecer, ele será um zumbi social. E ninguém respeita os zumbis, porque eles não passam de mortos-vivos.

Envelhecer não é apodrecer, mas, infelizmente, muitos são os que apodrecem psiquicamente na letargia da ociosidade.

De nada vale aumentar a nossa longevidade se não sabemos o que vamos fazer da vida. Por isso, já dissera Lucrécio:

“Para que prolongar dias de que não se saberá tirar melhor proveito do que no passado?”

Estamos preparados para viver tanto? Que problemas psicológicos resultarão disso? Aquelles cuja vida consistiu em passar o tempo, o que vão fazer com este adicional de tempo?

A velhice é a ocasião de reavaliar aquilo que fizemos e o que não fizemos, os sentimentos de remorso, de culpa, de frustração, o mal que praticamos e o bem que deixamos de fazer, os sonhos e projetos não realizados, as escolhas felizes e infelizes que determinaram o rumo do nosso existir. Então, é hora de reconhecer que nem sempre fomos culpados quando erramos e nem sempre o que nos pareceu acertado foi proveitoso para nós.

A velhice pode ser o cadinho do amadurecimento intelectual e espiritual. É a compreensão da vida vivida e da finitude da existência. É a preparação diária para a morte, que consiste em viver intensamente o dia que passa. É a valorização cada vez maior do presente e a reflexão de um longo passado com a consciência de um futuro cada vez menor.

Há pessoas cuja velhice é uma mumificação. O resto de vida que têm é que evita que apodreçam.

Um dos maiores males da velhice é a falta de flexibilidade física e, principalmente, psicológica. Os velhos atrofiam músculos, enrijecem comportamentos e idéias, tornando-se escravos de rotinas e da repetibilidade de assuntos ligados ao passado. O difícil (ou quase impossível) na velhice é conservar a aptidão para mudar. O velho é, geralmente, conservador e tradicionalista. Perdeu a capacidade de ver as coisas de modo diferente. Na velhice, não há mais criatividade, curiosidade, improvisação, mas rotinas e conservadorismo.

O velho pode curtir saudosamente as boas lembranças do passado, viver intensamente o presente e atualizar-se com as conquistas da ciência e os artefatos da tecnologia para não se descompassar com o ritmo do progresso e a complexidade das transformações.

O sofrimento não é uma experiência exclusiva da velhice, porém, nessa fase de vida, ele pode ser avaliado e enfrentado de maneira mais madura e dentro de uma perspectiva mais abrangente da experiência humana.

Envelhecemos quando diminui o nosso ritmo de mudanças. Começamos a morrer quando deixamos de mudar.

Se certos fenômenos parapsicológicos sugerem a sobrevivência *post-mortem* do homem, a morte, até então tida como a única certeza na vida, passa a ser uma dúvida, ensejando reflexões filosóficas mais consistentes sobre o significado da existência. Então, se a velhice é a colheita de uma vida produtiva, pode ser também a época da sementeira para uma nova experiência em outro nível da realidade. O envelhecimento, sob esse prisma, é o entardecer do corpo e o amanhecer do espírito.

A DOENÇA

A doença é o modo mais dramático de reorganização orgânica. É uma forma incômoda de mudança e de adaptação às mudanças.

A doença é uma das principais causas do sofrimento. Ela não é apenas um desequilíbrio orgânico, mas a expressão das necessidades e dos problemas de uma pessoa em determinada situação existencial.

As doenças podem comportar-se como tempestades orgânicas, algumas de intensa violência e destruição.

Nosso corpo é também um mundo onde convivemos e sujeito aos eventos que nele ocorrem. Se mudamos de lugar, procurando ambientes mais amenos, nada podemos fazer em relação ao nosso organismo, porque somos ele. Resta-nos apenas conhecê-lo cada vez mais e adotar medidas que nos façam viver o mais proveitosamente possível com ele.

Há organismos de extrema instabilidade, onde saúde e doença se alternam com muita frequência, mas que conseguem uma precária estabilidade e outros que, apesar de estáveis, podem sucumbir à primeira instabilidade.

As doenças, em certas circunstâncias, funcionam como forma de proteção para as mais diversas situações da vida. Para quem não quer ser saudável porque não sabe lidar com a saúde, a doença é uma forma anômala de proteção contra a saúde. Sob certos aspectos, a doença não tem cura, pois ela é a própria cura, símbolo do estado global do ser. Assim, o enfermo se cura espontaneamente, quando a doença alcança o seu objetivo.

Quando adoecemos, é preciso que saibamos questionar o que a doença está significando para nós. Toda medicação utilizada contra a doença apenas resolve aparentemente o problema, porque não cura o indivíduo como um todo, mas apenas a parte em que a enfermidade se manifestou. Assim, mais cedo ou mais tarde, o estado de morbidez de novo se objetivará em outro sítio orgânico, recebendo, por isso, uma nova denominação nosológica.

Na verdade, a doença é um pesar que o corpo busca exprimir. É uma linguagem da qual o sintoma é o discurso. E também uma estratégia para mudar ou controlar determinadas situações. A cura pode ser a pior solução para alguém cuja doença é o seu melhor ou único modo de falar.

O remédio, mais que química, é ritual de cura. É a fé homeopatizada na posologia diária. E a receita é uma forma de exorcismo para a expulsão de demônios do corpo do imaginário.

Há várias motivações para a doença, entre as quais podemos destacar: a) a doença como defesa contra uma ameaça, mediante a qual se finge, consciente ou inconscientemente, uma indisposição orgânica para contornar um perigo, uma situação estressante ou desconfortável, assim como o animal se finge de morto para preservar sua vida; b) a doença como justificção para não cumprir compromisso social ou profissional porque não se pode ou porque não se quer; c) a doença como apelo para se obter proteção ou carinho e também para chamar a atenção ou despertar a comiseração dos outros; d) a doença como chantagem emocional para dominar os outros, geralmente os familiares, exigindo-lhes certos serviços, inculcando, em alguns, sentimentos de culpa; e) a doença como forma de autopunição; f) a doença como forma de purificação e santificação; g) a doença como manifestação masoquista e, por isso, gratificante para o doente; h) a doença como desafio; i) e a doença como oportunidade de introspecção para reflexões e auto-avaliações.

Thorwald Dethlefsen e Rüdiger Dahlke enfaticamente afirmaram:

“As circunstâncias exteriores não tornam ninguém doente, mas o ser humano usa todas as possibilidades de que dispõe a serviço de sua doença. É o doente o primeiro a transformar as condições em causas.”

E Paulo Roberto de Souza acrescentou:

“A linguagem do corpo expressa-se pelo sintoma, que sempre é a sua fala.”

Sugeriu ainda que “é possível conceber a doença como parte da experiência do ser vivo e não algo necessariamente anormal. O anormal, aliás, em alguns casos, seria a saúde perfeita”. Mas advertiu que “os sintomas podem e devem ter um sentido polissêmico”.

Lembrava Montaigne que há pessoas que “em vivo se fazem de moribundos, procurando inspirar continuamente piedade” ou “evitam sorrir para não parecer convaléscentes” ou, ainda, “não se esforçam por curar-se com receio de não mais inspirar piedade”.

O que de nós não toleramos, se converte em demônios. Tudo de nós que rejeitamos, se torna nosso algoz. As doenças são fantasmas daquilo que em nós matamos.

Temos dois tipos de saúde: a saúde física e a saúde simbólica. Esta última representa a realização e manutenção dos significados da nossa existência, e por isso, quando ela é abalada pelo enfraquecimento ou perda de seu conteúdo, sentimo-nos debilitados psicologicamente e essa circunstância repercute em nossa saúde orgânica e mental.

A doença é um conceito que revela a incompreensão da medicina sobre os caprichos do corpo na direção de si mesma, rompendo as suas rotinas, sobrevivendo às mudanças, e convivendo com o imprevisto.

A MORTE

A morte não é um fenômeno ligado à Vida, mas aos seres vivos. A vida é forma e está além da forma.

Pouco ou nada sabemos sobre a morte. Se ela se consuma num instante ou consiste num processo gradativo de extinção. Tudo o que sabemos sobre a morte é

o que testemunhamos da morte dos outros. E a morte dos outros não nos ensina sobre a nossa futura morte: é mera constatação da nossa mortalidade biológica.

Argumenta-se que as pessoas que passaram pela experiência da morte clínica aparente e, depois, retornaram à vida, tiveram a experiência da morte. É um equívoco. Estas pessoas, na verdade, não morreram. Elas passaram por uma simulação da morte e, possivelmente, esta experiência poderá ser-lhes extremamente útil, quando, de fato, morrerem. Porque, da morte, não há retorno e aquele que ressuscitou, a rigor, não morreu. Podemos dizer que vivenciou a suspensão temporária da vida biológica.

Só a vida é experiência. Não há experiência na morte. Se ela é extinção do ser, não há ser para experimentar o não-ser. Se o ser, porém, não se extingue com a morte, é porque morte não há e, sim, a passagem de um estado do ser a outro estado ontológico. O ser, assim, permanecendo vivo, continuará experimentando a vida e não a morte da qual sobreviveu.

A morte não é apenas um fenômeno físico, mas também social.

Como fenômeno social constitui um elenco de comportamentos e rituais, desde o falecimento até a destinação final do cadáver, segundo as características de cada cultura.

A sociedade ocidental moderna, minimizando o impacto da morte, através de procedimentos hospitalares e funerários simplificadores, vem concorrendo para diminuir o poder dos mortos sobre os vivos.

A morte, em si, não é um problema, mas, sim, a nossa preocupação em relação a ela. Porque não sabemos o que é a morte, ignoramos as suas conseqüências.

Se a morte é inevitável, pensarmos sobre ela é evitável. Não se trata de negar a morte, mas sim de não fazer dela uma obsessão. Afinal, só podemos cuidar do que é vivo. O que é morto prescinde de cuidados.

Não podemos administrar a morte, mas somente a vida. Escolher o gênero e o momento da morte é preocupação inútil e somente ocorre na tentativa bem sucedida de suicídio. Mas, na verdade, quem assim se matou, já estava psicologicamente morto. Cabe-nos escolher o nosso gênero de vida e viver intensamente nos limites das nossas possibilidades. Se somos mortais, aproveitemos intensamente a vida, enquanto estamos vivos. Se somos imortais, por que a preocupação com a ilusão da morte?

Se a vida física é uma prisão como afirmam certos pensadores e mestres espirituais, podemos, ao menos, melhorar o nosso cárcere, enquanto nos preparamos para a nossa libertação, sem apego à cela que habitamos por mais confortável e agradável que ela seja.

A vida não é um problema. O problema existe quando resistimos à ação renovadora da vida. A morte é a vida mudando. Assim, é preciso morrer a cada momento para todas as formas de apego, porque quem não sabe morrer torna-se um cadáver apegado ao que já foi.

É o desejo de sobrevivência um mito perpetuado por várias culturas desde eras imemoriais ou uma informação arquetípica da continuidade do ser depois da morte de sua estrutura orgânica? Ou, em outras palavras: a consciência da morte física e o medo dela decorrente levaram o homem a ansiar pela sobrevivência *post-mortem*, ou a informação genética de sua sobrevivência o fez acreditar nela?

Os homens desejam ardentemente a imortalidade, a juventude eterna, a abolição do trabalho, a liberdade, a saúde permanente e a felicidade. Poderá haver coisa pior do que ser a mesma pessoa eternamente? Como Sócrates poderia ser Sócrates por toda a eternidade? Essa ansiada imutabilidade do ser não seria prêmio, mas maldição.

Se estamos sempre a mudar, nada há quem sobreviva após um longo período. Assim, não há ontem a preservar, pois a memória de ontem é invenção do presente. Morrer é mudar. Morremos porque não mudamos. Porque pensamos que mudar é morrer e, inutilmente, lutamos para não mudar. Porque queremos ser sempre o que somos, deixamos de ser. Não há morte, nem perdição, nem salvação, mas eterna transformação.

Quando uma forma de vida esgota sua potencialidade, a morte é a sua renovação em outra forma. Se há um estado diferente do nosso estado atual, ele não pode ser descrito, nem compreendido, sendo, portanto, não comprovável, mas apenas crível.

Morrer é uma bênção, quando a velhice ou a doença aprisiona o fluxo da vida e extingue a alegria de existir. Morrer para sempre ou morrer para ser outro. Jamais morrer para repetir-se.

A morte é a virtualização do corpo. Corpo é um conjunto de programas integrados atuando no espaço e nele se movimentando. Assim como um desses programas montou o organismo, ele (ou outro programa) um dia, o desmontará. Por isso, não podemos especular para onde vai essa programação integrada porque ela não mais ocupa qualquer lugar no espaço.

Nascer é passar do virtual ao físico. Morrer é passar do físico ao virtual.

A polêmica sobre a eutanásia deve agora ser encarada em seu sentido literal e sua conseqüência semântica: ela significa a boa morte e não a eliminação da vida considerada tecnicamente inviável e inútil. Morrer sem traumas ou com um mínimo de traumas – e, para isso, está em desenvolvimento a Tanatologia. Morrer confortavelmente, sem ansiedades ou medos, se possível lúcido e participante nos seus instantes finais - e aí a parafernália terapêutica de drogas tranquilizadoras - constitui uma das maiores conquistas do homem moderno.

A Tanatologia é uma disciplina que estuda o fenômeno da morte e prepara os doentes terminais para o seu enfrentamento com um mínimo de trauma e de ansiedade. Afinal, o desconhecido sempre desassossega e a morte é o desconhecido que toca mais de perto o ser humano.

Montaigne foi, talvez, no Ocidente, quem primeiro se advertiu da necessidade de assistência às pessoas que iniciaram o processo de morte. E argumentava:

“Temos parteira para vir ao mundo, por que não haveríamos de precisar de quem nos auxilie a sair dele?”

Morrer bem, portanto, não é apenas uma questão médica e tecnológica, mas, principalmente, uma atitude filosófica e/ou religiosa da vida. Por que o término da vida deve ser de terror, angústia, sofrimento?

Hoje, o morrer pode ser convertido em uma experiência transformadora, com a utilização de procedimentos terapêuticos que utilizam drogas alucinógenas. Aldous Huxley preferiu morrer sob o efeito do LSD. Ele opinava que a

administração de LSD em casos terminais de câncer poderá tomar a morte “um processo mais espiritual, menos estritamente fisiológico”. E sustentava que “o ato mais privado e não-histórico de todos é o ato de morrer”. Outros indivíduos, mais preparados espiritualmente, enfrentam o momento da morte com uma extraordinária serenidade filosófica, assim como Sócrates.

Alguns querem conservar o prestígio de sua imagem até mesmo depois da morte, embora não mais sejam afetados pelo que os outros pensem a seu respeito. Por que querem ser lembrados, quando não mais existirem? Por que querem ser reconhecidos, se não o foram em vida e deste reconhecimento não usufruirão?

A intensa “fome de viver”, que é saudável, não deve, no entanto, nos privar de refletir sobre a morte. É a reflexão madura sobre a nossa finitude que nos faz valorizar a vida. Daí, a oportuna recomendação de Huberto Rohden de que o homem deve “habituar-se a morrer espontaneamente antes que a morte o faça morrer compulsoriamente”.

A velhice, o sofrimento, os acidentes de qualquer natureza e a morte são fatos naturais e não castigos de Deus ou da natureza, punindo pessoas e povos. Em certos casos, somos vítimas de nossos próprios atos ou de ações de terceiros. Vulcões, furacões, terremotos, maremotos, epidemias, queda de meteoros destroem populações indiscriminadamente. Para justificarmos esses fatos, inventamos culpas atuais e pretéritas, de natureza transcendental, para o sofrimento e a morte de pessoas e de povos e nos esquecemos de que os seres de outras espécies também são afetados por esses acontecimentos. Será que eles também são castigados por Deus ou pela natureza?

A morte é a virtualização do indivíduo. Se a sua influência, quando vivo, foi poderosa, a sua presença psicológica se torna um hábito da sociedade a que pertenceu. Ele mitologizou-se. Passou a ser mais forte do que como ser humano foi. Sob este aspecto, a imortalidade pessoal é uma criação social para garantir a sobrevivência de cada sociedade. Toda a sociedade morre, quando esquece os seus imortais, porque eles são o fundamento da identidade de cada povo.

Há assunto mais vivo do que a morte?

O ESPÍRITO

Especula-se que a quarta dimensão espacial é menor do que o átomo, o que torna legítima a polêmica medieval a respeito de quantos anjos caberiam na ponta

de um alfinete. Se existe essa dimensão ou, como pensava David Bohm, uma ordem envolvida, o chamado mundo espiritual é o que está além do átomo e não além do cosmos. O espírito não é extracósmico, mas intracósmico.

No princípio, era a matéria ou a informação? Será a informação a essência de tudo, seja em seu estado virtual, seja na sua manifestação de infinitas formas? Se assim for, seres e coisas são informações sistematizadas, formando um conhecimento ou programa que os sustenta. Sob essa óptica, o espírito é um programa que se organiza em corpo mediante o qual realiza suas operações. Seria, então, o mundo espiritual ou transcendental o mundo da informação pura, a virtualidade de todas as coisas? Poderiam as Idéias de Platão ser hodiernamente entendidas como padrões morfogenéticos virtuais que, interagindo com a matéria, produziram as formas físicas correspondentes?

Podemos especular que o homem existe em muitos níveis da realidade, embora sua consciência esteja focada seletivamente no nível da realidade física. Ele é um ser multidimensional, um *continuum* ontológico, sendo assim fictícia a sua separação em corpo e espírito: eles são um *continuum* e atuam em níveis diferentes da realidade. É, portanto, inadequado dizer que o espírito tem corpo e vice-versa. Espírito e corpo formam uma unidade. Corpo é espírito visibilizado em determinado nível da realidade. Ele é o fenômeno do espírito. E o *espírito* é o atrator transcendental (AT) que organiza a forma biológica e a mantém apesar da contínua mudança de seus elementos componentes como átomos, células, tecidos e órgãos.

Dizia Pietro Ubaldi:

“O espírito constrói o corpo e o corpo serve para construir o espírito”.

Todo ser pressupõe um corpo, o qual é o seu modo de existir e de significar-se no mundo. Por isso, Merleau-Ponty dizia que “o corpo é nosso ancoradouro no mundo” e também o “poder geral de habitar todos os lugares do mundo...”

Podemos, ainda, conceituar o espírito como o sistema de informação e energia, que se converte em matéria (nascimento), depois se desagrega (morte) e volta ao seu estado virtual, podendo retornar ao estado de matéria (renascimento) e assim indefinidamente. Ele é constituído de energia indestrutível e de informação renovável. Espírito é aquilo que preserva a vida de um organismo apesar da contínua substituição de seus elementos constituintes, ou seja, de sua estrutura atômica. Ele é um corpo informacional que cria, dirige, mantém (e talvez até destrua) um aglomerado instável e mutante de átomos e células, dando-lhe uma forma aparentemente estável a que chamamos de organismo. Este corpo informacional é, pois, dotado da aptidão de produzir organismos, mediante os quais pode agir sobre o mundo, talvez para ganhar experiência em seu contato com o mundo. Assim, ele é a causa dos organismos e não é afetado pela morte deles.

O espírito pode também ser definido como um programa que, atuando sobre o zigoto, desenvolve todos os estágios biológicos do ser humano desde a fecundação até à morte. É uma unidade cognitiva com a codificação básica para criar um organismo e agir no mundo físico. Essa codificação básica da unidade cognitiva é causa do organismo e, portanto, anterior a ele. Assim, a morte do organismo não afeta a unidade cognitiva, a qual poderá permanecer em virtualidade ou criar um novo organismo, interagindo com o zigoto após o momento da fecundação. Podemos, então, dizer que a unidade cognitiva é o

replicador que atua no seu nicho, que é a Terra, o ambiente propício para a reprodução de cópias dos seres humanos. E o corpo, constituído de átomos, células e órgãos, é a replicação física do programa espírito. O espírito é uma virtualidade que se fez organismo biológico para atuar no universo físico e retornar, depois, ao seu estado virtual.

Como os materialistas acreditam na matéria, cujo elemento último ainda não foi encontrado, os espiritualistas acreditam no espírito, cuja objetividade ainda não foi comprovada.

Para os materialistas, o espírito é mero efeito de aleatórias interações atômicas e que subsiste provisoriamente, enquanto a forma, apesar de sua fundamental instabilidade, se mantém. Mas, neste caso, o que manteria o organismo estável em meio de suas instabilidades e transformações? Seria a morte a transformação que não deu certo e levou ao colapso irreversível o organismo?

O ser, em todos os níveis da realidade, é sempre corpo e espírito, ou forma e consciência. O corpo ou forma é que distingue o ser individual do Todo.

James Jean já dissera que “discutir que espaço um elétron ocupa é provavelmente tão absurdo quanto discutir qual o espaço ocupado pelo temor, pela ansiedade e pela incerteza”.

E aduziu:

“Um elétron não ocupa um lugar, mas se espalha e se distribui de acordo com as probabilidades.”

Ou, em outras palavras: os “lugares” de um elétron são as suas probabilidades e ele “está” onde foi referenciado pelo observador. O “lugar” do espírito é onde ele está atuando ou é detectado no universo físico. O seu corpo é o seu agir.

J. Robert Oppenheimer precisou ainda mais a questão:

“O elétron não pode ser objetificado independentemente dos meios escolhidos para observá-lo ou estudá-lo.”

O conceito de espírito pode se associar, analogicamente, ao de elétron. O espírito, do mesmo modo que o elétron, não ocupa um espaço, mas é espacializado no momento da observação. Assim, por não estar em qualquer ponto do espaço, ele pode estar em qualquer ponto do espaço.

Metaforicamente, podemos entender o espírito como uma onda de probabilidades acontecidas (memórias), acontecendo (fatos) e tendentes a acontecer (futuro), sendo o corpo o lugar de seus aconteceres no mundo físico.

O Além ou a realidade transcendental existe ou se trata da imaginação do homem que o retrata como imagem e semelhança da vida terrena?

As revelações transcendentais, em qualquer de suas modalidades, são, quase sempre, revelações das necessidades humanas, refletindo o contexto cultural de cada povo e de cada época. Por isso, já dizia Heráclito:

“O que aguarda os homens depois da morte, não é nem o que esperam, nem o que imaginam.”

A crença no Além pode ser uma necessidade de compensação para pessoas e povos infelizes ou uma estratégia de terrorismo teológico para a manutenção do controle social e religioso. O dualismo céu e inferno, pecado e virtude, salvação e perdição são coações psicológicas que produzem os mais diversos tipos de comportamentos subjetivos e objetivos.

O paraíso e o inferno são cópias da vida terrestre, variando de cenário segundo as características de cada cultura e de cada época. O céu, para os eleitos, é uma compensação para o sofrimento da vida física e prêmio que consiste no desfrute eterno dos prazeres conhecidos. O inferno, para os condenados, é a punição pelos seus pecados com o sofrimento eterno dos mais terríveis horrores que se possa imaginar. Os salvos, no gozo de sua bem-aventurança, não são perturbados pelo sofrimento dos condenados no inferno. Porém, para os condenados masoquistas, o inferno dever ser um prêmio, porque é o gozo do sofrimento eterno. A concepção do Além tem, por modelo, o melhor e o pior das coisas conhecidas em cada época, e é uma construção permanente da imaginação humana. Por isso, o Além é diferente na concepção grega, judaica, islâmica, católica, espírita e dos povos primitivos.

Arthur Schopenhauer fez uma observação oportuna:

“Onde, pois, Dante colheu o material para seu Inferno senão em nosso mundo real? E fez, entretanto, um Inferno em perfeita regra. E quando quis, ao contrário, descrever o Paraíso e as suas bem-aventuranças encontrou dificuldades insuplantáveis, pela razão de que a nossa terra não fornece os elementos para coisa alguma semelhante.”

O Islamismo descreve o Além nos padrões da dominância masculina, onde a poligamia é um prêmio para os fieis, enquanto não há qualquer referência à poliandria. As comunicações mediúnicas de Chico Xavier se referem à manutenção dos laços de família no mundo espiritual com os seus respectivos papéis: esposo, esposa, pais, filhos e avós. E sugerem o ideal de um modelo monogâmico nos moldes do Judaísmo e do Catolicismo. Enquanto o Judaísmo doutrina que há punições no além para os homossexuais, o Espiritismo e as mensagens mediúnicas são omissos quanto ao assunto.

Se a reprodução sexual resultou do pecado original, então todos os seres que assim se reproduziram praticaram também o mesmo pecado, exceto aqueles cuja reprodução é assexuada. A descoberta do código genético revelou que o homem não é um ser especial, pois é constituído dos mesmos genes de outros animais. Crick e Watson demonstraram que Darwin tinha razão quando afirmou o nosso parentesco com os símios. Recentemente, cientistas, baseados em que o chimpanzé possui 99,4% de genes do homem, argumentaram que ele pode ser incluído no gênero humano.

A Patrística via o sexo como pecaminoso e a mulher como tentação demoníaca e, nos tempos da Inquisição, como parceira de Satanás. Consideravam o casamento como um mal necessário e com a finalidade apenas de procriação. O orgasmo era interdito, principalmente à mulher. Mas como o homem poderia fecundar a mulher sem ter orgasmo e conseqüente ejaculação? Seria, na verdade, um milagre biológico, porque na época não havia inseminação artificial e, se houvesse, o esperma seria obtido da ejaculação masculina pela masturbação com orgasmo.

Se, no mundo espiritual, não há sexo e reprodução sexual, conforme comunicações mediúnicas, por que permanece a distinção entre homem e mulher?

Os anjos, símiles do deus mensageiro Hermes da mitologia grega, são todos do sexo masculino, refletindo a dominância do homem sobre a mulher. Nunca ninguém ouviu falar de anjos femininos a não ser na linguagem coloquial afetiva e nos arroubos poéticos. Também não se conhece qualquer artista que tenha pintado um anjo fêmeo, fato facilmente comprovável face ao comovente nudismo angelical. E todos os anjos eram brancos e rechonchudos, nenhum esbelto, negro ou asiático. Usavam asas para voar, embora alguns estudiosos entendam que as asas não passam de símbolo da espiritualidade.

Se os anjos não fazem sexo, por que são pintados como do sexo masculino com os órgãos genitais em exposição?

No “Livro de Daniel”, os anjos padroeiros de cada nação, usando os artefatos bélicos da época, lutavam entre si, ajudando os homens nos combates entre seus países, numa réplica do partidário dos deuses do Olimpo que se intrometiam nos combates entre gregos e troianos.

Os demônios mesopotâmicos eram terríveis e viviam nos desertos, nas áreas estéreis e nos espaços vazios, atacando as pessoas nas mais diversas situações. Se um homem cometia algum pecado, o seu espírito protetor o abandonava e ele ficava à mercê dos demônios. Nas transgressões morais, no mundo moderno, as pessoas se tornam vítimas fáceis de obsessores do Além que se mostram, em tais circunstâncias, mais influentes do que os espíritos protetores ou guias espirituais.

Os demônios egípcios, embora menos poderosos do que os mesopotâmicos, eram enviados pelos grandes deuses à Terra para disseminarem a doença e a morte. Assim como os demônios da Mesopotâmia, eles agiam em grupos de sete ou de múltiplos de sete ou, ainda, em sete grupos. Na experiência da Umbanda, é sempre um grupo formado de sete exus que exerce uma ação maléfica sobre determinadas pessoas, afetando-lhes a saúde física e mental, inclusive com repercussões em sua atividade profissional e afetiva.

Os demônios eram causadores de enfermidades físicas e mentais e também da morte. Hoje, os espíritos desencarnados atrasados e vingativos são os sucedâneos funcionais dos desprestigiados demônios, os quais também sofrem a concorrência dos turbulentos exus dos terreiros da Umbanda. A ciência, a cada dia, vem tratando exitosamente as doenças orgânicas e psíquicas, situando suas causas nas alterações fisiológicas e funcionais, produzidas ou não pela ação dos micróbios ou ainda pelos problemas existenciais resultantes da complexidade da vida moderna.

Se o Além dos povos antigos era a reprodução de sua vida cotidiana, variando em alguns aspectos de conformidade com as suas características culturais,

as modernas comunicações mediúnicas evidenciam que os mundos espirituais não passam de cópias melhoradas ou pioradas da vida terrena, segundo sejam habitados por espíritos superiores ou inferiores.

Os espíritos, seres mais modernos, não necessitam de asas. Eles se deslocam - com velocidade superior à da luz - aos mais distantes lugares apenas impelidos pela força do pensamento.

Não há relatos mediúnicos de cidades modernas, com concepções arquitetônicas e urbanísticas arrojadas, como sói acontecer nas ficções futuristas das produções cinematográficas, o que demonstra uma lastimável carência de imaginação e criatividade dos médiuns. A vida no Além nos é mostrada sob a forma de um bucolismo romântico do passado, perpetuando a continuidade da vida familiar, onde cada pessoa mantém o mesmo papel que desempenhava na vida terrena.

As revelações do Além pouco falam sobre o futuro e, quando o fazem, quase sempre erram, observando-se ainda que jamais superaram as concepções dos nossos melhores filósofos e as descobertas e invenções dos cientistas.

Sócrates, segundo Platão, concebia o Além como uma questão de justiça. E argumentava:

“Admitamos que a morte nada mais seja do que uma total dissolução de tudo. Que admirável sorte não estaria reservada então para os maus, que se veriam nesse momento libertos de seu corpo, de sua alma e da própria maldade!”

Que evidência temos de que estamos perdidos e, por isso, precisamos ser salvos? Perdição e salvação não passam de invenções humanas de natureza religiosa. O sofrimento, as doenças, o envelhecimento e a morte não são evidências da nossa perdição, resultante de um pecado em tempos remotos, que nos privou da imortalidade e de uma vida isenta de tais males. Todos os demais seres vivos, à exceção talvez dos unicelulares, passam por essas mesmas contingências do existir. Será também que eles são seres decaídos, pecaminosos e carentes de salvação?

Foi o medo ou o horror dessas circunstâncias da vida que levou o homem a criar justificativas para elas e ainda compensações e punições transcendentais, em caso de cumprimento ou descumprimento do que foi relacionado como virtudes e pecados.

Na verdade, não sabemos por que e para que existimos, se é que há finalidade no existir. Existimos com todas as contingências do existir. Mesmo que sobrevivamos à morte física, essas questões permanecerão em aberto. As evidências de que sobrevivemos não nos autorizam, porém, a afirmar que somos imortais. A imortalidade é inverificável. É improvável. Será sempre questão de fé.

As religiões ensinam que a vida espiritual é a verdadeira vida e a vida material, um lugar de expiação, de sofrimento, de purificação. Ensinam, ainda, que a vida terrena não passa de uma ilusão, de um mundo de sombras e, por isso, devemos nos desapegar das coisas físicas, porque são transitórias. No entanto, pregam que, na vida espiritual, usufruímos uma inenarrável felicidade ou padecemos de sofrimentos terríveis que podem ser eternos ou temporários, segundo os ensinamentos de religiões diferentes. Ou seja: sofremos ilusoriamente na vida física e poderemos sofrer verdadeiramente na vida espiritual. Logo, a vida espiritual pode ser melhor ou pior do que a vida terrena.

Se a tecnologia está tornando a vida terrestre cada vez mais atraente, poderá, como conseqüência, fazer o homem mais feliz, mais apegado a ela e menos interessado pela vida espiritual.

Não há dúvidas de que a vida terrestre vem melhorando com o avanço da ciência e da tecnologia. Apesar de todos os males criados pelo próprio homem, vive-se bem melhor do que nos séculos passados. Infelizmente, as concepções sobre o Além são contaminadas pelo antropomorfismo, oferecendo prêmios e castigos assemelhados às nossas necessidades materiais. Se houver vida espiritual, ela deve ser diferente da vida física justamente por não ser de natureza física.

Os inconformados, os infelizes, os frustrados, os revoltosos e os sofredores sonham com um mundo melhor para eles, seja nessa vida, seja no Além. Daí, nascem as utopias sociais e religiosas, como forma de compensação, recompensa e conformação para essas pessoas.

A salvação celeste e a salvação terrestre são invenções do homem para compensar as angústias da existência. Ele quer salvar-se dessa angústia, seja em outra vida, seja nesta vida, porque se sente perdido, amedrontado, sofrido. Passa a acreditar que está perdido e luta pela sua salvação.

Não pretendemos afirmar que o Além não existe. Porém, se existe, não é, por certo, como o imaginamos e nem constitui fonte de conhecimento confiável para o progresso material da humanidade.

DEUS

Há algo necessariamente imortal. Se tudo fosse transitório, nada subsistiria, porque nada se origina do nada e volta ao nada. E não se poderia explicar a origem dos seres transitórios se nada existisse de eterno. Assim, é mais razoável admitir-se a existência de algo eterno de onde se originam todos os seres transitórios do que sustentar que só existem seres transitórios que se originam, por sua vez, de seres transitórios, e assim indefinidamente.

Mas o que é esse algo imortal, sem princípio nem fim, se tudo o que percebemos é transitório, tem início e fim? Dar um nome a este algo imortal não é compreendê-lo, mas nomeá-lo. Embora o algo imortal seja axiomático, só conhecemos o transitório, sabemos que também somos transitórios, mas alimentamos a crença de que somos imortais.

Como poderíamos conhecer esse algo, se não tivéssemos um programa, uma localização no cérebro, uma conexão neurônica especial, uma alteração bioquímica que nos dessem essa experiência extraordinária da unidade de tudo, interpretada como revelação de Deus? O acionamento do programa Deus pode ocorrer pelas mais diversas circunstâncias, a maioria delas traumática. Essa experiência produz uma modificação radical no ser humano. Ele se torna convicto da unidade de tudo, de que faz parte dessa unidade e de que matar e morrer é uma ilusão resultante da idéia da separatividade.

Esse algo imortal e infinito é o Todo ou Deus, e tudo está contido nele e nada existe além dele. Mas, se Deus é finito, ele está contido em algo maior. E o que é esse algo?

Os indivíduos nada mais são do que momentos de Deus. O indivíduo é um instantâneo de interações localizado no meio das infinitas interações do universo.

Postular que o mundo se autocriou de um caos preexistente e, depois, se fez ordem, constitui uma metafísica de menor qualidade do que aquela que ensina ser o universo a manifestação de uma Ordem eterna ou Deus e que, por isso, tudo o que existe é um reflexo desta Ordem em seus infinitos aspectos.

Afirma-se que os seres vivos, desde o início da vida, ganharam experiência por processos aleatórios. Ou seja: seres sem programas prévios criaram seus próprios programas e também as leis de associação entre eles para a formação de organismos mais complexos. Essa assertiva parecerá sem sentido, se pensarmos no Todo e não nas partes. Assim sendo, é no Todo que existe o conhecimento de tudo e cada parte apenas reflete uma parte deste conhecimento necessário à sua condição de indivíduo. Ou seja: nenhuma parte pode saber tudo, porque senão seria o próprio todo. Elas manifestam limitadamente o conhecimento de que dispõem segundo as necessidades de cada uma.

Deus nada perde de si, pois tudo o que existe é ele e nada existe além dele. Se cada indivíduo é, na sua essência, Deus, ele não pode perder-se ou ser destruído.

Deus, por ser infinito, é um manancial de possibilidades infinitas. Nele, todas as possibilidades são simultâneas. Em relação aos indivíduos, porém, essas possibilidades são sucessivas, dando-lhes a impressão de que algo novo está sempre acontecendo.

O que chamamos de indivíduo é um ponto selecionado num determinado processo e num dado instante do tempo. O ser é o processo, não o indivíduo, pois este é o aspecto transitório do processo.

Se pouco sabemos sobre nós mesmos, como podemos explicar o que excede a nossa capacidade cognitiva? A teologia é uma mitologia que obteve credibilidade pela qualidade de seu conteúdo e a sedução de seu imaginário. Apesar de, em alguns casos, ser um placebo para a angústia metafísica do ser humano, ela também produz efeitos colaterais que podem agravar as condições existenciais, produzindo as mais variadas sintomatologias como medo, ansiedade, fanatismo, sentimentos de culpa, busca de salvação e outras coisas mais. O ateísmo é uma invenção dos teólogos para estigmatizar as pessoas que não acreditam no Deus que eles inventaram. A consciência, cada vez mais aguda, da nossa ilimitada ignorância, resulta em um encantamento sempre maior pelo mistério da vida. E esse mistério é o Deus daqueles que não acreditam nas teologias, porém respeitam todas elas.

Os teólogos são os ficcionistas do mundo espiritual. São exímios contadores de histórias, que constituem o fundamento das mais diversas religiões.

Deus, apesar dos teólogos, é uma inesgotável fonte de inspiração poética. E o melhor modo de fazer variações sobre Deus é não temer os paradoxos.

Deus é sempre o mesmo por toda a eternidade? Por que deveria ele ser imutável?

Não podemos ver Deus face a face, porque ele não tem face ou é a face de todas as coisas.

Se Deus é infinito, ele nada percebe além dele. Toda a sua percepção é necessariamente subjetiva.

Deus é o nome pelo qual designamos tudo o que não sabemos e é também uma explicação para tudo o que não compreendemos.

Deus é o que nos acontece quando perdemos a noção de nós mesmos.

Brotamos de Deus como as flores, folhas e frutos brotam da árvore. Todos são e não são a árvore. Todos somos e não somos Deus. Aliás, somos Deus brotando de si mesmo.

Deus não é algo estático, imutável e localizado no espaço e imóvel na eternidade. Ele é o dinamismo e a mudança de todas as coisas. Tudo está nele e ele está em tudo, seja no microcosmo, seja no macrocosmo e, sendo infinito, nada existe além dele.

Deus não é feito de, mas tudo é feito dele, porque tudo é sua manifestação. Templos, imagens e lugares sagrados são necessidades do homem para localizar Deus no espaço a fim de relacionar-se com ele. Assim, o invisível se torna psicologicamente visível, o infinito se torna finitizado e a percepção da ausência se converte em presença na hipnose da fé.

Se Deus é infinito, como pode ter criado algo fora de si mesmo? Logo, o que Deus criou foi de si mesmo e não do nada, pois é inconcebível existir um nada em Deus.

A idéia de Deus é inata ao homem, não porque Deus a colocou na mente do homem, como pensavam Agostinho e René Descartes ou porque foi a cultura que o programou para isso como forma de controle social, mas porque Deus está imanente em cada ser, embora nem todas as pessoas e povos atualizem essa idéia.

O Deus em nós nos induz também a conceber um Deus fora de nós. Se não fôssemos induzidos a conceber um Deus fora de nós, poderíamos pensar que somos Deus, se o descobríssemos dentro de nós. Porém, quando vivenciamos Deus em nós e fora de nós, alcançamos a iluminação, que é a experiência da unidade.

Deus é a causa mantenedora do universo, o pulsar infinito de ordem e de caos em nível microcósmico e macrocósmico.

Deus, como infinito, é inconcebível, inimaginável, não nos move ou nos comove. Daí, a nossa necessidade de reduzi-lo ontologicamente à nossa condição cognitiva, fazendo-o à nossa imagem e semelhança.

Não há loucura mais perigosa do que aquela que acomete as pessoas que pensam e se dizem inspiradas ou guiadas por Deus, e se proclamam “salvadores” da humanidade. Os “possuídos” por Deus jamais se curam dessa possessão.

Se cada pessoa é uma manifestação de Deus, cada pessoa que fere ou mata outra, é Deus ferindo ou matando a si mesmo.

Deus não é algo a que se socorre, mas o sentimento de plenitude que nos ocorre em momentos especiais de nossa vida. Não é algo dentro ou fora de nós, mas a totalidade que nada exclui e tudo inclui.

Deus é o transformador, a transformação e tudo o que ele transforma. Quanto mais cada individualização de Deus evolui, maior é a sua consciência de Deus em si e de Deus em tudo.

Deus não é o reflexo das nossas necessidades, mas ele é percebido segundo as nossas necessidades. Ele não é como o compreendemos, mas é, para nós, como o compreendemos.

Se pensamos em Deus, apenas o inventamos. Ele não é o que pensamos, mas quando não o pensamos. A Teologia são especulações a respeito de Deus: o que ele é, o que faz, o que quer, o que pensa, o que sente, como se Deus fosse um homem.

Alguns teólogos e metafísicos ensinam que Deus tem necessidade de fragmentar-se, de multiplicar-se para ter experiências, auto-reconhecer-se, sofrer nas suas individualizações, resgatar-se a si mesmo, iludir-se no jogo cósmico, evoluir em tudo o que ele criou.

Deus não criou a vida. Deus é a vida. Se ele é tudo e está em tudo, não pode existir nele nada sem vida. Deus é a Vida de todas as vidas e a morte de todas as vidas, permanecendo imortal.

Deus é a perda da identidade. É o momento sem memória, atemporal. Não há registro e nada a registrar. Quem retorna de Deus, não tem nada a dizer. Apenas sabe que foi Deus. E que continua sendo.

Deus é a única realidade objetiva. Tudo o mais não passa de sua subjetividade.

O psicólogo Michael Persinger estimulou partes dos seus lobos frontais e afirmou ter tido a experiência de Deus. Deus pode ser experimentado nas mais diversas situações: nas crises existenciais, na oração, nos alucinógenos, na meditação.

A verdadeira oração se dirige ao Deus que é aquele que ora. Conversar com Deus é dialogar com o mais íntimo de nós. Quem não sabe disso, procura encontrar Deus nos templos, nas mesquitas, nos mestres e nos gurus.

O que chamamos de *anjo da guarda* é a representação e a manifestação de Deus em nós. Por isso, cada pessoa tem seu anjo da guarda, que simboliza a imanência divina no ser humano.

Na condição de homem, Deus pergunta o porquê de todas as coisas, mas não encontra resposta. Na condição de Deus, ele sabe a resposta, mas não tem a quem comunicá-la.

Inconscientemente, isolamos Deus de tudo o mais, como se ele fosse separado do mundo. Deus não está fora ou além do mundo. O mundo é Deus.

Deus não é apenas o espaço infinito como pensava Newton, mas o Todo. Não apenas o espaço é o seu "*sensorium*", mas tudo o que existe. Deus não emerge das lacunas. Ele é a unidade heterogênea, fundamento das noções de onipresença, onisciência e onipotência. É o interior e o exterior das coisas e ainda as próprias coisas. Fazendo uma analogia física da onipresença divina no Universo, podemos dizer que Deus é o espaço onde todas as coisas estão inseridas e o tempo onde tudo acontece.

Deus não está sozinho. Está sempre consigo mesmo nas suas infinitas individualizações. Ele é o monólogo em seus infinitos diálogos.

Porque Deus é tudo, nada há de inútil ou sem importância no universo.

Deus é feito de luz e sombra. A sua sombra protege os homens. Somente os iluminados ousam contemplar a luz de Deus.

A ciência tem um dogma ou axioma: o de que a razão, utilizando a metodologia científica, poderá, um dia, conhecer integralmente a realidade, podendo assim controlá-la e modificá-la. A razão é um Deus emergente que, na aparente caoticidade da natureza, procura descobrir leis ou inventá-las. A fé descobriu Deus, e a razão quer se fazer Deus.

A realidade é uma percepção alternativa. Quando Deus nos assume, não existimos. Quando nos assumimos, Deus deixa de existir. Por isso, o individual jamais verá o universal.

Deus é a substância de que somos feitos. Por isso, todas as respostas estão em nós e não fora de nós.

Deus é um infinito dinamismo criativo. Por isso, nada existe de estático na realidade. A realidade é para cada ser segundo cada ser é. Assim, nenhum ser conhece a realidade total ou Deus.

Se Deus é tudo, como poderemos estar perto ou distante dele? Deus não está próximo nem longe de nós: Ele simplesmente está.

Deus é a unidade nas dualidades. Quem prefere um de seus pólos, recebe um Deus mutilado. Nada, porém, é mais difícil do que aceitar a face escura de Deus. Raríssimos são aqueles que o conseguem. E o que dizer daqueles que se tornam a face escura de Deus? Como as pessoas comuns poderão compreendê-los?

Mas, é preciso lembrar que a luz que ilumina também ofusca. São necessários olhos especiais para encarar, com proveito, a luz e a escuridão de Deus. Deus é como a luz. Para vê-lo, é preciso reduzir a intensidade de sua presença à limitada capacidade de nossa visão e compreensão.

Acreditar ou não acreditar em Deus é irrelevante. Ninguém é melhor porque acredita nele. Às vezes, os que acreditam cometem, em seu nome, as maiores atrocidades.

Deus é uma necessidade psicológica para o homem, mesmo quando negado. O que sentimos que é *maior que tudo* pode ter qualquer nome, inclusive o de Deus. Para algumas pessoas, Deus é um nome que incomoda, porque recende a antropomorfismo.

O *algo maior que tudo* surge, quase sempre, nas experiências mais dramáticas do ser humano, desde o êxtase ao extremo sofrimento. Deus é a experiência suprema. Mas a idéia de Deus pode ainda resultar de especulações metafísicas e racionais. É a mais exasperada tentativa de significação para o universo e de tudo o que existe.

Certas pessoas disfarçam sua ferocidade sob o pretexto de zelo religioso e justificam as ações que praticam contra seus inimigos, afirmando que eles são inimigos de Deus. Por isso, as “guerras santas” não produzem sentimentos de culpa e transformam fanáticos em heróis e mártires, além de agraciá-los com sedutoras recompensas no Além.

Deus, para nós, não é só o supremo mistério, mas também o paradoxo e o caos a que inutilmente procuramos dar sentido, organização e lógica.

Quando o homem se sente poderoso, pensa ser um deus. Mas, quando se sente esmagado, passa a acreditar em um Deus que domina tudo.

Os intérpretes de Deus são, na verdade, intérpretes das necessidades coletivas, segundo cada contexto histórico.

A revelação de Deus no homem é sempre uma experiência pessoal, despertando um sentimento de unidade com tudo o que existe. A intelectualização desta experiência é que resulta na permanente criação de religiões, com seus dogmas e rituais, segundo as idiossincrasias de cada pessoa que se julga o seu intérprete.

Deus é sentido com uma experiência da unidade e sentimento de solidariedade e que transforma radicalmente o ser humano na sua concepção da realidade.

Deus tem a face que lhe damos para que possamos vê-lo. Ele é o maior de todos os mistérios que a mente humana é capaz de imaginar.

Deus é explicação para tudo, exceto para ele próprio.

O MISTÉRIO

O fato de não sabermos o porquê das coisas não quer dizer que não exista o porquê. A nossa incapacidade de solucionar o problema não importa necessariamente na sua insolubilidade.

Fazemos perguntas e procuramos respostas, porque queremos estar seguros de que podemos compreender e controlar tudo. No entanto, respostas não são certezas. São ópios e analgésicos que, durante algum tempo, sedam as nossas angústias.

Chega um ponto em nossas vidas em que tudo o que dizemos são variações de tudo o que já dissemos.

Não há soluções gerais para todos os problemas. Cada problema tem a sua própria solução, pois, se tudo muda, nada subsiste em definitivo.

Tudo é solução provisória para cada problema provisório no universo em permanente mudança.

Para uma só pergunta podem existir muitas respostas e quase sempre nenhuma delas é satisfatória ou apenas aparentemente satisfatória. Por outro lado, nem sempre temos certeza de que a pergunta foi correta.

Por isso, afirmo que tudo o que afirmo ou nego é provisório. E nego que tudo o que nego ou que afirmo é definitivo. Não tenho dúvidas, mas certezas provisórias. Porque nem sequer tenho certeza de que tudo é incerto.

Quanto mais o saber me torna ignorante, mais amo o saber pelo seu poder de preservar a consciência da minha ignorância, que, por sua vez, me estimula ao exercício do saber. Por isso, exclamava Fernando Pessoa:

“Bendito seja eu por tudo quanto não sei.”

Nada é mais apaixonante do que o mistério. O que não sabemos nos seduz. O que não dominamos nos domina.

Não há força maior do que o mistério.

BIBLIOGRAFIA

- AGOSTINHO. *A Cidade de Deus. (contra os Pagãos)*. Vozes: Petrópolis, 1990.
_____ *As Confissões*. Edições de Ouro: Rio de Janeiro, 1970.
_____ *O Livre Arbítrio*. Braga. Faculdade de Filosofia: Braga, 1990.
- ARISTÓTELES. *A Ética*. Edições de Ouro: Rio de Janeiro. 1965.
_____ *A Política*. Edições de Ouro: Rio de Janeiro, s/d.
_____ *Arte Retórica e Arte Poética*. Edições de Ouro: Rio de Janeiro, s/d.
_____ *Metafísica*. Editora Globo: Porto Alegre, 1969.
- BACHELARD, Gaston. *A Dialética da Duração*. Ática: São Paulo, 1988.
_____ *A Filosofia do Não. Filosofia do Novo Espírito Científico*.
Editorial Presença: Lisboa, 1984.
_____ *O Materialismo Racional*. Edições 70: Lisboa, 1990
- BACON, Francis. *Novum Organum ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da Natureza. Nova Atlântida*. Abril Cultural: São Paulo, 1979.
- BARBOUR, Ian G. *Quando a Ciência encontra a Religião*. Cultrix: São Paulo, 2004
- BASSIN, F. V. *O Problema do Inconsciente*. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1981.
- BARUA, Benimadhab. *Historia de la Filosofia Índia Prebudista*. Vison Libros: Barcelona, s/d.
- BARROW, John D. *Teorias de Tudo. A Busca da Explicação Final*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1994.
- BATESON, Gregory. *Mente e Natureza: a Unidade Necessária*. Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1986.
- BEAUVOIR, Simone de. *A Velhice*. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1990.
- BENEDICT, Ruth. *Padrões de Cultura*. Livros do Brasil: Lisboa, Portugal, s/n.
- BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1979.
- BERTALANFFY, Ludwig von. *Teoria Geral dos Sistema*, Editora Vozes. Petrópolis. RJ. 1977.
- BOBBIO, Norberto. *O Filósofo e a Política*. Contraponto: Rio de Janeiro, 2003.
- BOHM, David. *A Totalidade e a Ordem Implicada*. Editora Cultrix. São Paulo. 1992.
_____ *Ciência, Ordem e Criatividade*. Gradiva. Lisboa. 1989.
- BRUNO, Giordano. *Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa. 1968.
_____ *A Causa, o Princípio e o Uno*. Nova Stella Editorial: São Paulo, 1988.
- BURTT, Edwin A. *As Bases Metafísicas da Ciência Moderna*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1983.
- CAPRA, Fritjof- *O Tao da Física*. Cultrix. São Paulo. 1985.
_____ *O Ponto de Mutação*. Cultrix. São Paulo. 1986.
_____ *Sabedoria Incomum*. Cultrix. São Paulo. 1990.
_____ *A Teia da Vida. Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos*. Cultrix/Amaná-Key: São Paulo, 1997.
_____ *As Conexões Ocultas*. Cultrix/Amaná-Key: São Paulo, 2002.
- CAPRA, Fritjof & STEINDL-RAST, David com MATUS, Thomas. *Pertencendo ao Universo. Explorações nas Fronteiras da Ciência e da Espiritualidade*. Cultrix/Amana. São Paulo. 1993.

- CASSIRER, Ernst. *Indivíduo e Cosmos na Filosofia do Renascimento*. Martins Fontes: São Paulo, 2001.
- _____. *Linguagem e Mito*. Perspectiva: São Paulo, 1972.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. *Meu Universo e a Energia Humana*. Edições Loyola. São Paulo: 1980.
- _____. *O Lugar do Homem no Universo*. Editorial Presença. Lisboa.
- _____. *Mundo, Homem e Deus*. Cultrix. São Paulo. 1978.
- _____. *O Fenômeno Humano*. Editora Herder. São Paulo. 1966.
- CHOPRA, Deepak. *Como Conhecer Deus. A Jornada da Alma ao Mistério dos Mistérios*. Rocco: Rio de Janeiro, 2001.
- CÍCERO, Marco Túlio. *Da Velhice e da Amizade*. Cultrix: São Paulo, s/d.
- CRICK, Francis. *Vida. O Mistério de sua Origem e Natureza*. Gradiva: Lisboa, 1988.
- DAMÁSIO, António. *O Erro de Descartes*. Companhia das Letras: São Paulo, 1998.
- _____. *O Mistério da Consciência*. Companhia das Letras: São Paulo, 2000.
- DARWIN, Charles. *Origem das Espécies*. Livraria Chardron: Porto, Portugal, s/d.
- _____. *A Origem do Homem e a Seleção Natural*. Hemus: São Paulo, 1974.
- _____. *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais*. Companhia das Letras: São Paulo, 2000.
- DAVIES, Paul. *Superforça*. Gradiva: Lisboa, 1988.
- _____. *Deus e a Nova Física*. Edições 70: Lisboa, 1988.
- _____. *A Mente de Deus*. Ediouro: Rio de Janeiro, 1994.
- _____. *O Enigma do Tempo*. Ediouro: Rio de Janeiro, 1999.
- _____. *O Quinto Milagre – Em Busca da Origem da Vida*. Companhia das Letras: São Paulo, 2000.
- _____. *Deus e a Nova Física*. Edições 70: Lisboa, Portugal, 1988.
- DAWKINS, Richard. *O Gene Egoísta*. Gradiva: Lisboa, Portugal, 1989.
- _____. *A Escalada do Monte Improvável. Uma Defesa da Teoria da Evolução*. Companhia das Letras. São Paulo, 1998.
- _____. *Desvendando o Arco-Íris. Ciência, Ilusão e Encantamento*. Companhia das Letras: São Paulo, 2000.
- _____. *O Relojoeiro Cego*. Companhia das Letras: São Paulo, 2001.
- DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do paraíso?* Companhia das Letras: São Paulo, 2003.
- DENNET, Daniel C. *A Perigosa Idéia de Darwin*. Rocco: Rio de Janeiro, 1998.
- DESCARTES, René. *Discurso do Método*. Edições de Ouro: Rio de Janeiro, 1965.
- _____. *Princípios de Filosofia*. Hemus: São Paulo, 1968.
- DETHLEFSEN, Thorward & RÜDIGER, Dahlke. *A Doença como Caminho*. Cultrix: São Paulo, 1997.
- DEUTSCH, David. *A Essência da Realidade*. Makron Books: São Paulo, 2000.
- DELUMEAU, Jean. *O que sobrou do Paraíso*. Companhia das Letras: São Paulo, 2003.
- DYSON, Freeman. *Mundos Imaginados*. Companhia das Letras: São Paulo, 1998.
- ECKHART (Mestre). *O Livro da Divina Consolação e outros textos seletos*. Vozes: Petrópolis, 1991.
- _____. *A Mística de Ser e de não Ter*. Vozes: Petrópolis, 1983.
- EINSTEIN, Albert. *Como vejo o Mundo*. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1981.
- EPICTETO. *Máximas*. Edições de Ouro: Rio de Janeiro, 1966.
- ESCOTO, João Duns. *Pode-se provar a Existência de Deus?* Vozes: Petrópolis, 1972..
- FROMM, Erich. *Psicanálise da Sociedade Contemporânea*. Zahar Editores: Rio de Janeiro. 1967.

- _____ *Análise do Homem*. Zahar Editores: Rio de Janeiro. 1966.
- _____ *Psicanálise e Religião*. Livro Ibero Americano: Rio de Janeiro. 1962.
- _____ *O Espírito de Liberdade*. Zahar Editores: Rio de Janeiro. 1967.
- _____ *O Medo à Liberdade*. Zahar Editores: Rio de Janeiro. 1967,
- _____ *Anatomia da Destrutividade Humana*. Zahar Editores: Rio de Janeiro. 1975.
- GILSON, Etienne. *A Filosofia na Idade Média*. Martins Fontes: São Paulo, 1998.
- GLEYSCK, James. *Caos. A Criação de uma Nova Ciência*. Editora Campus: Rio de Janeiro, 1990.
- GOSWAMI, Amit. *O Universo Autoconsciente: como a Consciência cria o mundo material*. Editora Rosa dos Tempos: Rio de Janeiro, 1998.
- GOULD, Stephen Jay. *Darwin e os Grandes Enigmas da Vida*. Martins Fontes: São Paulo. 1987.
- GREEN, Brian. *O Universo Elegante*. Companhia das Letras: São Paulo, 2001.
- GRIBBIN, John. *Tempo – O Profundo Mistério do Universo*. Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1983.
- _____ *A Procura do Gato de Schrödinger*. Editorial Presença: Lisboa, s/d.
- GUITTON, Jean, BOGDANOV Grichka & Igor BOGDANOV. *Deus e a Ciência em Direção ao Metarrealismo*. Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1992.
- HADOT, Pierre. *O que é a Filosofia Antiga*. Edições Loyola: São Paulo, 1999.
- HALL, Edward T. *A Dimensão Oculta*. Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1977.
- HANNA, Thomas. *Corpos em Revolta*. Edições MM: Rio de Janeiro, 1972.
- HAWKING, Stephen W. *Uma Breve História do Tempo. Do Big Bang aos Buracos Negros*. Rocco: Rio de Janeiro. 1988.
- _____ *Buracos Negros, Universos-Bebês e outros Ensaio*. Rocco: Rio de Janeiro. 1995.
- _____ *O Universo numa Casca de Noz*. Editora Mandarin: São Paulo, 2001.
- HEISENBERG, Werner. *Física e Filosofia*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1981.
- HOBBS, Thomas. *A Natureza Humana*. Imprensa Nacional: Lisboa, Portugal, 1983
- _____ *Leviatã, ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*. Editora Martin Claret: São Paulo, 2001.
- HORGAN, John. *O Fim da Ciência. Uma Discussão sobre os Limites do Conhecimento Científico*. Companhia das Letras: São Paulo, 1998.
- _____ *A Mente Desconhecida. Por que a Ciência não consegue replicar, medicar e explicar o Cérebro*. São Paulo, 2002. Companhia das Letras.
- HUME, David - *DeI Conocimiento*. Aguilar: Buenos Aires. 1973.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. Editora Perspectiva: São Paulo, 1980.
- JAEGER, Werner. *Paideia*. Martins Fontes: São Paulo, 1979.
- KAKU, Michio. *Hiperespaço. Uma Odisséia Científica através de Universos Paralelos, Empenamentos do Tempo e a Décima Dimensão*. Rocco: Rio de Janeiro, 2000.
- _____ *Visões do Futuro. Como a Ciência revolucionará o Século XXI*. Rocco: Rio de Janeiro, 2001.
- KANT, Emanuel. *Fundamentos da Metafísica dos Costumes*. Edições de Ouro: Rio de Janeiro. 1967.
- _____ *Crítica da Razão Pura*. Edições de Ouro: Rio de Janeiro. 1966.
- _____ *Crítica da Razão Prática*. Edições de Ouro: Rio de Janeiro. 1967.
- KASTENBAUM, Robert. *Haverá Vida depois da Morte?* Nórdica: Rio de Janeiro. 1989.

- _____ *Velhice. Anos de Plenitude*. Editora Harper & Row do Brasil Ltda: São Paulo, 1981.
- KASTENBAUM, Robert & AISENBERG, Ruth. *Psicologia da Morte*. Editora Universidade de São Paulo: São Paulo. 1983.
- KAYZER, Win. *A Maravilhosa Obra do Acaso*. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1998.
- KLUCKHOHN, Clyde. *Antropologia. Um Espelho para o Homem*. Itatiaia. Belo Horizonte, 1963.
- KLUCKHOHN, Clyde, MURRAY, Henry A. SCHNEIDER, David M. *Personalidade na Natureza, na Sociedade, na Cultura*. Itatiaia: Belo Horizonte, 1965.
- KOESTLER, Arthur. *Jano*. Melhoramentos: São Paulo, 1981.
- _____ *O Fantasma da Máquina*. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1969.
- _____ *O Homem e o Universo*. Ibrasa: São Paulo, 1989.
- KOYRÉ, Alexandre. *Do Mundo Fechado ao Universo Infinito*. Gradiva: Lisboa, Portugal, s/d.
- KRISHNAMURTI, Jiddu. *Comentários sobre o Viver*. Cultrix: São Paulo, 1961.
- _____ *Reflexões sobre a Vida*. Cultrix: São Paulo, 1963.
- _____ *A Primeira e Última Liberdade*. Cultrix: São Paulo, 1968.
- _____ *Diálogos sobre a Vida*. Cultrix: São Paulo, 1965.
- KRISHNAMURTI, Jiddu & BOHM, David - *O Futuro da Humanidade*. Cultrix: São Paulo. 1989.
- _____ *A Eliminação do Tempo Psicológico*. Cultrix. São Paulo, 1989.
- KUHN, Thomas S. *A Estrutura das Revoluções Científicas*. Editora Perspectiva: São Paulo. 1982.
- _____ *A Tensão Essencial*. Edições 70. Lisboa. 1989.
- LAO-TSE . *Tao Te King*. Alvorada. São Paulo. 1973.
- LAËRTIOS, Diógenes. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Editora Universidade de Brasília: Brasília, 1977.
- LATIL, Pierre de - *O Pensamento Artificial. Introdução à Cibernética*. Ibrasa. São Paulo. 1968.
- LASZLO, Ervin. *Nas Raízes do Universo*. Instituto Piaget: Lisboa. 1992.
- _____ *Conexão Cósmica. Guia Pessoal para a Emergente Visão da Ciência*. Editora Vozes: Petrópolis, 1999.
- LEIBNIZ, Gottfried W. *Nuevo Tratado sobre el Entendimiento Humano*. Aguilar: Argentina. 1971
- _____ *Monadologia*. Aguilar: Argentina, 1968.
- _____ *Sistema Nuevo de la Natureza*. Aguilar: Argentina, 1979.
- _____ *Discurso de Metafísica*. Aguilar: Argentina, 1972.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Editora 34: São Paulo, 1999.
- _____ *A Conexão Planetária*. Editora 34: São Paulo, 2001.
- _____ *As Tecnologias da Inteligência. O Futuro do Pensamento na Era da Informática*. Editora 34: São Paulo, 2001.
- _____ *O que é o Virtual?* Editora 34: São Paulo, 1996.
- LINTON, Ralph. *O Homem: uma Introdução à Antropologia*. Livraria Martins Editora. São Paulo. 1968.

- _____ *Cultura e Personalidade*. Editora Mestre Jou. São Paulo. 1973.
- LOCKE, John. *Ensaio acerca do Entendimento Humano*. Abril Cultural: São Paulo, 1978.
- LOVELOCK, James. *As Eras de Gaia. A Biografia da Nossa Terra Viva*. Editora Campus. Rio de Janeiro. 1991.
- LUCRÉCIO. *Da Natureza*. Edições de Ouro: Rio de Janeiro, s/d.
- LUMSDEN, Charles & WILSON, Edward. *O Fogo de Prometeu. Reflexões sobre a Origem do Espírito*. Gradiva: Lisboa, Portugal, 1987.
- LURIA, A. R. *Fundamentos de Neuropsicologia*. Editora da Universidade de São Paulo: São Paulo, 1981.
- _____ *Desenvolvimento Cognitivo*. Editora Ícone: São Paulo, 1990.
- _____ *A Mente e a Memória*: Martins Fontes: São Paulo, 1999.
- MARGULIS, Lynn & SAGAN, Dorion. *Microcosmos. Quatro Biliões de Anos de Evolução Microbiana*. Edições 70. Rio de Janeiro. 1990.
- _____ *O Planeta Simbiótico: Uma Nova Perspectiva da Evolução*: Rocco: Rio de Janeiro, 2001.
- _____ *O que é a Vida?* Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2002.
- _____ *O que é Sexo*. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2002.
- MASI, Domenico de. *O Ócio Criativo*. Sextante: Rio de Janeiro, 2000.
- _____ *O Futuro do Trabalho: Fadiga e Ócio na Sociedade Pós-Industrial*. José Olímpio: Rio de Janeiro, 2001.
- _____ *A Economia do Ócio/Bertrand Russel & Paul Lafargue*. Sextante: Rio de Janeiro, 2001.
- MATURANA, Humberto. *A Ontologia da Realidade*. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2002.
- _____ *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2001
- MATURANA, Humberto R. & VARELA, Francisco J. *A Árvore do Conhecimento. As Bases Bio lógicas da Compreensão Humana*. Palas Athena: São Paulo, 2001.
- MEDAWAR, P. B. & MEDAWAR, J. S. *A Ciência da Vida*. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1978.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da Percepção*. Freitas Bastos: Rio de Janeiro, 1971.
- MONDOLFO, Rodolfo. *O Infinito no Pensamento da Antiguidade Clássica*. Editora Mestre Jou: São Paulo, 1968.
- _____ *O Pensamento Antigo*. Editora Mestre Jou: São Paulo, 1964.
- _____ *O Homem na Cultura Antiga*. Editora Mestre Jou: São Paulo, 1968.
- _____ *Figuras e Idéias da Filosofia da Renascença*. Editora Mestre Jou: São Paulo, 1967.
- MONTESQUIEU. *Do Espírito das Leis*. Editora Martin Claret: São Paulo, 2002.
- MONTAIGNE, Michel. *Ensaio*. Abril Cultural: São Paulo, 1980.
- MORAVEC, Hans. *Homens e Robot. O Futuro da Inteligência Humana e Robótica*. Gradiva: Lisboa, Portugal, 1992.
- MORIN, Edgar. *O Método*. Publicações Europa-América. Portugal.
- _____ *Ciência com Consciência*. Publicações Europa-América. Portugal.
- _____ *O Paradigma Perdido*. Publicações Europa-América. Portugal.

- _____ *O Homem e a Morte*. Publicações Europa-América. Lisboa, Portugal, s/d.
- _____ *Introdução ao Pensamento Complexo*. Instituto Piaget: Lisboa, 2001.
- _____ *A Cabeça Bem-Feita: Repensar a Reforma, Reformar o Pensamento*. Bertrand. Brasil: Rio de Janeiro, 2001.
- _____ *Para sair do Século XX*. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 1986.
- _____ *A Religação dos Saberes*. Bertrand Brasil: Rio de Janeiro, 2002.
- PARMÊNIDES. *Da Natureza*. Edições Loyola: São Paulo, 2002.
- PARMÊNIDES, ZENON, MELISSO. *Fragmentos*. Aguilar, Buenos Aires, 1970.
- PASCAL, Blaise - *Pensamentos*. Publicações Europa-América: Mira-Sintra, Portugal, 1978.
- PENFIELD, Wilder. *O Mistério da Mente*. Atheneu Editora: São Paulo, 1983.
- PLATÃO. *Diálogos*. Edições de Ouro: Rio de Janeiro, 1966.
- PRIGOGINE, Ilya & STENGERS, Isabelle. *A Nova Aliança*. Editora Universidade de Brasília. Brasília. 1984.
- _____ *Entre o Tempo e a Eternidade*. Gradiva. Lisboa. 1990.
- _____ *O Fim das Certezas. Tempo, Caos e Leis da Natureza*. Editora Unesp: São Paulo, 1996.
- RAMACHANDRAN, V.S. & BLAKESLEE, Sandra. *Fantasmas no Cérebro: Uma Investigação dos Mistérios da Mente Humana*. Record: Rio de Janeiro, 2002.
- REEVES, Hubert. *Um pouco mais de Azul: a Evolução Cósmica*. Martins Fontes: São Paulo, 1986.
- ROHDEN, HUBERTO. *A Grande Libertação*. Freitas Bastos: Rio de Janeiro, 1962.
- _____ *O Triunfo da Vida sobre a Morte*. Freitas Bastos: Rio de Janeiro, 1960.
- _____ *Setas na Encruzilhada*. Freitas Bastos: Rio de Janeiro, 1967.
- ROSE, Steven. *O Cérebro Consciente*. Editora Alfa-Ômega: São Paulo, 1984.
- ROSS, David. *Aristóteles*. Publicações dom Quixote: Lisboa, 1987.
- RÜDIGER, Dahlke. *A Doença como Linguagem da Alma*. Cultrix: São Paulo, 1999.
- RUSSELL, Bertrand. *Fundamentos de Filosofia*. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1977.
- _____ *ABC da Relatividade*. Zahar Editores. Rio de Janeiro. 1966.
- _____ *Nosso Conhecimento do Mundo Exterior*. Companhia Editora Nacional. Paulo. 1966.
- SCHRÖDINGER, Erwin. *O que é a Vida?* Editorial Fragmentos: Lisboa, s/d.
- SEARLE, John R. *A Redescoberta da Mente*. Martins Fontes: São Paulo, 1997.
- _____ *O Mistério da Consciência*. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1998.
- _____ *Mente, Linguagem e Sociedade. Filosofia no Mundo Real*. Rocco: Rio de Janeiro, 2000.
- SHELDRAKE, Rupert. *Renascimento da Natureza. O Reflorescimento da Ciência e de Deus*. Editora Cultrix: São Paulo, 1993.
- SOROKIN, Pitirim A. *Sociedade, Cultura e Personalidade*. Editora Globo: Porto Alegre, 1968.
- SPINOZA, Baruch. *Ética*. Edições de Ouro: Rio de Janeiro, 1965.
- STEWART, Ian. *Deus joga Dados? A Nova Matemática do Caos*. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1991.
- STÖRIG, Hans Joachim. *A Aventura das Línguas. Uma Viagem através da História dos Idiomas do Mundo*. Melhoramentos: São Paulo, 1993

- SZAMOSI, Géza. *Tempo & Espaço. As Dimensões Gêmeas*. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1988.
- TALBOT, Michael - *O Universo Holográfico*. Editora Best Seller: São Paulo, s/d.
- THOMPSON, Oliver. *A Assustadora História da Maldade*. Prestígio Editorial: São Paulo, 2002.
- TOBEN, Bob & WOLF, Alan. *Espaço-Tempo e Além*. Editora Cultrix: São Paulo, 1982.
- TREFIL, James. *Somos Diferentes?* Rocco: Rio de Janeiro, 1999.
- UBALDI, Pietro. *As Noúres. Técnica e Recepção das Correntes de Pensamento*. Fundápu:Campos, 1981.
- _____ *Deus e o Universo*. Fundápu: Campos,1984.
- _____ *A Grande Síntese*. Lake: São Paulo, 1976.
- _____ *O Sistema (Gênese e Estrutura do Universo)*. Monismo. São Paulo. 1959.
- _____ *Problemas do Futuro.O Problema Psicológico, Filosófico e Científico*. Lake. São Paulo: São Paulo. 2a. Ed. s/d.
- VIVEKANANDA, Swami. *Karma Yoga*. Editora Pensamento: São Paulo, s/d.
- WALTER, W, Grey. *A Mecânica do Cérebro*. Zahar Editores: Rio de Janeiro. 1962.
- WATSON, Lyall. *Maré da Vida. Uma Biologia do Inconsciente*. Difel: Rio de Janeiro/São Paulo, 1980.
- _____ *Supernatureza. A História Natural do Sobrenatural*. Edições Melhoramentos: São Paulo, 1976.
- _____ *Onde vivem as Lendas*. Difel: Rio de Janeiro/São Paulo, 1979.
- WATTS, Alan W. *A Sabedoria da Insegurança*. Editora Record: Rio de Janeiro, s/d.
- WEBER, Renée. *Diálogos com Cientistas e Sábios*. Cultrix: São Paulo. 1988.
- WEINBERG, Steven.*Os Três Primeiros Minutos.Uma Discussão Moderna sobre a Origem do Uni verso*. Editora Guanabara Dois: Rio de Janeiro, 1980.
- _____ *Sonhos de uma Teoria Final*. Rocco: Rio de Janeiro, 1996.
- WERTHEIM, Margaret. *Uma História do Espaço de Dante à Internet*. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 2001.
- WIENER, Norbert. *Cibernética e Sociedade. O Uso Humano dos Seres Humanos*. Cultrix: São Paulo. 1970.
- WILBER, Ken.*O Espectro da Consciência*. Cultrix: São Paulo. 1990.
- _____ *Transformações da Consciência*: Cultrix: São Paulo. 1999.
- _____ *O Projeto Atman*. Cultrix: São Paulo. 1999.
- _____ *Cuestiones Cuánticas. Escritos Místicos de los Físicos más Famosos del mundo: Heisenberg, Schrödinger, Einstein, Jeans, Planck, Paulli, Eddington*. Editado por Ken Wilber. Editorial Kairos: Barcelona, España, 1994.
- WILSON, David A. *A História do Futuro*. Ediouro: Rio de Janeiro, 2002.
- WILSON, Edward O. *A Unidade do Conhecimento. Consiliência*. Editora Campus: Rio de Janeiro, 1999.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Vozes: Petrópolis, 1994.
- ZIEGLER, Jean - *Os Vivos e a Morte*. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1977.

